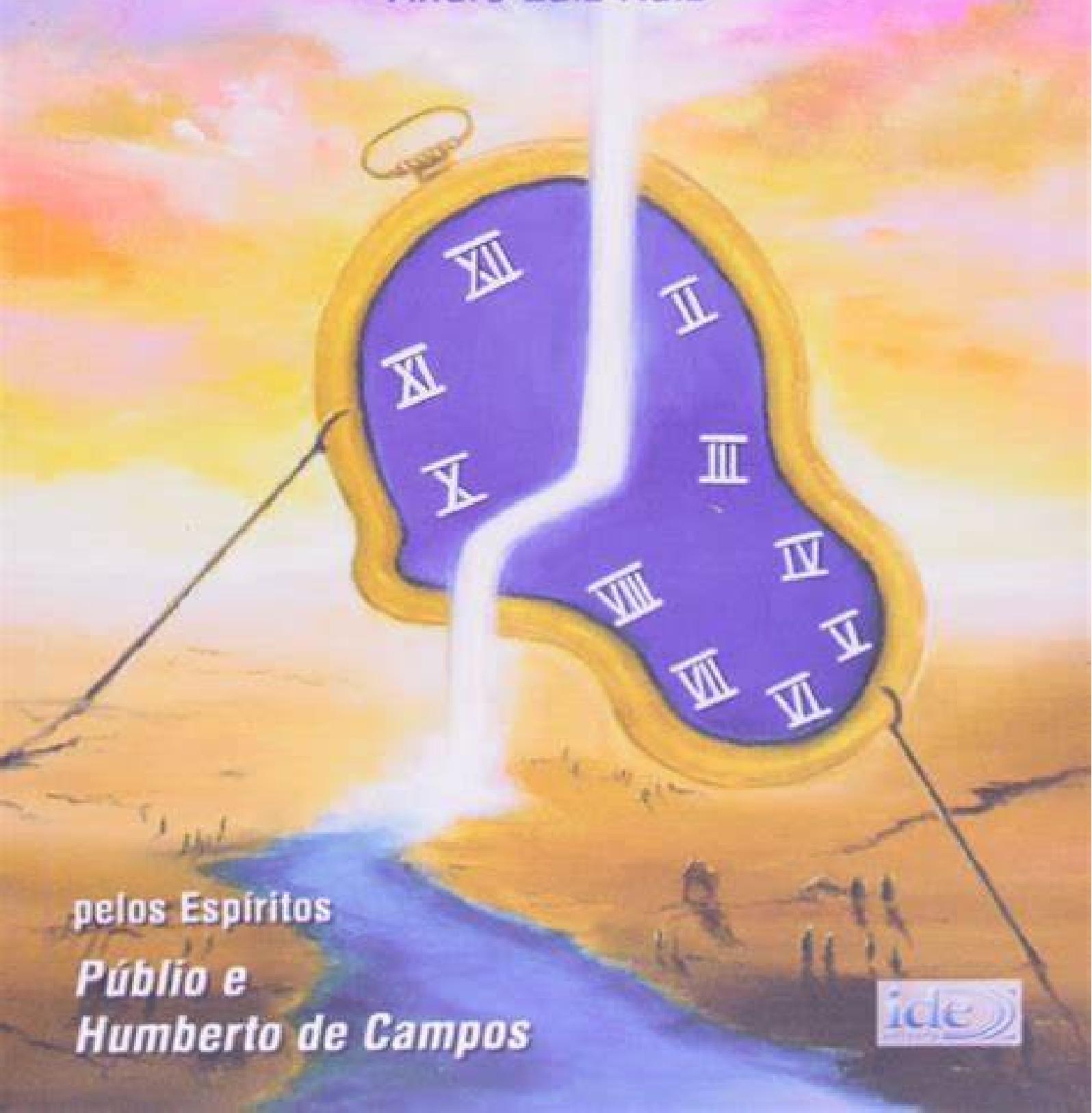


DA TERRA PARA O CÉU

André Luiz Ruiz



pelos Espíritos

Públio e

Humberto de Campos



André Luiz Ruiz

PÚBLIO E HUMBERTO DE CAMPOS

1ª edição - **10.000** exemplares - abril/**2004**

ISBN **85-7341-314-X**

Palavras de Públio

Prezados Irmãos,

São muitas as lições generosas deixadas por Jesus e esquecidas pelo homem em seu dia-a-dia.

Assim, as páginas desta obra levam até o vosso espírito, através da acuidade de Humberto de Campos, a reflexão para o agora, nas suas idiossincrasias, nos conflitos da emoção, na hipocrisia da vida, na imaturidade do espírito encarnado perante as grandezas da verdade.*

Não é crítica a uma religião mais do que à outra, a um hábito, a um vício ou a um defeito em detrimento de outro. É a constatação do que somos todos e a reflexão do que poderemos ser nos esforços da própria transformação.

(*) Neste livro os textos de Públio se apresentam nos Capítulos ímpares e as páginas de Humberto de Campos, nos capítulos pares. (Nota do médium.)

Levarão ao sorriso, à indignação talvez, ao estado meditativo e à situação daquilo a que chamais “vestira carapuça”.

Não é o desejo dos espíritos que assim o seja. Como vereis, falamos do que ocorre em vosso meio, sem as ilusões ou fantasias com as quais se enganam as avaliações pessoais.

A palavra de Humberto mostra como são vistos os homens perante a verdade do mundo invisível, nada mais.

E livre e bem-vinda, no entanto, a consideração de que possa se adaptar perfeitamente, um que outro caso, ao manequim do próprio leitor.

Se isso acontecer, dão-se, os vossos amigos invisíveis, por satisfeitos, não sem antes dizer que a carapuça que nos pertencia, a nudez da nossa miséria pessoal, constatada depois que aqui chegamos, já se incumbiu de nos colocar, sem as sutilezas com as quais nos preocupamos ao apresentar-vos esta obra, quando, por muito amar-vos, tentamos atenuar a dor da vergonha através de histórias reais, envolvendo outros personagens.

Elevar-se da Terra para o Céu, eis o convite do Amor que vos chega ao espírito para encontrar o rumo da luz.

Que Jesus vos ajude a subir e vos abençoe!

Públio

Campinas, **03** de outubro de **2003**

Palavras de Humberto de Campos

Prezado leitor,

Acostumado às redações onde corria fácil a notícia que, muitas vezes, se transformava em versão da verdade, sempre me deparei com fatos e a eles me ative para extrair, de sua nudez, o ensinamento que nos edifica.

Todavia, aqui me coloco como o bisonho aprendiz do ofício de pensador, relembrando a

difícil jornada de minha formação como repórter, agora ao lado daquele que, pensador luminoso, aceitou apagar-se para que não me ofuscasse a indigência.

O pálido esforço de relatar casos e dissecar personalidades servirá, apenas, como o modesto pano de fundo da positiva e direta, franca e austera, amiga e luminosa reflexão de Públio, graças à qual nos reerguemos dos meandros da versão, para a nitidez da verdade. Falo das coisas humanas da Terra enquanto ele nos embeleza com as visões espirituais do Céu.

A Públio pertence o prato principal que tive a oportunidade invulgar de guarnecer com o molho suave das histórias de todos os dias. Que o molho não seja mais importante do que o manjar.

E, se você se encontrar aqui ou ali, estejamos certos de que, mais do que pretender retratar a sua personalidade, os defeitos humanos em sua maioria, ainda são, na verdade, o traço comum que nos torna mais irmãos, mais ainda na miséria do que na graça.

Da Terra para o Céu seguem a Jesus e a Kardec as nossas homenagens pequeninas.

Para você, o nosso carinho de irmãos imperfeitos.

Humberto de Campos. Campinas, 3 de outubro de 2003"3

Imunização Espiritual

Se te decides, efetivamente, a imunizar o coração contra as influências do mal, é necessário te convenças:

Que todo minuto é chamamento de Deus à nossa melhoria e renovação;

Que toda pessoa se reveste de importância particular em nosso caminho;

Que o melhor processo de receber auxílio é auxiliar em favor de alguém;

Que a paciência é o principal ingrediente na solução de qualquer problema;

Que sem amor não há base firme nas construções espirituais;

Que o tempo gasto em queixa é furtado ao trabalho;

Que desprezar a simpatia dos outros, em nossa tarefa, é o mesmo que pretender semear um campo sem cogitar de lavrá-lo;

Que não existem pessoas perversas e sim criaturas doentes a nos requisitarem amparo e compaixão;

Que o ressentimento é sempre foco de enfermidade e desequilíbrio;

Que ninguém sabe sem aprender e ninguém aprende sem estudar;

E que, em suma, não basta pedir aos Céus, através da oração, para que baixem à Terra, mas também cooperar, através do serviço ao próximo, para que a Terra se eleve igualmente para os Céus.

Emmanuel”

(Extraído do livro PAZ E RENOVAÇÃO, psicografado por Francisco Cândido Xavier, editado pelo Instituto de Difusão Espírita, da cidade de Araras, Estado de São Paulo.)

Campinas, 14 de agosto de 2003

1 Tempo é riqueza

PÚBLIO

As horas da vida se adiantam e mais e mais o ponteiro do relógio demonstra a sua incapacidade de regredir aos tempos sossegados de um passado que parecia maistranquilo.

Cada hora é bênção de ação na trajetória do ser que, dentre as inúmeras virtudes que possui em seu interior, menospreza a capacidade de realizar que detém, reclamando por melhores condições de vida material.

Tempo que falta para as realizações da renúncia, mas que é abundante no tempo que se desperdiça nas lamentações.

Seu passar imperceptível surpreende os adormecidos que, na sucessão inconsciente de cada nova jornada diária, admiram espantados a sucessão dos meses na folhinha e exclamam, aterrados: - Puxa vida! Já está chegando o fim do ano...!

As bênçãos do tempo futuro seguem esperando para serem colhidas nos atos dos que as possam aproveitar para realizar o bem no caminho do mundo, como a terra fértil à espera da semente valiosa.

As bênçãos perdidas no tempo passado são a expressão triste da Terra Improdutiva, a cobrarem o tributo das ervas daninhas abundantes e desafiadoras na sua rusticidade e vigor, em um ambiente que lhes favorece o crescimento natural.

Olhar o campo que temos pela frente pelo prisma da fecundidade ou do abandono estimularão coração atento a decidir qual será a melhor medida para a aplicação de suas horas, sempre na condição daquele que tem a possibilidade de fazer as coisas de maneira a espalhar, na seara do tempo, as sementes das boas obras ou daquele que as deixa mofar no celeiro de suas boas ideias nunca colocadas a serviço da realização concreta.

Conhecedores da realidade do espírito, não nos cabe mais dilapidar um patrimônio que pertence a Deus, como o mal servo da parábola que, amedrontado, enterrou a moeda recebida por medo do Senhor rigoroso.

O momento presente pede ação no Bem, acima de todas as coisas.

Mais até do que as necessidades de sobrevivência cada vez mais avassaladoras e insensatas, a tirarem do equilíbrio os corações vulneráveis e frágeis de criaturas ansiosas e cheias de desejos, o tempo presente requisita daqueles que creem nos supremos artigos espirituais, abnegação, renúncia e efetivo trabalho no devotamento à causa do Verdadeiro Amor.

Os preguiçosos encontrarão o salário da enfermidade moral ou física a cuidar de seu estado íntimo.

Os agentes da ambição encontrarão o pagamento das frustrações e dos embates com outros ambiciosos mais violentos e agressivos.

Os cantadores do prazer se defrontarão com o esgotamento das próprias forças, nas confusões de seus sentimentos e nos dramas afetivos convertidos em tragédias pessoais.

Os competidores contumazes acabarão atirados às derrotas fragorosas que os reconduzirão ao bom senso.

Os trabalhadores do Bem encontrarão o trabalho e o campo por semear, nas formas de construir o equilíbrio que os outros precisarão, no momento de sua derrocada inexorável.

Entender qual é o melhor trajeto é decisão da maturidade do espírito.

Aquilo que escolhemos demonstra a quantidade de luzes que albergamos em nossa alma.

Aquilo que construímos dá notícia da quantidade das virtudes divinas que aceitamos realizar em nós.

“O servidor que soube a vontade de seu senhor e que, todavia, não estiver preparado e não tiver feito o que esperava dele, será batido rudemente; mas aquele que não soube sua vontade, e que tiver feito coisas dignas de castigo, será menos punido. Muito se pedirá àquele a quem se tiver

muito dado, e se fará prestar maiores contas àqueles a quem se tiver confiado mais coisas.” (São Lucas, cap. XII, v^{47,48}).

2 No tribunal do relógio

HUMBERTO DE CAMPOS

Era estranha a situação em que se via envolvido o nosso irmão Horácio Sá dos Prazeres.

No ambiente solene estavam muitos outros como ele, esperando o início de uma cerimônia.

As portas cerradas mantinham o interior isolado do mundo e, apenas o monótono tic-tac emprestava alguma ação que quebrasse a rotina daqueles instantes.

E, para surpresa de Horácio, que, naqueles dias havia entrado na casa dos sessenta de idade, no banco em que sentava sozinho parecia estar na condição dos réus, sem entender a que estranho procedimento seria submetido, naquele que mais parecia um ambiente de tribunal, mas de um tipo que ele jamais houvera conhecido em qualquer lugar da Terra.

O mecanismo que fazia o estranho ruído, ainda que oculto, lembrava o velho relógio a que estava afeiçoado nas experiências no mundo dos vivos. Mas, então, por que estaria ali, naquele estranho recinto, agora na condição daquele que seria julgado? Porventura teria morrido?

De nada se lembrava.

Mas era inegável a impressão de tribunal e de julgamento.

E, caindo mais em si mesmo depois do primeiro espanto, Horácio percebeu que dois bem trajados promotores se achavam postados, prontos para a ação, naquilo que lhes parecia ser o seu augusto dever: a acusação.

- Todos de pé - gritou alguém. - Vamos receber o ilustre magistrado.

E todos os membros da assistência - Dona Engrenagem e sua família de engrenagzinhas, o Sr. Eixo, os inúmeros Srs. Parafusos, a Dona Corda e suas primas Donas Rodae Roldaninha, entretantos outros que ali estavam - reverentes se levantaram esperando o início do ritual de julgamento.

Suspense ainda maior quando a porta se abriu e, de maneira austera e muito séria, ingressou no ambiente aquele que deveria conduzir a audiência.

Tratava-se do ilustre magistrado Dr. Pêndulo, autoridade maior naquele lugar e a quem incumbia tudo fazer caminhar segundo o ritmo que ele próprio imprimia.

- Mas se eu sou o réu, de que serei julgado? - perguntava-se, algo preocupado, o nosso irmão Horácio.

O relógio, nos exatos instantes em que se iniciaria o julgamento, tocou suas monótonas badaladas, anunciando o início da sessão, cronometrada pelo rigor dos seus rituais seculares.

Já algo aflito, Horácio Sá dos Prazeres buscou informações mais claras, inclusive entre os que assistiam a audiência na qual ele próprio seria apreciado.

- Será que, ao menos, terei advogado? - pensava o réu, lembrando-se dos tempos em que precisara dos serviços de um bacharel. - Será que existe advogado aqui no céu?

A ideia da Justiça Divina lhe intuía de que, se existiam dois para acusar, ao menos um para defendê-lo ele teria. Mas onde estava? Deveria defender-se sozinho?

Tomando a palavra, equilibrado, o ilustre magistrado elevou a voz para dar abertura ao julgamento:

- Está aberta a audiência do Tribunal Superior do Relógio, avaliando os delitos

específicos cometidos contra o Tempo.

Nunca Horácio tinha ouvido falar daquela corte.

- Deve ser um tribunal para os que estão vivos depois da morte! - pensou ele, tremendo de medo, agora que percebia que a morte já lhe poderia ter chegado bem mais cedo.

Fitando o banco de acusação, o Dr. Pêndulo cumprimentou os dois promotores. Eram velhos conhecidos seus, os dois doutores que ali estavam agora: O Dr. Minuto e o Dr. Hora.

Balançando austeramente a cabeça, a fim de demonstrar imparcialidade, o Juiz, educado, apresentou seu respeito àqueles que demandariam o réu, naquele processado. Respondeu do mesmo jeito, primeiramente o Dr. Hora, mais velho e experiente e, logo depois, seu assistente, mais jovem e igualmente resoluto, o Dr. Minuto.

Voltou então sua cabeça altiva para o banco onde Horácio estava passando os apuros daquela hora decisiva.

E, surpreso, o Dr. Juiz ali não viu aquele que deveria defender o réu já meio assustado.

- Onde está o seu advogado? - perguntou firme o magistrado ao réu.

- Não sei se existe advogado aqui no céu! - respondeu, tremendo, Horácio que nada estava entendendo.

Agitaram-se os presentes, o público em geral, pois, sem advogado algum, o réu seria, fataimente, condenado no final.

Mas o suspense não durou muito.

Abrindo a porta ruidosamente, eis que um advogadozinho entra, lépido, estabanado, carregando pastas semi-abertas, com o colarinho desalinhado, tropeçando no tapete, apressado.

- Desculpe, seu magistrado, desculpe. Estou atrasado. Tentei correr o mais que pude, mas estava lá no fim do mundo - disse tentando desculpar-se. - Eu sou o Dr. Segundo.

Olhando-o, lá do alto, tolerante, o juiz fez um sinal de aceitação e permitiu que se sentasse o esbaforido que, naquele instante, conheceria pessoalmente o réu a quem a defesa lhe incumbia.

- Eu sou o seu advogado. Você está preparado? - perguntou o recém-chegado, nervoso, todo suado.

- Bem, eu não sei de nada - falou Horácio - nem sei por que aqui fui colocado.

- Ora, meu amigo, você será julgado e aqui, bem do meu lado, você me diz que não faz ideia? Tive o maior trabalho para tentar encontrar material para o defender e você não tem mais nada prá me dizer?

- Escute aqui, Dr. Segundo - respondeu confuso Horácio, em abatimento profundo. - Eu não sei o que é isto aqui, nem do que me acusam. Se você me explicar, quem sabe a gente possa conversar.

- Bem, Horácio, este é o Tribunal Superior do Relógio...

- Isso eu já sei porque falaram sobre ele enquanto você não tinha chegado.

- Está bem. Agora, você será avaliado sobre a maneira como usou o Tempo que dispunha na Terra. Aqueles são o Dr. Hora e o Dr. Minuto, sempre muito calmos e seguros porque estão cheios de acusações. E eu ando assim, mal arrumado, porque tenho que ganhar minha vida de advogado defendendo a maioria dos acusados sem quase nenhuma prova favorável.

Não tiveram mais tempo para conversar.

Recebendo a palavra, o Dr. Hora se pôs a falar.

- Senhor Juiz, com o devido acatamento que a audiência pede, não me parece que o réu

mereça qualquer atenuante que melhore a sua situação. Em sua trajetória, nos arquivos do Tempo que nos foram revelados, o acusado contou com mais de quinhentas e vinte e cinco mil e seiscentas horas de vida, das quais mais de cento e setenta e cinco mil ele dormiu.

Nas horas que lhe sobraram, desperdícios não faltaram. Gastou-as, a maioria, na ociosidade com que assassinou aquele que, sem qualquer defesa, era corroído cruelmente. E na torpeza de sua alma inconsequente, se orgulhava de dizer que o que mais almejava e mais lhe dava prazer era o Tempo que ele matava.

E, assim, réu confesso, que não merece nenhuma compaixão. Horas e mais horas, jogou fora na frente da televisão. Cada jogo de futebol eram 2 horas assassinadas. Cada filme ou novela, lá se iam mais horas jogadas pela janela. Lavando o carro, jogando conversa fora, lá ia o réu assassinando, impiedosamente, mais e mais horas.

Dessa maneira irresponsável, o réu viveu sua vida inteira. Se era para gozar, lá estava o réu pronto prá “trabalhar”. Alias, usou um pouco do seu tempo com o trabalho material, mas mesmo nele procurou sempre fazer o menos possível, sem se ocupar de aproveitá-lo. Sonhava com o apito da fábrica onde trabalhava. E ridicularizava os colegas que se empenhavam em fazer um pouco mais, tratando-os com quase ódio, dizendo que quem trabalhava de graça era o relógio.

- OHHHHHHHHH! - foi a exclamação larga e sonora, demonstrando a indignação de todos os presentes.

Roldana, Engrenagem, Corda, Parafuso olharam entre si e depois miraram o réu, que até então parecia inocente.

Todos o fitavam, acusadoramente.

- Que cinismo-diziam uns.

- Meu Cronos, que irônico e leviano - diziam outros naquele Tribunal.

E, acusado desse jeito, Horácio começou a passar mal.

Tudo aquilo era verdade, agora reconhecia. Quanta hora jogou fora desejando enganar o dia. Lembrou-se do dever que lhe dava preguiça, mas reconheceu quanto tempo gastava entre a picanha e a linguça.

- Sou filho de Deus, tenho direito ao lazer - era o que Horácio dizia, procurando se defender.

- Fique aí, bem calado. Eu sou seu advogado - respondia Dr. Segundo. Isso não é argumento. É a desculpa de todo mundo.

Depois de sua exposição lenta e pausada durante a qual o Dr. Hora levantou as acusações contra Horácio, o primeiro acusador sentou-se, vitorioso e entregou a palavra ao Dr. Minuto para dar prosseguimento àquele trabalho que, à vista de todos, estava parecendo muito fácil.

- Pois então, seu magistrado, o colega que me antecedeu demonstrou que é fato incontroverso ser o réu, um réu confesso.

Se a maioria de suas horas ele desperdiçou, os minutos, então, foi uma esbanjação. Foram trinta e um milhões, quinhentos e trinta e seis mil minutos, o que pode parecer muita chance para ser vivida e aproveitada, mas a maioria foi desperdiçada. Durante o dia, minutos preciosos ele consumia na leitura do jornal, que só falava de desgraça e o fazia passar mal, colocando medo em seu pensamento e deixando-o nervoso e violento.

Enquanto ia matando as horas no trabalho, os minutos iam sendo gastos de modo impreciso e falho, conversando sem atenção, fazendo fuxicos, espalhando boatos, discutindo sobre a

posição de seu time no campeonato.

Entre as horas do dia, pouca coisa de importante ele fazia. Quando um amigo com problemas o procurava lhe pedindo uns minutinhos para uma conversa ou desabafo, estava sempre atrasado, com pressa ou dando tratos ao garfo. Faltava-lhe paciência para aproveitar os minutos que passavam e, m'esmo na crença não gostava de demorar-se com Deus. Os minutos, pensava ele, eram seus e ele não iria usá-los mal. Nada de gastá-los com o lado espiritual. Queixava-se sempre da falta de tempo, mas, cruel e indiferente, ia matando a vítima inocente. Perdido no engarrafamento sem usar nenhum desses momentos para ler ou meditar, gastava milhares de minutos vociferando xingamentos, produzindo pensamentos brutos, acusando o presidente, o governador, o prefeito, criticando o mundo de todo jeito. Ao longo de sua vida, jamais usou os minutos da forma mais adequada a proteger e homenagear o tempo que a vida lhe estava a presentear. Se fez alguma coisa boa com ele, foi sempre com a intenção de tirar algo material, nunca gostando de empregar os mais modestos minutos em ideais mais nobres, amparando crianças ou adultos, ajudando os pobres, visitando os doentes. Afinal, nunca tinha tempo no presente. Quem sabe um dia... um pouco mais de tempo ele teria. Não gostava de ler ou estudar, não se preocupava em melhorar, pois estava sempre ocupado em matar os minutos sem nada fazer. Gastava milhares de outros minutos, fazendo jogos e apostas em loterias, mas muito poucos deles, em seus dias, usava para melhorar a si mesmo, deixando o tempo acorrentado na indiferença com que seguia a esmo.

Horácio, bem abalado, escutava tudo perdendo a cor natural, calado, sem reação. Sua vida, agora assim dissecada, era a mais exata expressão de uma vida mal aproveitada.

Pouca coisa lhe restaria, ainda mais agora que, diante da acusação do Dr. Minuto e do Dr. Hora, chegara a vez da defesa se manifestar sem ter argumento mais robusto ou mais profundo.

- A palavra é sua, Dr. Segundo.
- Agradecido, senhor Juiz. Peço a vossa clemência para o cliente que defendo.

Como o senhor está vendo, é fácil à promotoria acusar aquele que desperdiça cada minuto, cada hora, cada dia. Meu cliente não tem muito argumento a invocar.

Posso dizer, entretanto, que ao longo de sua vida, alguns segundos ele soube aproveitar. Seus sentimentos de nobreza ele experimentou quando, muitas vezes, se deixou emocionar por uma cena comovente de um miserável qualquer que encontrou. Na esfera dos segundos, ele aproveitou boa parte deles em pensar sobre o bem que gostaria de fazer. Se não gastou muitas horas nem minutos com as boas coisas que o edificassem, na esfera dos segundos podemos encontrar milhares deles onde o réu se deixou tocar pela emoção. Nos segundos encontraremos o indício de sua boa condição. Segundos em que fez alguém feliz, segundos nos quais sorriu e fez sorrir, segundos que gastou no impulso de ajudar um pobre que passou. Instantes que ele gastou em uma rápida oração, no meio da qual adormeceu ou se deixou levar por outro pensamento que vinha se insinuar. Na esfera dos segundos ele sonhou em transformar o mundo, em construir obras sociais, em tirar crianças da rua, em vestir a pobreza nua, em se ligar às verdades espirituais.

Nos segundos ele se deixou revelar no bem que sempre quis fazer ainda que nunca o fosse materializar. É um bom homem, se vossa autoridade puder avaliar com olhos que compreendem as ilusões que nos fazem gastar as horas e os minutos com tolas diversões e relegar, apenas, aos segundos, os nobres ideais de construirmos novos mundos.

Não tenho muito mais para falar. Meu cliente não pode se alegar inocente, mas pode, a

contento, ressuscitar o próprio tempo que ele se preocupou em matar ou em mal aproveitar.

Sentou-se o Dr. Segundo, como quem não pudera fazer coisa melhor por seu cliente diante de um quadro de provas tão incipiente.

O silêncio voltou a reinar. O Dr. Pêndulo ia julgar.

Depois de mergulhar a reluzente cabeça entre as mãos para deliberar, o magistrado tocou a pequena sineta que tinha à mão e fez entrar um grupo de soldados que, parecia, iria escoltar o réu até a prisão.

- Será condenação... - falaram alguns dos assistentes. Os guardas o levarão...
- Só pode merecer castigo, o indiferente.
- É o destino do inconsequente, a justa punição.

Levantaram-se todos os presentes, pois o magistrado ia ler a sentença especial.

- Horácio Sá dos Prazeres, não vejo, em seu caso, absolvição. Nos sessenta anos de vida material, muita irreflexão, falta de senso, excesso de ilusão. Perante as acusações do Dr. Hora e do Dr. Minuto, nenhuma argumentação do Dr. Segundo mudou minha opinião. Por isso, pela força da lei que não engana nem persegue, sua culpa é manifesta, não há quem negue.

Assim, decreto a sua condenação para seguir, imediatamente, para a cela na prisão, sem data certa para a liberdade. Sua pena maior será viver ali sem saber quando o deixarão sair, para pagar por sua ociosidade. Veja, no entanto, se ao menos na prisão, agora você aproveita e usa o tempo com mais consideração.

E batendo o martelo sobre a mesa, aos gritos de viva da assistência satisfeita com a condenação, o Juiz deu voz de prisão ao réu, que foi entregue aos soldados do Tribunal Superior do Relógio, que conduziram o condenado até a sua cela especial, onde, para seu desespero, foi encarcerado sem direito à apelação.

Cumprindo o ritual final da prisão, cada soldado, carregando um pequeno martelinho na mão, batia num sino de bronze as sessenta badaladas anunciando a condenação, uma para cada ano de vida mal aproveitada.

E entre o barulho do sino que retinia dentro da sua cela especial, Horácio Sá dos Prazeres acordou no corpo físico com o despertador que tocava, desesperado, na cabeceira de sua cama confortável, suado e apavorado, ante o grave sonho que havia tido.

Esfregou os olhos, apalpou o despertador na cabeceira, lutando para fazer parar a campainha renitente que o retirara daquele tormento que durara a noite inteira.

Mas o sonho fora tão real que, mesmo depois de acordado, Horácio continuava, impressionado, a passar mal. E na dúvida mental que procurava um motivo para o pesadelo na janta gordurosa da noite anterior, como se o óleo fosse a causa do terror, não encontrou nenhum fator que lhe pudesse ser considerado o culpado pela cena no tribunal.

Se fosse apenas alucinação, tudo poderia ser esquecido. No entanto, e se fosse um claro aviso?

Fora sonho? Fora verdade? Horácio não sabia. No entanto, depois de tudo o que passou, naquele sonho tão real, uma pergunta Horácio se fazia:

- Quanto mais de tempo ainda viveria? Seria aquele um aviso da morte que se aproximava?

O calafrio do medo percorria a sua espinha e ele não sabia dizer se ficara mais preocupado durante o sonho ou depois que regressara dos reinos de Morfeu.

A inquietação fez com que Horácio se lembrasse de algo superior e, temendo que se tratasse de um aviso que o preparasse para o desenlace final, o pobre homem voltou-se para o

lado espiritual e se pôs a rezar, ali mesmo, ao lado da cama, ajoelhado no chão.

- Eu te suplico, meu Senhor, dá-me um pouco mais de Tempo, por favor...

Lá estava Horácio Sá dos Prazeres, depois de ter assassinado os sessenta anos de tempo que recebeu, suplicando, em desespero, lhe fosse concedido um pouco mais.

Arrependimento pelo que fez, desejando consertar?

Ou simples tentativa de adiar a sua volta ao mesmo tribunal?

O *Evangelho Segundo o*

Espiritismo — Allan Kardec - Cap. XX —

Os Últimos Serão os Primeiros

3 Não é mais hora de ilusão

Públio

Fazer o Bem nas horas de dificuldade, eis o desafio ao sincero trabalhador.

Não se avaliará a sua verdadeira intenção senão durante os reptos nos quais sucumbe a maioria dos falsos adeptos da Bondade.

Quantos aparentes bons sentimentos se avinagram ao contato com o desalento e a traição!

Quantas promessas de amor incondicional se transviam em ódio passional no momento glorioso em que são colocadas à prova!

Quantas obras de caridade deixam de existir no mesmo instante em que comecem a escassear a boa sorte ou a maré da fortuna!

As mais elevadas construções do Bem, todavia, foram erguidas no anonimato e na pequenez, de onde retiraram, aqueles que as sonharam, a fortaleza da boa vontade constante, onde foram testadas no íntimo daqueles que as idealizaram e se enraizaram no valor da coragem e do destemor que não se vergou a nenhum dos problemas do caminho, por mais agigantados que parecessem.

A preocupação financeira é natural para qualquer empreendimento.

No entanto, na análise das coisas e de como ocorrem no mundo, dirigido pela sabedoria Superior, o dinheiro é sempre um problema, em última análise, de Deus.

No entanto, as mãos humanas e a boa vontade são, inexoravelmente, o grande problema dos homens.

Não é por falta de dinheiro que não se multiplicam as instituições benemerentes no mundo. Para o Criador do Universo e para o Divino Amigo que nos dirige, não faltarão recursos nem apoio quando estiver presente o sincero e devotado suor, desinteressado e puro dos homens de boa vontade.

Ocorre, no entanto, que a vaidade humana quer abrir atalhos no alicerce para chegar, de assalto, ao telhado.

E quando o alicerce não é sólido, nem mesmo o peso das paredes podem suportar. Que dizer, então, do telhado?

A falta de mão de obra sincera e corajosa tem sido o grande obstáculo na obra do Amor. A ausência de sincero devotamento, de humildade nos gestos e desinteresse absoluto tem gerado todo o joio que impede *se* amplie, ainda mais, a ação do Bem sobre a Terra.

Não faltarão recursos e apoio às obras apoiadas por valorosas almas humanas que aceitem dedicar-se mais aos outros do que aos seus próprios caprichos.

No entanto, Deus não investe em negócios falidos desde o princípio, deixando aos falsos

empreendedores, iludidos por suas ambições de domínio, de comando, de supremacia, de realce, o peso pelo fracasso que os ensinará, através da vergonha, a escolherem melhor os fundamentos de seu idealismo numa próxima empreitada.

Na grande jornada da vida, iluminada pela aurora do espírito imortal, prevalecerão as pequenas iniciativas, quais modestos brotos saídos de singelas sementes, que nem imaginam transformarem-se em vetustas árvores no amanhã que pertence a Deus.

Assim, que as expressões de entusiasmo verbal no sentido de mudar o mundo e melhorar as suas instituições, possam ser transferidas para o mundo dos fatos, através do modesto prato de sopa suplicado à porta de sua residência, do pequeno sanduíche dado ao faminto na calçada do bar, da acolhida aos irmãos de jornada da vida nos momentos de seus ataques nervosos, na compreensão dos deslizos alheios sem lhes tornar mais amargos os tristes efeitos.

Entender que devemos ser os pequeninos agentes que combatem pequenas fagulhas para que, um dia, nos tornemos grande organização de bombeiros na luta contra grandes incêndios significará construir bons alicerces para que, um dia, Deus possa autorizar a colocação do telhado.

O Banco Celestial não financia os mega empreendedores da inutilidade.

No entanto, está sempre disposto a emprestar o suficiente estímulo para que os micro idealistas dos gestos concretos de Amor possam começar o seu treino para a Bondade no serviço de atender às pequenas tragédias humanas.

Se você é destes, se seus braços são as garantias do investimento e seu coração é o fiador verdadeiro de sua sinceridade, poderá contar com o apoio invisível, na devida proporção de seu suor que precisa surgir primeiro.

Se você é destes que não querem suar no trabalho verdadeiro do Amor e está esperando o apoio de Deus para que seus ideais mentirosos e esfarrapados possam lhe garantir o nome e o salário da vaidade, eis um conselho:

Não seja inimigo de si mesmo.

Não se engane mais nem pretenda se realizar dependendo dos outros, sem o esforço da própria melhoria.

Procure outro emprego antes que você perca até mesmo o que pareça ter. Deus sabe onde investe suas riquezas e deixa entregues a si mesmos aqueles ingênuos que se fantasiam de bons pensando em enganá-Lo.

“Porque a todo aquele que já tem se lhe dará ainda e estará na abundância; mas para aquele que não tem, se lhe tirará mesmo o que tem. Prestai bem atenção naquilo que ouvís; porque se servirá para convosco da mesma medida da qual vos servirdes para com os outros, e vos será dado ainda mais. E para aquele que não tem, se lhe tirará mesmo o que tem. (São Mateus, cap. XIII, v. 10 a 14 e São Marcos, cap. IV, v. 24 e 25)

4 Inimigos de si mesmo

HUMBERTO DE CAMPOS

Juvenal Bomtempo era um indivíduo singular.

Sempre disposto a manter uma boa prosa e a apresentar-se como indivíduo com ânimo para brincadeiras e fanfarrônicas.

Suas conversas amenas eram sempre procuradas e as suas tiradas de alegria e humor eram históricas, levando o riso ao limite da gargalhada.

Seus casos eram ouvidos no silêncio absoluto como se estivesse a relatar as anedotas no

ambiente do confessionário.

Nenhuma reunião do grupo de amigos se considerava completa sem a presença de Juvenal que, fazendo jus ao sobrenome, era capaz de desanuviar os ambientes mais conturbados e funéreos.

No entanto, Juvenal não fazia isso de maneira natural. Desde longa data era devotado decorador de piadas, de casos humorísticos e de historietas com as quais pretendia impressionar os ouvintes, sempre taciturnos.

Havia descoberto que a maioria das pessoas não sabia estabelecer conversação fácil e, por isso, todos valorizavam aquele que conseguisse ser extrovertido e cativante pela fala.

Juvenal era, no fundo, um frustrado que, não se sentindo feliz nem reconhecido, nem tendo realizado seus sonhos, tudo tentava fazer para impedir que tais deficiências de caráter se exteriorizassem.

Não era um indivíduo atraente no porte físico já que, em realidade, nada possuía de especial que produzisse suspiros nos corações femininos.

No entanto, por se sentir carente por dentro, Juvenal havia se convencido de que, mais importante do que ser belo, do que ser bom, do que possuir bom caráter, do que se enfeitar como um cabide ou manequim de loja, ostentando as melhores e mais formosas marcas de roupa, ele deveria ser daquele que possuísse o que fazia falta à maioria dos outros homens: um bom papo.

Cativaria pelos “causos” engraçados que fosse capaz de relatar, chegando ao coração de suas musas através do caminho cativante da espirotuosidade.

Sim, Juvenal era um indivíduo espirotuoso, ainda que não ligasse a mínima importância para as coisas do espírito.

No esforço de ser aquilo que os outros não eram, desprezou virtudes excelsas do espírito, no bem, na generosidade, no trabalho fraterno, o que o tornaria diferente e melhor e passou a idealizar a condição de palhaço espalhafatoso e inspirado que seria invejado e disputado por pessoas inseguras e que não tinham a capacidade de se comunicar como ele a possuía. Juvenal passou seus dias sem se preocupar em descobrir a causa de toda a sua insatisfação íntima, achando que lhe bastava travestir-se de alegre e festeiro para conseguir o que queria, ou seja, um coração amoroso que o aceitasse, apesar de sua pouca beleza e poucos recursos.

Era interessante de se ver. Todos os dias, Juvenal passava suas vistas pela vasta quantidade de contos e piadas que buscava manter acesa em sua memória para ter sempre a palavra afiada na hora certa.

Ensaava diante do espelho os trejeitos, maneirismos que utilizaria, gestos que exhibiria acompanhando a estória e interpretando os personagens, o que daria mais ambiente e completaria o cenário.

Lia e relia os velhos livros de chistes e os novos que comprava sempre, para manter-se atualizado.

Entretanto, seu coração seguia infeliz e, como um palhaço circense, a alegria que produzia nos outros estava longe de senti-la dentro de si mesmo. No entanto, não se permitia que a melancolia lhe produzisse as marcas na fisionomia, demonstrando seus problemas ou se apresentando preocupado e taciturno na frente daqueles a quem sempre desejou dominar através do bom humor.

E na sua trajetória de sucesso, conquistou muita simpatia e até mesmo a inveja de muitos

homens que, apesar de mais bem apessoados, não tinham a verve humorística nem a facilidade de se expressarem aos ouvidos femininos.

Nessa condição, no meio social onde exercia o seu teatro, Julieta Beladona passou a encontrar em Juvenal o ideal de companheiro, alegre, seguro de si, cheio de vida, num verdadeiro contraponto à sua própria personalidade.

A jovem, das mais belas e cobiçadas criaturas que se misturavam à turma em juventude florescente, trazia a alma amargurada e vazia, sempre cheia de motivos angustiosos e pessimistas para tornar nublado o mais ensolarado dos dias.

Por ser algo mais bela do que suas amigas, estava acostumada a ser cortejada pelos concorrentes masculinos que, num incessante repetir das mesmas insinuações sem originalidade, típico da falta de inteligência, mais não faziam do que usar velhas e surradas fórmulas sem qualquer efeito mais profundo, levando Julieta a fingir que se encantava, enquanto que, no fundo, mais sentia desalento com cada um dos que se consideravam “Einsteins”, mas que não passavam de símios repetidores.

Nenhum dos rapazes, por isso, lograva conquistá-la, já que, sentindo-se como a mais cobiçada naquela rodinha apertada onde todos se relacionavam, mais e mais se fazia de difícil.

O único diferente aos secretos olhares de Julieta era Juvenal Bontempo que, na sua maneira atirada e corajosa de fazer todos sorrirem, demonstrava uma tal segurança de si mesmo que os outros, fazendo o tipo de galãs fantasiados, com seus cabelos empapados de gel, estavam longe de possuir. No seu íntimo, Juvenal também sonhava em ter Julieta para si, sabendo, no entanto, que era muita pretensão sua esperar qualquer facilidade por parte dela.

Julieta fingia atenção e atirava seus dardos adocicados na direção de todos os que ali estavam, já que lhe encantava ser o objeto dos interesses da rapaziada. No entanto, todos eles eram vistos, apenas, como os bobos de sua corte.

Ela aprendera a fazer charme, a entontecer o modo de falar nos momentos certos, a se fazer de ingênua, a saber sorrir com ares de menina, tirando o melhor efeito de seus esquemas artificiais, com os quais encantava os corações desprevenidos dos homens-garoto que tinha ao seu redor.

Sabia demonstrar uma aparente doçura e leveza por fora, escondendo o peso, a amargura, a falta de sinceridade que trazia por dentro.

Já havia aprendido a astúcia feminina de inspirar afeto e deixar o inspirado na fome de não conseguir alimentar-se.

E de semana em semana vivia Julieta feliz em fazer de tolos aqueles tolos que se congregavam ao seu redor.

Ela só não conseguia se sentir segura perto de Juvenal, ainda que lhe demonstrasse indiferença artificial. No fundo, a infeliz Julieta via em Juvenal a solução para suas amarguras rotineiras, pois, ao lado daquele rapaz que, por óbvio, não era o mais bonito, encontraria a companhia alegre que a completaria, a segurança que lhe faltava.

Certo dia, uma amiga comum de nome Catarina se aproximou de Julieta para lhe confessar o desejo de declarar-se a Juvenal, eis que a moça se sentia inspirada pelo estado espirituoso do rapaz.

Era uma jovem de razoável beleza também, no entanto não tinha o viço da amiga a quem abria o coração.

Catarina não suspeitava que, lá no fundo, sem dar nenhuma demonstração de seus

sentimentos, Julieta também desejava Juvenal no meio daquele conjunto de rapazes imaturos.

Julieta ouviu a confissão de Catarina apreensiva e surpresa, como que a receber um duro golpe. Entretanto, manteve a calma para não levantar suspeitas na amiga.

- Sim, Catarina, Juvenal é um ótimo rapaz. É meio feinho, meio desengonçado e não anda muito na moda. No entanto, sempre me pareceu um cara muito legal.

Julieta procurava não demonstrar sua irritação com Catarina e, por isso, fazia de tudo para não denunciar o seu interesse pelo contador de piadas que, como estava descobrindo agora, estava sendo cobiçado em sigilo por outras mulheres.

Estimulada pela amiga confidente, Catarina saiu da entrevista mais animada a levar adiante os seus projetos de declarar-se, de maneira a dar a conhecer seu afeto por Juvenal Bontempo, aquele que, pela sua segurança e autocontrole parecia ser o ideal de homem que anelava para seus dias venturosos.

Ferida em sua vaidade de mulher, na disputa que se prenunciava, Julieta se pôs a planejar a maneira de chegar a Juvenal mais depressa que a amiga.

Assim que se desvencilhou de Catarina, escreveu um bilhete adocicado e fez com que chegasse às mãos do rapaz, marcando um encontro com ele no qual tinha algo muito sério e importante a lhe revelar.

Dizia ser ele a única pessoa em quem podia confiar. Que não faltasse.

Juvenal, sem acreditar no que lia, viu o bilhete convocá-lo ao encontro daquela beldade que ele sempre cobiçara e desejara impressionar, mas que jamais lhe havia dado a menor bola.

Mais do que depressa, tomou o rumo do lugar combinado para que nenhum obstáculo lhe surgisse de improviso impedindo a concretização daquele encontro que Julieta, com a astúcia feminina em grau de urgência urgentíssima, havia fixado para daí a menos de uma hora.

A chegada de Juvenal produziu em Julieta uma sensação de alegria e vitória.

Juvenal seria dela e de mais nenhuma outra Catarina.

Nunca tinha se animado a dar-lhe qualquer esperança enquanto era vista como o centro de todos os cortejos dos rapazes da turma. No entanto, quando Juvenal passou a ser disputado por outra concorrente, esqueceu de todos os outros tolos que se derretiam por ela e passou a investir na sua estratégia.

Juvenal procurou apresentar-se da maneira mais sedutora possível, tomando todos os cuidados para que ela encontrasse nele a segurança e a firmeza de opinião que ele sempre aparentara nas reuniões sociais.

Hora marcada, lugar marcado, corações que se encontram.

Julieta se declara a Juvenal e confessa estar temerosa em perdê-lo. Que ele era o rapaz que mais lhe infundia confiança, que ela era muito amarga e não sabia como viver sem a graça e estilo naturais que só encontrara em seu jeito alegre.

Juvenal ouvia, cheio de si mesmo, o desabafo que parecia espontâneo feito pela mais cobiçada garota da turma.

Julieta estudava a melhor maneira de se fazer convincente a fim de que Juvenal soubesse que ela o queria, sem que parecesse uma desesperada.

- Sim, Juvenal, eu tenho vergonha do que você pode estar pensando de mim, assim me declarando a você, me achando uma mulher vulgar, atirando-me nos braços de um homem, etc.

Falava com a voz maquiada pelo tom de garota sofredora, para que o rapaz reagisse como ela sabia que reagiria.

- Não, Julieta, eu nunca ia pensar isso. Afinal, eu sempre me interessei por você, mas nunca soube como deixar isso claro. A sua confissão me honra muito e me enche de alegria.

Abraçando-se ao seu pescoço, Julieta se aproxima de Juvenal e, olhando-o nos olhos, sedutoramente, lhe pergunta:

- Quer dizer... que você... não... me repudia?

Um beijo caloroso foi a resposta de Juvenal que havia chegado nas alturas, naquele momento.

Finalmente, poderia ser feliz ao lado daquela beldade que ele sempre sonhara ter em seus braços. Poderia encerrar aquela carreira de animador de rodinhas, escondendo os seus reais sentimentos, tentando parecer o que não era.

E Julieta sentia, no calor que lhe percorria o corpo naquele momento, que Juvenal lhe seria o oásis ao espírito amargo e infeliz, levando-lhe alegria ao coração, num relacionamento leve e suave como seus sonhos de menina haviam construído.

Finalmente, Julieta se refez de seus momentos de ventura e, enlaçando Juvenal, lhe confessou que ela tinha muito ciúme dele e que esse ciúme lhe havia precipitado aquela confissão.

- Como, Julieta, ciúme de mim? Você está fazendo piadas mais engraçadas do que as minhas! - exclamou o jovem, rindo-se dela.

- Sim, meu amor, morro de ciúmes, principalmente quando fiquei sabendo que Catarina está com uma asinha caída por você. Eu sempre notei que você também se deixava levar pelos seus jeitos, não é?

Novamente a astúcia disfarçada de inocência de Julieta estava em ação, pondo Juvenal na berlinda, como que acusando-o de leve suspeita de infidelidade antes mesmo de aprofundarem o relacionamento, exatamente para se prevenir das investidas que Catarina lhe havia confessado que faria.

- Minha querida, eu nunca dei qualquer esperança para Catarina. Ela nunca falou comigo e eu lhe garanto que não sinto a menor atração por ela. Sempre me encantei por você, misteriosa, cheia de graça e charme especial. Catarina é uma boa amiga e nada mais.

- E, mas ela me contou que gosta de você e vai procurá-lo para tentar aproximar-se. E eu não gostaria de estragar nosso relacionamento já logo no começo. Se você me aceitou, saiba que eu o considero meu tesouro, entendeu, meu tesouro?

- Sim, você me considera um tesouro - falou Juvenal, no orgulho tolo de homem cortejado.

- Sim,... o considero MEU tesouro!

Ouvindo a preocupação de Julieta e não desejando perder a conquista que jamais acreditara ser capaz de fazer, imaginando a cara dos amigos quando ele surgisse como o vitorioso conquistador da mais bela dentre todas, Juvenal combinou com Julieta que nada revelariam sobre o encontro entre eles até que Catarina se manifestasse, a fim de que não houvesse o mal-estar de surgir como namorado, justamente, daquela a quem Catarina havia se confessado, recorrendo aos seus conselhos.

Depois que a outra jovem se declarasse, ele descartaria o seu pedido mantendo a sua amizade e, por sua vez, ele próprio confessaria a Catarina que era apaixonado por Julieta Beladona e que estava se preparando para declarar-se à mulher amada logo a seguir, o que não levantaria suspeita de traição à confiança que Catarina havia depositado em Julieta.

Tudo correu como o planejado.

Dias depois Julieta e Juvenal surgem, para o espanto de todos, de braços dados e aos beijinhos e carinhos que fazem a inveja de todos os solitários.

Marcaram a data do casamento e se uniram em matrimônio logo depois.

Juvenal não queria perder a conquista e Julieta não queria, senão, aquele Juvenal alegre e seguro.

Recém-casados, Julieta se viu diante de um impasse logo que se estabeleceu a convivência, depois de alguns poucos meses. Dentro de casa Juvenal era outra pessoa. Mais calado, menos efusivo, menos alegre, menos seguro, não conseguia encontrar a verve hilária daqueles dias de afanosa solteirice.

O que teria se passado? De tudo o que ia fazer, desejava que ela desse opinião e o orientasse sobre como agir. Não conseguia tomar nenhuma decisão mais profunda sem que ela tivesse que dar a última palavra.

Daí foi que, para ambos, surgiu a surpresa. Juvenal já não precisava mais manter o teatro e ensaiar os números do seu Show, eis que tinha conseguido Julieta conforme era seu sonho. ELA ERA A MAIS BELA.

Julieta, agora atrelada ao homem que não queria perder para as outras, estava procurando aquele jovial e seguro de si, cheio de espirituosidade com quem se casara e que lhe daria o que lhe faltava. ELE PARECIA O MAIS MADURO.

E a realidade se patenteou:

Julieta, enganada pela sua astúcia e pelo desejo de assegurar para si sem conhecer em profundidade, e Juvenal, revelando-se na sua verdadeira identidade, inseguro, frustrado, medroso e artificial em todos os seus trejeitos que, agora, não conseguiria mais esconder de sua esposa.

E na discussão que se seguiu, Julieta, ferida, sentindo-se enganada, despejou sobre o marido a sua frustração, entre outras coisas duras e frias, dizendo:

- Maldita a hora em que Catarina veio me dizer que o queria, me obrigando a agir com rapidez para que não perdesse o animador de festa que eu pensava fosse capaz de me tirar da monotonia - reclamava hostil, Julieta, sem se preocupar em revelar a verdade nua, exatamente para ferir o, agora, seu marido, demonstrando, de verdade, como era por dentro.

Ouvindo-lhe a crueza das afirmações, Juvenal se deixou levar pela agressividade enquanto seu coração se encolhia em suas dores e gritou, em resposta à agressão recebida:

- E eu que pensava que a sua formosura por fora fosse igual à sua beleza por dentro. Acabei sendo eu mesmo a maior de minhas piadas.

E não puderam terminar a azeda conversa porque Julieta teve que sair correndo para o banheiro.

Descontrolada, Julieta foi vítima de um acesso de náusea e teve de recorrer ao toailete com urgência, vomitando tudo o que havia comido, dali saindo toda despenteada, como uma verdadeira louca.

Nenhum traço da mulher bela e fantasiada de boneca de alguns meses antes.

Juvenal recolheu-se ao seu escritório, onde mergulhou a cabeça nas mãos, mais infeliz do que era, antes de haver conseguido conquistar aquela mulher como o troféu vitorioso de suas encenações.

Nenhum traço do palhaço de todos, fantasiado de homem seguro e autoconfiante de meses

atrás.

Julieta, no quarto, mais infeliz do que antes e Juvenal, no escritório, tão infeliz como sempre.

Ele era o que não parecia e ela parecia o que não era.

Julieta Beladona e Juvenal Bontempo, inimigos prisioneiros de si mesmos, estavam, agora, caprichando na prisão que construía para outros, inocentes.

Isso porque, o problema de Julieta não era o estômago.

Era o útero.

Infelizes um com o outro, ambos, agora, seriam pais.

O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap.V - Causas Atuais das Aflições

5 No controle do pensamento

PÚBLIO

Mente desregrada, barco à deriva.

Pensamento sem controle, cérebro sem dono.

De que vale possuir a cabeça sobre o pescoço se ela não dirigir o corpo?

Singelo apoio para os cabelos.

Os pés tomam o rumo que leva ao vício, os braços empunham armas que fazem o mal, a boca calunia e espalha mentiras envenenadas e o corpo assume os trejeitos mais esdrúxulos, demonstrando a leviandade do espírito e a sua efetiva incapacidade de aprofundar os verdadeiros motivos da existência.

E diante das consequências, muitas vezes amargas e dolorosas para o seu agente, é muito comum que as suas lágrimas sejam acompanhadas pelo clássico: Eu não queria ter feito isso...

Sem se questionar da verdadeira intenção, é certo pensar que cada qual possui em seu íntimo, elementos luminosos que lhe foram entregues por Deus para serem ampliados, na forma da convivência sadia, dos hábitos salutareos, das práticas generosas e humanas.

Daí, não ser desprezível a confissão do aflito sobre a sua lamentação inconsciente, lastimando que as coisas tenham ocorrido daquela forma, mesmo contra o seu desejo.

No entanto, é de se perguntar se cada órgão físico possui um apêndice cerebral que o comanda à revelia das vontades do cérebro central?

Agiriam os pés sem o consentimento do pensamento do dono do corpo? E a boca, falaria aquilo que o cérebro não pensasse ou autorizasse? As mãos teriam autonomia para fazer o mal quando o cérebro estivesse distraído, por força de sua própria capacidade de pensar, como se tivessem neurônios escondidos nas suas palmas?

A maldade em nossos atos não pode, pois, ser atribuída a forças que conspiraram contra o comandante da nau orgânica e, qual motim dos sentidos, tenham tomado o comando da embarcação para usá-la à sua revelia.

Viver bem significa pensar bem, pois há sempre um momento em que as tragédias ainda não aconteceram.

Controlar o pensamento, infundindo combustíveis bons em sua fornalha para que produza o calor das boas reflexões é prova de maturidade do senso moral, que nos encaminha para trajetórias positivas de alegria e satisfação por não termos cedido às tentações.

Seu corpo é o seu navio. Saber dominar o veículo é entender que o corpo não é nau que segue sem controle, à mercê da ventania.

Buscar enriquecer suas ideias com páginas edificantes, histórias idealistas, conselhos enobrecedores, significa preparar-se para zarpar no mar da vida carregado de boa carga e revestido de botes salva-vidas para as horas difíceis.

Agir no bem, melhorando suas escolhas e produzindo boas coisas com o pensamento será o recurso fortalecedor nas horas difíceis.

No entanto, transportar lixo, coisas inúteis, fazendo de sua embarcação o bazar de bibelôs vulgares e fúteis, será escolha pessoal de cada um.

Você é o comandante.

Aprenda a navegar em águas mansas e em águas turbulentas. Não faça de seu barco o *shopping* de recreação, o clube do deleite, a passarela de exibição, a tribuna da ironia, o veículo da depravação, já que o navio não foi feito para isso e sim para flutuar e navegar, levando o seu conteúdo a um bom e seguro destino.

Lembre-se de que seus pés irão aonde você quiser ir. Sua boca falará as palavras que a sua nobreza, o seu desejo ou a sua insensatez escolherem e o seu corpo se conduzirá como um barco de trabalho, um barco de lazer ou um barco de guerra conforme você o pretender.

Se, por suas más escolhas o seu barco naufragar no meio da jornada, não adiantará gritar às ondas que o engolem: Eu não queria que isso acontecesse.

Evite escolher o que o levará para o fundo. Aprenda a dirigir o pensamento e a conduzir o barco.

O velho ensino dentre os marujos esclarece:

“O mar cobiça os que não sabem nadar... porque os que sabem nadar, na hora que ele quiser, já são dele.

“Ninguém acende uma lanterna e a coloca em lugar escondido nem debaixo do alqueire, mas no alto do candeeiro, para que possam os que entram ver a luz. A lanterna do corpo é o teu olho. Se teu olho for puro, também o teu corpo todo será iluminado. Mas, se for doente, também o teu corpo estará na escuridão. Cuida, portanto, que não sejam trevas a luz que há em ti.” (Lucas, cap. **11**, v. **33** a **35**)

6 Pela opinião dos outros

A última moda era manter a forma sem esforço físico, valendo-se de tratamentos clínicos, lipoaspiração, cirurgia plástica.

Carolina Eugênia Serafinada sabia bem o que queria. Sempre desejava estar na onda mais atual e, apesar de apresentar o corpo dentro dos padrões da normalidade, fiava-se mais na opinião de suas amigas do que no bom senso de seus próprios juízos.

- Ah! Já marquei a minha lipo - falava, orgulhosa, a magérrima Melissa, informando às amigas que estava prestes a retirar gorduras que julgava possuir em excesso.

- Deve ser uma lipoaspiração nas pálpebras - respondiam algumas mais gozadoras, diante da total falta de tecido adiposo que se pudesse considerar sobrando.

- Que nada, estou uma baleia! - afirmava, exagerando, a fútil Melissa.

Carolina escutava e pensava que, para ela também, isso seria muito bom, pois ela se achava uma gordona que não atraía a atenção de nenhum rapaz que valesse a pena.

- O mundo de hoje é uma tragédia. As exigências para que nos sintamos bonitas são cada vez maiores. Mulher sofre. Tenho que conseguir minha operação. Aliás, isso vai ser um luxo

só, e minhas amigas vão ficar morrendo de inveja - pensava ela, secretamente.

No entanto, Carolina Eugênia, numa avaliação sincera, não apresentava nenhum problema que justificasse o recurso drástico da cirurgia plástica. No entanto, acostumada a seguir o que os outros pensavam sobre as questões de beleza, sempre se desculpava com a necessidade de “gostar de si mesma”, graças a cujo argumento, tudo era possível, mesmo que não fosse necessário.

Carolina passara a sonhar com o dia da operação. Contudo, para sua infelicidade, não dispunha, ainda, de recursos suficientes para realizá-la.

Trabalharia de sol a sol, economizaria, todos os tipos de sacrifícios faria para reunir os recursos indispensáveis para conseguir a tão sonhada cirurgia.

Reformular o quadril, extrair a malfadada “barriguinha”, corrigir a papada, tudo o que somente seus olhos eram capazes de identificar, na ingenuidade de seus vinte e três anos.

Nada que, com alguns cuidados não conseguisse lograr com um pouco de disciplina alimentar ou de alguma ginástica direcionada.

- Suar é para pobre... meu negócio é fazer plástica. Afinal, há pessoas que têm como capricho andar de carro novo, viajar para a Europa, comprar joias. Por que eu não posso realizar o meu desejo de fazer uma cirurgia? Além disso, ter seios volumosos está na moda e só a cirurgia plástica consegue esse resultado.

E, diante desse pensamento que lhe parecia natural e aceitável, não valiam quaisquer argumentos contrários daqueles que divergiam de suas opiniões extremadas sobre a sua estética, até então perfeitamente normal e enquadrada nos padrões da normalidade.

Com exceção de suas amigas que, parece, estimulavam as suas ideias caprichosas, todos os que conviviam com ela, de parentes a amigos, aconselhavam-na a tirar essas ideias tolas da cabeça, o que fazia com que fossem excluídos do rol dos seus confidentes e dos que ela procurava para trocar ideias. Seleccionava entre os seus prediletos, apenas aqueles que pensavam como ela, que se permitiam os mesmos sonhos ou que não a criticassem.

A diferença era que, a maioria das que lhe sobraram como amigas, tinha recursos abundantes para realizar a bendita operação, o que a tornava mais frustrada por se considerar a excluída do mundo dos “normais”.

Economizava tudo o que podia, então, para realizar a cirurgia tão sonhada.

Visitava a igreja, onde fazia promessas pelas quais pedia para que Deus a ajudasse na realização de seu sonho e ela retribuiria generosamente depois.

Muitas vezes, o padre solicitou sua ajuda para comprar roupas para os desvalidos da sorte, ao que ela se escusava dizendo que não tinha condições, pois estava em um regime de guerra, na contenção dos seus gastos. Depois da cirurgia ajudaria.

Dinheiro, agora, só para o indispensável.

Nenhuma campanha beneficente que se fazia contava com o apoio de Carolina Eugênia, que se esquivava alegando que não podia dispor de nenhum níquel e que, se as coisas continuassem assim, ela mesma acabaria recorrendo ao recurso de fazer uma coleta de emergência para si mesma.

Em casa, sua mãe via seu estado de aflição, na correria para que estivesse sempre em boa forma, evitando comer demais e se preocupando com as roupas que ia usar na companhia das amigas que gostava de imitar e de igualar em seus hábitos de moda.

- Filha, isto de ficar usando o que suas amigas usam é coisa sem importância. Agora você

encasquetou com essa ideia de operação. Pare com isso que é perigoso...

E sem deixar a mãe terminar de falar, Carolina interrompia, respondendo áspera:

- Que perigoso que nada, mãe, todas as minhas amigas já fizeram e nada aconteceu com elas. Como é que comigo não vai dar certo? Aliás, operação plástica, hoje, é mais comum do que tirar as amígdalas.

- Filha, abrir o corpo é sempre um perigo. Tudo está certinho e protegido até que alguma coisa rasga a carne e nunca se sabe o que vai acontecer depois.

- Ora, mãe, a senhora deu para ser urubu de sua filha, agora?

- Não, querida, só estou tentando fazê-la pensar em todos os lados da questão.

- Que nada, mãe, só nos piores lados. E a minha beleza, e a minha “auto-estima”, onde é que ficam?

- Mas, Carolina, você é uma moça bonita, cheia de viço, cheia de graça...

- Cheia de graxa, mãe, cheia de gordura... isso sim!

- Que exagero, filha.

Mas não havia argumento que retirasse de Carolina Serafinada a ideia de evitar a cirurgia por ser absolutamente desnecessária.

Encantada com a opinião das outras, só via a sua felicidade depois que passasse pelo bisturi.

Sua conta no banco ia crescendo e sua sovinice igualmente se ampliava.

Não ajudava a ninguém e, em qualquer situação que se lhe requisitasse a generosidade, dizia sempre que estava precisando de ajuda, isso sim.

Quando possuía já o suficiente, procurou o médico. O mesmo de Melissa. O mais famoso e badalado dentre as suas amigas.

O médico, atencioso e cortês, procurou demonstrar-lhe que a cirurgia era desnecessária no caso dela e que não havia nenhum defeito a ser corrigido pelo preço que custaria a intervenção.

- Ora, doutor, não estou aqui atrás de conselho.

Estou aqui atrás de seus serviços. Não foi o senhor que operou a Melissa?

- Sim, Carolina, a Melissa também não precisava da cirurgia.

- Mas o senhor fez sem nenhum obstáculo. E se ela conseguiu realizar o seu sonho, eu também quero fazer o meu e é por isso que vim até aqui.

- Ocorre, Carolina, que eu preciso informar-lhe que cirurgia é sempre um desafio e as coisas podem não sair do modo como nós desejamos. Então, se é possível evitar-se o risco, por que corrê-lo?

- Mas eu tenho dinheiro para pagar e não estou pedindo que o senhor faça de graça. Estou desejando ser operada para que eu goste de mim mesma e deixe de me achar feia. É o modo de me sentir melhor perante meus próprios olhos.

E porque Carolina ameaçasse chorar, desesperada, o médico achou por bem concordar com ela e, apresentando o preço, pediu os exames necessários para realizar a cirurgia na data a ser marcada.

Carolina, apesar de doidivanas, era uma boa moça e contava com a ajuda espiritual que, ao seu lado, tudo tentava fazer para dissuadi-la dessa ideia fútil, valendo-se de pessoas amigas, de opiniões alheias desfavoráveis, de conselhos maternos, da opinião do próprio médico, para que a jovem não jogasse fora seu tempo e seus recursos em coisa tão desnecessária.

Vendo que Carolina não cedia, os seus tutores espirituais imaginaram uma maneira de

embaraçar- lhe o projeto. Como gozasse de aparente boa saúde, os exames clínicos não apontariam qualquer irregularidade que viesse a redundar no adiamento da cirurgia. Necessário esgotar-lhe os recursos financeiros para que não se visse tentada a realizar a intervenção.

De maneira a ampará-la, espíritos amigos se aproximaram de sua mãezinha a fim de utilizá-la como o instrumento amigo para evitar as loucuras da filha.

Algumas dores começaram a aumentar no corpo da velha genitora, sem que se pudesse suspeitar das causas. Carolina, apesar de envolvida com o seu momento, ouviu as lamentações da mãe sobre os sofrimentos que se ampliavam, sem se deixar seduzir por suas queixas.

- A velha está fazendo chantagem emocional comigo - pensava a filha. - Está se fazendo de vítima para que eu não vá em frente com a operação que ela não concorda.

Na verdade, as dores de sua mãe eram realmente fruto de um processo degenerativo ósseo sem gravidade, oriundo da idade, mas que o mundo espiritual aproveitou para torná-lo mais patente para que isso representasse um chamamento de Carolina à consciência de si mesma, com a preocupação voltando-se para sua mãe.

Nada deu resultado. Vacinada contra quaisquer tentativas maternas, Carolina achou aquilo um teatro e deu poucos ouvidos para os “ais” de sua querida mãezinha.

O padre da paróquia, às voltas com as necessidades urgentes de recursos e que sempre escutava as promessas de Carolina foi intuído a procurá-la, a fim de expor a delicada situação em que a creche da igreja se encontrava, precisando de dinheiro para comprar alimentos que não se conseguiam pelas doações espontâneas. Ninguém queria ajudar. O padre, no entanto, sabia que Carolina estava guardando dinheiro e que, se entendesse o problema da fome das crianças, muitas poderiam ter o que comer se a jovem se dispusesse a colaborar um pouco com os recursos que lhe sobravam.

- Padre, eu já disse que cumprirei minha promessa depois que Deus cumprir a parte dele e me deixar realizar meu sonho. Depois que estiver recuperada, ajudarei no que for necessário e em algo mais.

- Mas, filha, as crianças...

- Ora, padre, elas encontrarão ajuda, mas se eu gastar o que tenho, aí sim é que não realizarei meu sonho nunca.

E lá se foi o padre de mãos abanando, pensando no ensinamento de Jesus de que é mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus, tentar salvar as crianças da creche por outro caminho.

Sonhos com espíritos amigos que lhe pediam ajuda e faziam-na sentir a necessidade de aproveitar a vida nas atividades construtivas da melhoria da Terra através da diminuição do sofrimento eram interpretados peia jovem conforme suas próprias tendências, ora como visões de tragédias decorrentes de filmes assistidos no cinema ou como sonhos produzidos pela preocupação de todos os que eram contra suas ideias. Sim, isso era fruto da inveja dos outros que não queriam que ela fosse feliz.

Seus amigos espirituais não se cansaram de tentar ajudá-la. Aproveitando-se de uma distração sua ao volante de seu carro, já que toda a sua preocupação estava voltada para a operação, fizeram com que não percebesse um buraco na via pública, no qual se projetou com o veículo que acabou seriamente avariado, sem, entretanto, lhe causar quaisquer danos físicos pessoais.

Guincho, oficina, consertos, peças, gastos acima do esperado.

- Suspende o concerto por alguns dias, Odirlei - falou Carolina para o mecânico de confiança. Eu estou para ser operada e não vou precisar do carro para agora, mesmo. Quando eu sair do hospital, falamos no assunto.

Seus exames ficaram prontos e marcou-se a data da operação plástica para a alegria da jovem Carolina.

Na antevéspera do tão esperado dia, reunião com as amigas.

Retirando da bolsa, no ritual da exibição de seus trunfos, Carolina folheou as indicações pré-operatórias, como se estivesse a consultar um manual de instruções sobre o tipo de procedimento que deveria adotar. Puro exibicionismo para aguçar a curiosidade das amigas.

- O que é isso, Carol? - perguntou uma delas, depois de perceber que a jovem queria mesmo era levantar a curiosidade das outras.

- Não é nada... - respondeu ela, fingindo indiferença. - É apenas a prescrição do CIRURGIÃO PLÁSTICO que vai me operar depois de amanhã, nos ajustes que antecedem a cirurgia.

- Oh! Que chique, operação plástica também, Carol? Mas você está tão bem!

- Uma verdadeira baleia - respondeu ela, fazendo careta. Mas ficarei na linha. Espero a visita de vocês depois da operação.

- Claro, Carol, pode contar conosco - responderam, animadas.

Estava vingada na sua ânsia de imitar as outras. Agora, faltava submeter-se ao processo de escultura corporal, única maneira em que a sua auto-estima se veria satisfeita e que a colocaria no pedestal das garotas mais esbeltas dentre todas elas.

Chegou o dia e a internação se realizou sem problemas.

No outro dia, as amigas se reúnem na prometida visita a Carol.

Todas meio tristes, parecendo se lastimarem.

Era inveja das amigas?

Não.

Era o velório de Carolina mesmo.

Sem qualquer previsão, Carolina foi vítima de uma reação alérgica violenta tão logo se iniciou o processo anestésico, que acabou por lhe tirar a vida em breves minutos, na sala cirúrgica, para desespero dos próprios médicos.

E olhando para a figura da mãezinha consternada, que chorava em silêncio amparada nos braços do padre amigo de longa data, a amiga Melissa comentou baixinho com as outras, no velório:

-Ainda bem que, pelo menos, Carol tinha um bom dinheiro. Se não serviu para a cirurgia, pelo menos lhe deu um enterro de primeira. Vocês viram o entalhe do caixão, que luxo?...

Do lado de lá, com o espírito perturbado e amparada pelos amigos invisíveis que tudo fizeram para evitar aquela tragédia, Carolina Serafinada não entendia por que ainda não estava com os seios no tamanho da moda e os quadris modelados iguais aos de suas amigas.

O Evangelho segundo o

Espiritismo - cap. XVI - A Verdadeira

Propriedade

7 Sábia construção

PÚBLIO

Alicerce firme, paredes sólidas.

Base confiável, edifício sem rachaduras.

Cada pessoa é um edifício a ser erguido, parte por parte, no cumprimento de seu destino glorioso.

Filho do Criador do Universo, para cada ser está destinado o estado de perfeição que se lhe pode atribuir, do mesmo modo que a qualidade do arquiteto será representada nas linhas harmoniosas do prédio.

Como seres fadados ao crescimento, cada vida pode ser comparada a um novo projeto que irá conduzir o indivíduo, depois, a outros mais aperfeiçoados.

Começamos nossa jornada buscando furnas e cavernas onde nos abrigamos, na nossa simplicidade e ignorância e, pela lei do menor esforço, as usurpávamos de outros, fazendo guerras para ocupa-las, naquilo que nos parecia mais vantagem pelo menortrabalho.

Melhorando o homem na busca de melhores ambientes, passou a edificar casebres e choupanas, nas quais podia abrigar-se em companhia exclusiva da própria prole, à distância dos olhares estranhos de outros de seu clã.

Modificada a sua concepção estética diante das necessidades da convivência, passou a elaborar planos mais complexos para aquela que lhe serviria de moradia, a fim de preservar para si mesmo a privacidade e o isolamento íntimo, separando o espaço interno com paredes e destinando cada cômodo da edificação para uma tarefa específica.

Reconhecendo-se a necessidade da higiene pessoal, se incorporou ao sentido da moradia a indispensabilidade do local específico para o alívio de suas necessidades fisiológicas, abrindo-se, então, fossas apartadas, colocadas no exterior das casas.

Desconfortáveis e distantes, venceu o sentido de comodidade e foram incorporadas às exigências naturais do prédio, estabelecendo-se os quartos de banho, no exercício das primordiais necessidades biológicas sem as incômodas saídas e deslocamentos no meio da noite.

A segurança da edificação pediu, inicialmente, estacas fincadas no solo que a mantinha. Depois, exigiu valeta subterrânea onde se deitaram os alicerces de tijolos. Mais adiante, recorrendo-se ao concreto, estabeleceu-se a rotina de usar ferragem, cimento e pedra para garantir-se a sustentação do prédio.

Modernizadas as técnicas e os materiais, o recurso da perfuração em busca da rocha firme no subterrâneo ganhou a corrida pela segurança e firmeza da obra. Brocas e estacas encontraram o leito firme onde o aço e o concreto fizeram os pilares de sustentação robustos e capazes de suportar todo o peso.

Assim também o ser humano na edificação de si próprio. Cada período de vida em um corpo, uma edificação de acordo com a sua capacidade, inteligência, dinamismo e recursos técnicos. Os materiais da obra, no caso da vida de cada um, são as virtudes, os valores, os ideais, os princípios morais, e a fé.

Alguns procuram tomar o que pertence aos outros, incapazes de edificarem suas vidas segundo seus próprios projetos e ideais. Outros, já melhorados, começam a desejar uma edificação mais adequada às suas necessidades e se contentam com a construção rudimentar de algumas modestas divisórias de barro ou de sapé. Os materiais que utilizam são pouco valiosos e de frágil durabilidade. Não conseguem construir com eles, senão aquele tipo de tapera que os abrigará precariamente.

Incomodado pelos desconfortos experimentados naquele ambiente sem maiores facilidades, procura coisas melhores. Então, busca novos valores, outras virtudes, renova seus ideais com um plano mais bem elaborado e passa a edificar nova vida, como casa de seu espírito, modificando os antigos padrões com base nas novas aquisições e melhoramentos aprendidos com a experiência.

Todavia, quanto mais aumenta sua edificação, mais pesada se torna a casa, pedindo mais cuidados com a sua amarração ao solo. Por isso, a confiança na moradia passa a depender de sua ligação à base, naquilo que possui de invisível, mas que lhe dê sustentação. Descobre-se, então, a importância da fé, como fundamento, como alicerce para a edificação de sua própria existência.

Inicialmente, uma fugaz valeta preenchida com tijolos, numa fé superficial, sem profundidade, sentida de qualquer maneira quase que sem convicção de sua real importância.

Depois, diante das rachaduras que se apresentam na casa pessoal causadas pelos terremotos da emoção e dos desafios da vida, das agruras que não foram evitadas com esse tipo de alicerce, o homem amadurece para buscar forma mais robusta de apoio para sua construção.

Descobre os materiais novos, do aço ao concreto, a imortalidade, a necessidade de fazer a caridade, de se preocupar com os semelhantes como virtudes da alma e, substituindo o pobre tijolo e o barro por mais nobres recursos, prepara o baldrame e o preenche com a massa mais adequada. Melhoram os padrões da edificação e a sua durabilidade aumenta. Melhorado o conteúdo da fé, como base para a vida que constroi, o Homem percebe mais solidez e confiabilidade em sua construção. A ligação com Deus de maneira mais sincera, com materiais mais verdadeiros e nobres como a confiança no Pai, a necessidade de vivenciar os princípios de Amor ao próximo como o cimento firme e aplicação do aço dos valores do espírito, como o Perdão, a Compaixão, a Abnegação, a Humildade, melhoraram toda a base sobre a qual a vida pôde ser edificada. No entanto, mesmo assim, diante de alguns problemas mais cruéis, mais profundos, mais desgastantes, a edificação se apresenta vulnerável, além do fato de que a corrosão do solo que servia de apoio ao alicerce de concreto, arrastado pelos temporais, danifica a estrutura. Testemunhos morais, dores emocionais profundas e constantes, desafios materiais delicados e de longo curso, doenças cruéis, em geral corroem as bases do ser humano e, por melhores que sejam os materiais que se utiliza na construção e o projeto que lhe norteia a realização, a falta da segurança da base compromete o equilíbrio da obra.

Daí a importância da busca da rocha mais profunda, da solidez de sua base inamovível, de sua condição de segurança, numa fé inabalável, que seja firme e constante, que não dependa da condição da terra pobre, que suporte o peso da construção e, assim, permita que ela seja fixada e possa ser erguida em muitos pavimentos, numa complexidade até então nunca atingida.

sZfcfé inabalável é aquela que explica e raciocinara [fyi&gonsola](#) e estimula, que dá força e serve de apoio, j Por isso, não basta mais aos que~dê³⁵jam edificar o seu projeto de Vida com base sólida, apenas a preocupação com o bom projeto, com os bons materiais, com a beleza de seus ideais e a exatidão de seus elementos estéticos e ornamentais. Urge preocupar-se com a base, pois seja de sapé, seja de concreto, as adversidades da vida chegarão para todas as construções e, só sobreviverão e darão segurança aos seus ocupantes, aquelas que estiverem fortemente fincadas na rocha da Verdade.

Eis aí a Verdade do Espírito, a Fé que revela as leis espirituais da vida, a compreensão da lei de causa e efeito, da realidade da reencarnação, da reforma íntima, da supremacia do Bem

sobre o Mal, da comunicabilidade entre os mundos visível e invisível, do constante aconselhamento e sintonia que faz o homem escutar apenas aquilo com que se sintoniza, tudo isso a servir de base firme para a edificação de cada Vida para que não se trate apenas de uma construção bonita, como é a preocupação de muitas pessoas nos dias de hoje, que capricham no -acabamento-nas APARÊNCIAS-e malbaratam as fundações.

Construa, pois, com sabedoria, valorizando o que é essencial na Vida, que é a sublime oportunidade de crescimento do seu espírito, buscando a rocha firme da fé e dos princípios do espírito sobre os quais os materiais melhorados lhe permitirão construir com segurança e durabilidade.

“Por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando? Todo aquele que vem a mim e ouve as minhas palavras e as pratica, eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante a um homem que, edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala e lançou o alicerce sobre a rocha; e vindo a enchente, arrojou-se o rio contra aquela casa, e não a pôde abalar, por ter sido bem construída. Mas o que ouve e não pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre a terra sem alicerces, e arrojando-se o rio contra ela, logo desabou; e aconteceu que foi grande a ruína daquela casa.” (Lucas, 6, 46 a 49)

8 Trocando de igreja

Santelmo de Jesus dos Santos, católico dos mais aguerridos na fé antiga, não perdia uma missa na igreja de sua cidade. Mais do que isso, Santelmo era dos primeiros a chegar, logo pela manhã e se incumbia de arrumar todas as coisas naquilo que seria a função de um sacristão.

Nas preparações dos objetos, na limpeza do altar, no capricho das dobras da branca toalha que o revestia, na colocação e na troca das velas, todos os detalhes não lhe escapavam da observação atenta.

Com esse comportamento, pensava Santelmo estar colaborando decisivamente para a obra do bem e, assim, obteria os bons auspícios do Senhor, que saberia protegê-lo e ajudá-lo nas suas horas difíceis.

Como sempre havia pensado, dedicando-se ao serviço na igreja, estava se capacitando a ser dos protegidos do Senhor, numa conduta que mais se assemelhava à do bajulador oportunista do que à do sincero devoto na fé esclarecida.

No entanto, seu comportamento espelhava uma sincera devoção, ainda que embasada em tênues alicerces de uma fé negociada.

Todos os dias, a mesma rotina:

Deixava o carro na rua, logo em frente à entrada da igreja e se dirigia para o interior. E tal era a fidelidade a tais compromissos burocráticos, que o próprio pároco lhe concedera a honrosa distinção de possuir a chave do templo para que nele pudesse entrar sem depender de mais ninguém, pois ele, como madrugador que era, chegava mais cedo do que o próprio padre.

Isso era motivo de orgulho para seu espírito, tão acostumado a escutar, nas prédicas que acompanhava, contrito, o conceito de que era dando que se recebia.

Sim, daria sempre e contaria receber de acordo com o seu empenho, a proteção de que carecia, o auxílio de que necessitava, a ajudinha material que lhe faltava vez por outra, nos negócios que realizava por aí.

Era corretor de imóveis e, usualmente, pedia em suas orações pelos negócios que necessitava realizar, pedindo a Deus que o ajudasse a alugar este ou a encontrar comprador para aquele outro imóvel, que lhe daria a gorda comissão.

Autônomo por excelência, desde longa data exercia a profissão na qual adquirira larga experiência, sabendo trançar bem os pauzinhos para criar interesse, desestimular o candidato, jogar com suas aspirações e, delas, extrair a melhor oferta, melhorando significativamente a sua condição.

Era quase um tubarão no seu ramo de negócios, não fosse a modéstia da cidade onde vivia. No entanto, nada lhe escapava da visão aguçada e, sem se importar com a ética de suas condutas, na escuridão do anonimato, usava de todos os recursos para obter êxito em suas investidas negociais.

Nunca se esquecia, entretanto, de pedir a proteção do Divino para suas empreitadas, mesmo para as mais escusas. Desculpava-se diante de Deus, prometendo contribuir mais para as obras da paróquia.

Efetivamente, a cada período costumava deixar alguma esmola para o padre, que via em sua conduta uma grande generosidade, além da doação física do trabalho que oferecia na organização da paróquia.

Na verdade, Santelmo se valia de sua postura religiosa de aparente devoto para que fosse visto pelos seus concidadãos como um indivíduo probo, honesto e religioso, digno de toda a confiança e isento de quaisquer defeitos que maculam os homens de negócios, sempre mais apegados aos cifrões do que a Deus.

Assim, a sua postura de rato de sacristia lhe servia aos interesses imediatos, pois desde longa data, tinha percebido que muitos clientes o procuravam por verem nele qualidades supostamente evangélicas, decorrentes de sua aparente fidelidade ao Evangelho.

Isso mantinha seu negócio próspero e, já que como ninguém lhe imaginava a astúcia e, ao contrário, todos lhe hipotecavam confiança desmedida, sentia-se livre para usar sua malícia para realizar e desfazer planos e colocar as coisas segundo seus interesses, geralmente ganhando comissão de todos os lados, sempre procurando jogar na perigosa zona do segredo, do “não fala para o outro”, “vou te contar uma coisa, mas tem que ficar entre nós”, etc.

Sempre que alguém o alertava para que se comportasse diferentemente com relação à sua crença, costumava responder:

- Fora da igreja o mundo é dos mais espertos e inteligentes. Eu apenas uso minha inteligência para vencer segundo as exigências do mundo. Afinal, tenho que me sustentar.

Não se importava muito com a contradição de estar vivendo em desacordo com as coisas que aprendia.

Sua maneira de ser e os aparentes sucessos e lucros que vinha auferindo convenciam-no de que Deus lhe aprovava as ideias e, mais que isso, lhe hipotecava a proteção constante.

Nunca mudava de conduta e se dava bem consigo mesmo nessa linha de ser um aparente fiel religioso quando na igreja e outro, completamente diferente, quando fora do templo.

Certo dia, dando curso à sua rotina usual de dirigir-se à igreja pela manhã, foi surpreendido pela falha do despertador que não soou e, por ter acordado atrasado, não conseguiu deixar o seu carro no lugar de costume, que já estava ocupado por outros devotos que haviam chegado para a cerimônia religiosa matutina.

Contrariado, julgando-se dono do lugar onde costumava estacionar para exercer a sua tarefa de devoto sempre interessado na manutenção de seus haveres, acabou por estacionar seu veículo em rua lateral, procurando a sombra confortável de uma árvore que ali estava já há algumas décadas.

Confiou-se, entretanto, à proteção de Deus, pensando alto:

- Bem, estou indo trabalhar para o Senhor. Veja lá se me protege como sempre e não deixe ninguém levar meu carrinho, heim!

Essa era a sua rotina.

Entrou na casa de Deus confiante de que o seu Augusto Proprietário ficaria na rua olhando o seu carro, tomando conta da lataria e dos pneus para que Santelmo pudesse exercitar o seu teatro de santo.

Ocorre que, durante a cerimônia matutina, a aproximação de uma forte chuva provocou a alteração súbita do ambiente e a atmosfera se tornou violenta, com as rajadas de vento que arrastavam objetos e quebravam placas.

No interior do templo, todos se recolheram em preces, escutando os trovões a estrondear e fazer eco pela nave da igreja. Os raios riscavam o céu e iluminavam a escuridão que se fizera repentina, como se a Terra houvesse invertido o seu giro e, ao invés de seguir para o clarear do dia, retrocedesse seu curso e trouxesse a noite de volta.

Santelmo, igualmente apavorado, apegava-se à oração e lembrava-se dos seus compromissos para aquele dia, casas que teria que mostrar a interessados, horários marcados para as entrevistas, negócios a serem fechados, cartórios a serem visitados com documentos para a regularização de escrituras, tudo isso atrapalhado pela repentina chuvarada.

Mais de uma hora durou a ocorrência da natureza, a impedir que o culto, mesmo encerrado, libertasse os fiéis do ambiente da igreja, isolados todos pela impossibilidade de se aventurarem na chuvarada, sem proteção.

O nosso irmão Santelmo não via a hora de conseguir desvencilhar-se daquele embaraço e correr para os seus compromissos.

Mais uma vez, negociante da fé, fez uma prece a Deus e lhe rogou, ingenuamente:

- Ora, Paizinho, o Senhor sabe dos meus compromissos e que não posso perder mais tempo por aqui. Veja lá se não dá um jeitinho para que a chuva vá embora logo, por favor!...

Estava acostumado com uma certa intimidade que beirava a leviandade ao se relacionar com esse Deus que ele julgava estar a seu serviço, fosse para agir como guarda-carros, fosse para afastar as intempéries.

E, para sua surpresa, mal terminou de proferir a sua oração, passaram-se dois minutos e, como que por milagre, a chuva foi diminuindo até que cessou e as pessoas passaram a se aventurar entre as poças de água para retomarem seus rumos.

Orgulhoso com o resultado de sua rogativa, Santelmo mal se dignou a agradecer o benefício que, pensava ele, fora conseguido graças à sua intercessão.

Agarrou-se aos seus papéis e, atabalhoadamente, correu em direção ao seu carro. Estava atrasado demais até mesmo para se despedir do padre.

No entanto, assim que se aproximou da esquina, surpreendido, percebeu que dali não poderia mais sair.

Seu carro não fora vitimado pela cobiça de ladrões. Afinal, Santelmo o havia confiado à proteção contra furto ao próprio Criador.

No entanto, esquecera-se de pedir a proteção contra o peso da árvore.

Envolvida pelo vento e, em face de sua avançada idade e da fraqueza de suas raízes, a velha e corajosa árvore havia tombado no meio da rua, prensando-lhe o carro e o transformando em um monte de ferros retorcidos.

A primeira reação de Santelmo foi de imediata revolta. A quem poderia culpar por aquele infausto acontecimento, senão a Deus, que não lhe havia protegido o patrimônio?

No entanto, a consciência lhe dizia: Mas você não pediu a proteção contra a chuva. Além do mais, foi você quem procurou a sombra, alegando que aqui seu carro ficaria protegido contra o sol.

Esse pensamento conflitava com a sua eterna mania de procurar colocar a culpa sempre em alguém.

Sentou-se na sarjeta, desolado, esquecendo-se de que a culpa havia sido dele mesmo.

Passou a chorar, revoltado, levantando imprecações contra o Criador:

- Como é que o Senhor foi fazer uma coisa destas, justo comigo? Não O tenho servido sempre com o melhor de meus esforços? Não tenho oferecido sempre a esmola generosa para a nossa paróquia? Não venho todos os dias para arrumar a igreja, a Sua Casa?

Seu estado interior era de dar dó e a sua rebeldia de criança causava vontade de rir.

- Meu carrinho, meu carrinho - repetia ele, inconformado.

As pessoas se ajuntaram ao seu redor para dar apoio moral e para perguntar se ele estava bem.

Alguém se lembrou de lhe trazer um copo de água com açúcar.

Outros o conheciam e tratavam de tentar consolá-lo.

- Graças a Deus, Santelmo, você não estava aí dentro.

- Vamos agradecer à bondade de Deus que não permitiu que o acidente ferisse pessoas ou tirasse vidas.

Ante estes comentários, Santelmo ia se irritando. Sua fé não era tão generosa e a base de sua crença se fundamentava em um grande contrato de interesses. Vendo tantas opiniões que não faziam referência à injustiça de que ele se sentia vítima, levantou-se e, com o olhar contrariado, respondeu:

- Graças a Deus coisa nenhuma. Eu estou servindo de empregado para Ele e, veja só o que recebi em troca. Não consigo entender que tipo de proteção esse Criador promete aos que Lhe servem tão desinteressadamente. Onde está o cumprimento da afirmativa de que “é dando que se recebe”?

Vendo-lhe o estado de desequilíbrio, todos se calaram por saberem ser inútil discutir naquelas condições.

- Como vou trabalhar agora? Como posso ganhar o meu salário digno se, para o meu zelo, esse Deus tem esse tipo de resposta?

Tentando minimizar a sua amargura, alguém comentou, baixinho:

- Pelo menos, meu amigo, como corretor esclarecido que você é, não precisa ficar se lastimando contra Deus, pois a perda total é evidente e a seguradora vai lhe dar um carro novinho.

Escutando aquela afirmativa, Santelmo lembrou-se de comentar:

- Está vendo como são as coisas. Não foi proteção de Deus coisa nenhuma. Só não vou ficar na rua da amargura porque fiz seguro do meu carro, porque se ficasse esperando a tal da Divina Providência, estava mesmo é no prejuízo.

A lembrança do seguro lhe devolveu um pouco a calma e, depois de alguns telefonemas, um amigo veio buscá-lo e foi providenciada a ajuda da prefeitura e dos bombeiros para o corte da velha árvore.

Antes de seguir para seu trabalho, Santelmo passou em sua casa para pegar os documentos do seguro e dar início ao trâmite da papelada.

No coração, a amargura injusta contra Deus que, segundo sua tola maneira de ver as coisas, nada havia feito para ajudá-lo naquela tragédia. A única fonte de consolação havia vindo de sua diligência em ter feito o seguro do veículo, alguns meses antes, sem o que, fatalmente estaria perdido.

Agarrou a pasta da documentação e seguiu direto para a seguradora.

Atendido pelo funcionário respectivo, esperava sem muita atenção a concretização dos procedimentos burocráticos, pensando na cor do novo carro, na marca e nas características do novo modelo. No final das contas, aquela vacilada de Deus, afinal, não tinha sido tão má, já que, a partir de então, ele poderia ter um novo veículo.

la Santelmo por esta estrada, já se aproximando de Deus novamente e começando a lhe dirigir pensamentos de agradecimento pela vantagem material que obteria com o acontecido, quando foi tirado de seus devaneios pela chegada do funcionário da seguradora, com o rosto contrariado:

- Bem, Sr. Santelmo, sinto informá-lo de que o senhor não possui direito à indenização desta seguradora.

- Ora, meu rapaz, não me venha com brincadeiras. Eu fiz o seguro e meu carro está achatado pela árvore. Não há o que discutir.

- Sim, Sr. Santelmo. O senhor fez o seguro corretamente, mas, não sabemos por que motivo, as duas últimas parcelas da mensalidade não foram quitadas e, por isso, o contrato não foi cumprido pelo senhor mesmo. Nem nas suas documentações pudemos encontrar o recibo de pagamento. O Senhor os possui para provar que pagou?

Um suor gelado começou a descer pelo rosto de Santelmo. Não se lembrava de ter pago. Em realidade, envolvido pelos negócios e pela tentativa de se manter em dia nos seus negócios com Deus, segundo sua crença capenga, Santelmo tinha se esquecido de se manter em dia com os compromissos para com a seguradora.

Ficou sem o seguro e sem o carro. Acabara ali o seu namoro com aquele Deus.

Desde esse dia, nunca mais Santelmo apareceu na igreja. Abandonara a fé católica onde se havia formado, mas onde nunca tinha ingressado com sinceridade.

Rancoroso com o Criador, meses depois fomos encontrá-lo em uma agremiação religiosa de negociantes da fé, onde o lema principal, repetido insistentemente na hora de passarem a sacolinha para a coleta, era:

“Vamos lá, irmão, dê muito para Deus, para que Deus te devolva ainda mais...!”

Lá estava o mesmo homem, enfiando a mão no bolso para dar dinheiro, na esperança de manter seus contratos materiais com Deus.

Tinha, apenas, trocado de igreja... procurando manter seus interesses.

O Evangelho Segundo o Espiritismo — Cap. XVI - Desprendimento dos bens terrenos.

9 Ter apenas o ser

PÚBLIO

Abandonada a veste carnal, cada um se encontrará no país da verdade, onde o ter será apenas o ser.

Vivendo no mundo da fantasia e da ilusão dos sentidos, o Homem é levado a se considerar dentro dos padrões que homenageiam o ter, antes do ser. A aparência da virtude, mais do que a virtude. A verossimilhança mais do que a verdade.

Na fantasiosa farândola do existir terreno, afastado da visão espiritual que comporia um quadro bem mais coerente, prefere o homem sacrificar o invisível às suas aspirações visíveis. Todos os recursos de acesso ao mundo espiritual, em geral, ele costuma utilizar para ampliar as ilusões do mundo material, colocando o imponderável a serviço do que é grosseiro.

Nos quase dois mil anos que se passaram, desde o advento da Verdade, materializada sobre o Mundo na figura de seu Augusto Governador, sucedem-se os esforços constantes de se corromper a sua claridade a fim de albergar sob o seu manto as velhas formas corruptas, as mesmas centelhas de trevas que serviram aos homens na conquista de seus haveres transitórios, de suas cátedras douradas, de seus louros e poderes efêmeros.

Desejar submeter a hosana de esperanças ao controle das velhas formas, pretendendo manter o falso domínio sobre os processos de evolução, como se fosse possível impedi-lo de prosseguir segundo a vontade do Criador é um empenho próprio dos ingênuos ou dos tolos.

Todos estes esforços levaram o Homem a criar a gama de necessidades sobre coisas inúteis e recheiar os seus momentos com exigências de diversão e lazer descabidos, nos gastos absurdos com coisas absolutamente desnecessárias e, reduziram à mera expressão formal a prática da sincera abnegação religiosa.

Sabendo conduzir as pessoas e suas esperanças como boiada cega e sem vontade própria, será muito mais fácil possibilitar que a Luz Espiritual não ilumine todo o rebanho.

Por este motivo, tem sido tão conturbada a trajetória humana nos séculos que se seguiram quando, os mesmos que deveriam implantar o reino de Amor em nome do Cristo, fizeram guerras de conquistas, entabularam perseguições, realizaram execuções em massas, espalharam o terror por todos os cantos.

Espíritos amedrontados com a mensagem libertadora passaram a renascer no seio da igreja e ali estabeleceram o império de sua perversidade, nos longínquos dias do passado.

Emergir desse cipoal de confusão exigiu o esforço de um grande número de abnegados heróis corajosos, a maioria dos quais amargou a fogueira ou a execução cruel, deixando suas cinzas para adubar a ideia renovada e reformadora da velha ordem corrompida.

No entanto, surgida a Reforma, combatendo os abusos e buscando o respeito absoluto aos textos primitivos, novamente derivou o pensamento, tão logo se afastaram da Terra os seus luminosos representantes. Voltou-se a discussão das teses sem fim, onde a lógica cedia à casuística, onde o que era verdade acabava substituído pelo que era conveniência, multiplicando-se as correntes do evangelismo para, na atualidade, se apresentarem divididas em duas correntes básicas : a dos que se mantêm aferrados, em grande parte, à letra fria e seca, na qual embasam seus cultos, suas defesas absurdas, sua prédica do Reino de Deus, e a dos que se prendem aos compromissos do cofre abastecido, que não se condõem nem se ressentem de espoliar as criaturas já abatidas pela sorte, delas extraindo o pão dos filhos ou a moeda destinada ao remédio.

Aproveitando-se do caos do pensamento, aliam-se à letra da escritura e usam a bandeira do demônio para infundir o reino da temeridade, com o qual seguem se refestelando nos mesmos valores que o próprio conceito demoníaco elegera para seu deleite: a fé cega ou o dinheiro ou as duas coisas.

Ainda que estas vertentes religiosas não representem a totalidade daqueles que seguiram o caminho reformista, são aquelas que, valendo-se da fragilidade dos sentimentos e dos conceitos

filosóficos pouco desenvolvidos da maioria das pessoas, arrastam multidões às armadilhas que prepara, seja para vender sabonetes unguentos a fim de afastar o mau agouro, para vender lenços benditos, óleos santos, espadas poderosas, miçangas abençoadas, seja para amedrontá-las, nas culpas que todos carregamos no íntimo imperfeito que nos domina, exercitando, com as interpretações literais uma violência na consciência despreparada.

O que não é compatível com o seu interesse é atribuído à ação de Satanás que, nesses ambientes, é personagem de maior importância do que o próprio Cristo, relegado à condição de mero e distante coadjuvante.

Olham os equívocos no caminho dos outros, sem observarem as próprias fragilidades e as próprias quedas, os interesses absolutamente incompatíveis com os ditames do autêntico Evangelho, que é a mais pura expressão do desinteresse, já que se prende às riquezas do Céu e propugna pela construção dos tesouros celestes.

Como prestar contas da imensa responsabilidade sobre a vaga humana quando os processos da consciência se apresentarem na iluminação dos pensamentos pela lógica do bem e da verdade?

No momento do decesso do corpo físico ao abafado ambiente da cova pobre, como se portará o indivíduo que se deixou levar pelas explicações comprometidas com o mundo material do qual acabou de ser expulso por força da decisão inexorável da morte? Ao se aproximarem da realidade do Reino onde o único Ter de cada um será o verdadeiro Ser que aprendeu a encontrar em si próprio, como se sentirão aqueles que usaram da fé como instrumento de conquista, de melhora material, de sucesso terreno?

Olvidaram-se das advertências evangélicas de que os que preferem os tesouros da Terra neles já encontraram a sua recompensa? De que não adianta esperar os tesouros do céu, pois estes não lhes pertencem e sim aos que trilharam a vida pela estrada dolorosa, pelos sacrifícios da porta estreita? Olvidaram-se das mensagens bíblicas que afirmam não ser suficiente comparecer ao banquete de núpcias como comensais displicentes, oportunistas e candidatos à boca-livre, mas, ao contrário, que deveremos todos estar trajados com a “veste nupcial”?

Aliar-se a tais conceitos inferiores para entronizar o reinado do terror e abrir os cofres que dão acesso aos tesouros materiais significará usar o mal como chave para locupletar-se com aquilo que a maldade tanto cobiça.

E se é verdade o que Jesus disse, ensinando aos seus discípulos, que a boca fala daquilo de que está cheio o coração, melhor observar muito bem as palavras que são proferidas nos diversos lugares que se dizem religiosos a fim de que não acabemos surpreendidos nos equívocos de tantos séculos, nas negociatas inescrupulosas, usando o diabo como desculpa para conquistarmos, apenas, as coisas que o “diabo” aprecia.

Tenhamos, pois, olhos de ver e ouvidos de ouvir. Amigos espirituais nos alertam para nossos conceitos equivocados, num período de tantas tentações imediatistas e exigências materiais.

Mais do que nunca, nos dias de hoje vale a advertência de Jesus: Armadilha de lobo, apenas pega lobo.

Cuidado para não cair nela, pois se isso acontecer, você não será diferente daqueles que critica.

"Por que vedes um argueiro no olho do vosso irmão, vós que não vedes uma trave no vosso olho? Ou como dizeis ao vosso irmão: Deixai-me tirar um argueiro do vosso olho, vós que tendes uma trave no vosso? Hipócritas, tirai primeiramente a trave do vosso olho, e então vereis

como podereis tirar o argueiro do olho do vosso irmão.” (São Mateus, cap. VII, v. 3, 4 e 5).

10 A escuridão de lucindo

Lucindo Lâmpara de Oliva era destes homens que sempre se valia da crença para orientar a sua vida.

Não que fosse profundo nas que consultam o mundo espiritual para solucionar todos os seus problemas.

Fosse dificuldade de dinheiro, fosse problema de saúde, lá ia Lucindo buscar a iluminação das entidades amigas em pequeno grupo espírita que frequentava, em sua cidade interiorana.

Amigos de longa data, cultivadores das verdades espirituais, todos ali se achavam irmanados nas mesmas e superficiais questões da vida, pretendendo sempre fazer da reunião de intercâmbio mediúnico o trampolim para revelações e ajudas pessoais e particulares.

Tinham o conceito de que se o problema era dor de dente, procurariam o dentista. Se fosse dor de barriga, buscariam o médico. Se fosse dor no bolso, procurariam o gerente. Para as outras dores e para todas aquelas que se tornassem insolúveis, fosse o dentista, o médico ou o gerente, existiria o recurso aos espíritos afim de que estes dessem as dicas de como resolvê-las.

O grupo se reunia semanalmente, mas por mais que os espíritos amigos se esforçassem em imprimir uma mais elevada dinâmica nos comentários sobre as realidades do espírito, todos os seus cinco componentes, três mulheres e dois homens, se mostravam arredios e se faziam de desentendidos.

Mal se fazia presente o espírito Ademar, o mentor do grupo, era crivado de delicadas perguntas sobre os processos de ajuda em andamento, além de receber várias petições sobre novas solicitações.

O espírito devotado aceitara submeter-se àquela situação como forma de, pacientemente, reencaminhar todos eles para outros patamares evolutivos, despertando mais nobres sentimentos, mais profundas reflexões.

No entanto, os comentários que proferia através da médium que lhe servia de instrumento passivo, nunca eram interpretados com a devida exatidão.

Se Ademar mencionava a necessidade de fazer o bem, todos os ouvintes reconheciam que o mundo estava ruim por falta de mais pessoas que o fizessem, arregaçando as mangas. Eram só eles, naquele pequeno universo interiorano, que se dispunham a cultivar aqueles conceitos.

Sempre a culpa era dos outros. Nunca aceitavam as indiretas amorosas da entidade paciente como exortações a seus próprios esforços. Só queriam respostas positivas do mundo espiritual, imaginando que o pouco que doavam à vida, na forma de algumas horas por semana nas reuniões, era suficiente para transformar a Terra e lhes conceder maiores favores.

Se atendiam algum espírito sofrido, faziam-no apenas porque imaginavam que tal entidade estava acompanhando um dos cinco ou algum de seus familiares e, para liberarem-se de tal perseguição, toleravam aquele irmãozinho aflito, exortando-o a deixar a companhia do encarnado e ir para os hospitais espirituais.

Pouca leitura, nenhum estudo, apenas deleite e tempo mal aproveitado.

Ainda assim, por ver neles mais ingenuidade do que maldade, Ademar seguia com paciência, atendendo naquilo que lhe era permitido.

Certa ocasião, Lucindo compareceu contrariado à reunião.

Estava aflito, queixando-se de fortes dores no corpo e de uma porção de problemas materiais que não conseguia solucionar. Conversando no ambiente da reunião antes de seu início, falava em voz alta com seus amigos encarnados, na certeza de que o espírito Ademar deveria estar escutando seus queixumes. Fazia-o, portanto, de caso pensado:

- Veja, Zuleide, se as coisas continuarem assim, não demorará muito e eu não poderei vir mais até a nossa reunião. Já somos tão poucos e sinto que terei de deixá-la, premido pelas mais árduas lutas da vida.

Na verdade, estava enfrentando alguns problemas materiais comuns do dia-a-dia e problemas emocionais neles enraizados e decorrentes do excesso de ansiedade, ligado ao seu estilo de vida inútil e sem perspectivas. Sem objetivos elevados, seu dia-a-dia era um constante remoer dos mesmos pensamentos e sentimentos e isso piorava com o tempo. Nada mudava em seu interior. Os compromissos com as dívidas, com os seus investimentos, o medo de prejuízos, o medo da violência, a incerteza do amanhã, as notícias ruins da televisão, tudo isso era matéria mental que se juntava no pensamento de Lucindo.

Não eram problemas que tivessem algo a ver com a reunião espiritual. No entanto, seu modo interesseiro de ver sempre culpa nos outros e nunca nos seus próprios defeitos fazia com que ele imaginasse que estava sendo vítima de algum espírito necessitado, de alguma entidade perseguidora e que, por isso, Ademar deveria protegê-lo, a fim de não se ver no prejuízo.

Falava no tom dos insatisfeitos que, de maneira indireta, culpam os espíritos por tudo, seja pelo problema que criam, seja pela ajuda que parece não lhes chegar. Ao desabafar-se ali, naquele local que deveria ser santificado pelo respeito e pela elevação, acreditava que os espíritos responsáveis pela proteção estariam escutando, como se seu reclamo tivesse endereço certo, convicto de que estava batendo na cangalha para o burro entender.

Chegado o momento da reunião, todos à mesa. Prece de abertura, pequeno trecho do Evangelho, sem maiores comentários para não atrasar o que importava: a comunicação dos espíritos, encabeçada pela do mentor Ademar.

O orientador espiritual assume as faculdades de Da. Zuleide e, aproveitando o ambiente e sem mencionar qualquer ciência sobre as queixas de Lucindo, discorre longamente sobre a importância do trabalho. Não se deveria perder tempo com questões superficiais e com reuniões improdutivas, já que a única força viva que existia em favor das pessoas que esperavam alguma coisa do Mundo Espiritual era aquela conquistada com a entrega de si mesmo através do labor fraterno no caminho do semelhante. Todos eram detentores da riqueza da doutrina espírita e, por isso, a humanidade poderia ser transformada mais rapidamente se os seus profitentes se engajassem sem medo e sem egoísmos na grande obra do Bem, com esquecimento de si próprios.

Naturalmente, este discurso não agradava a nenhum dos acomodados ouvintes, que viam sempre a inércia nas costas dos outros e nunca na deles próprios.

Contendo a contrariedade, Lucindo esperou até que Ademar, como de costume, franqueasse a palavra aos que ali estavam, sempre acostumados a esse procedimento, ocasião em que retomavam as suas arengas e lamentos.

Sem esperar que qualquer outro lhe tomasse a dianteira, Lucindo obtemperou:

- Querido irmão, nesta noite, mais do que em outras, trago o meu coração apertado e cheio de angústias. Sinto que algo de ruim vai me acontecer e estou na expectativa de sua ajuda para que você me afaste do mal e da escuridão. Tão grandes são minhas apreensões que estou com

dores espalhadas pelo corpo, naturalmente fruto de preocupações que só eu e você conhecemos afundo.

Escutando em silêncio o desabafo, o Ademar espírito dava oportunidade para que Lucindo se aliviasse, confessando seus temores de maneira genérica, já que não desejava expor sua vida pessoal ao conhecimento dos que estavam ao seu redor.

- Tenho medo, sinto que alguma coisa muito trágica pode me ocorrer e me lançar na escuridão e no desespero.

Naturalmente, usava de uma linguagem simbólica para que o espírito pudesse compreender toda a extensão de seu conflito sem precisar descer a maiores detalhes diante de ouvidos alheios.

- Ora, Lucindo, você é um filho de Deus e o Criador jamais desampara seu filhos. Confie. Coloque em prática tudo aquilo que você tem ouvido aqui, aprendendo as lições do Evangelho ao longo destes quatro anos de reuniões. O trabalho é o sublime recurso que nos ajuda a iluminar nosso mundo íntimo.

- Mas o irmão está dizendo que eu não faço o bem? - respondeu Lucindo, melindrado.

- Claro que não - respondeu o espírito, tolerante. - Estou dizendo que qualquer dificuldade se consegue solucionar com mais trabalho, esquecimento de si mesmo e mais devotamento aos que sofrem, única forma de conseguirmos criar uma rede de solidariedade à nossa volta e que nos sirva de sustentáculo na hora dos nossos testemunhos.

- Lamento dizer isso, irmão Ademar, mas estou no limite de minha capacidade de ajudar e por isso é que venho aqui solicitar a sua ajuda. Instrua-me na conquista de forças para que não pereça na escuridão.

Percebendo que Lucindo não desejava revelar-se mais e melhor para não declarar seus motivos perante aqueles companheiros de jornada, Ademar lhe afirmou:

- Para que entenda o que é necessário fazer a fim de que não pereça na escuridão, prepare-se para que, nesta noite, durante o repouso do corpo, você possa adormecer e sonhar com a solução do problema. Quando acordar, estará muito clara na sua mente qual é a medida que deverá adotar.

- Muito obrigado, irmão. Eu fico lhe devendo mais esta. Estarei esperando pelo repouso como o faminto pelo prato de comida e, certamente, saberei acolher o ensinamento que me oriente o caminho, na busca da claridade.

Terminada a reunião, mais do que depressa Lucindo Lâmpara de Oliva dirigiu-se para sua residência, onde, sem delongas, se colocou em repouso, no aguardo do aconselhamento noturno que o mundo espiritual lhe propiciaria.

A sonolência não tardou a chegar e, meia hora depois, eis que Lucindo se via de pé, ao lado de Ademar que o recebia carinhosamente.

Graças à autorização superior, Ademar propiciaria a seu tutelado querido uma excursão de aprendizado, com a qual esperava ajudar o pupilo a despertar para as realidades verdadeiras e não ilusórias como Lucindo era mestre em inventar.

Meio atontado, Lucindo aceitou o braço amigo de Ademar e, sem compreender como, viu-se erguido a uma outra dimensão. Sem entender, alguns instantes depois estava em uma vasta instituição espiritual, na qual se unia a muitos outros trabalhadores encarnados, retirados do corpo físico para as mesmas finalidades.

Ali estaria sublime entidade comprometida com os destinos da humanidade, em palestra instrutiva a fim de estimular todos os candidatos ao bem na necessidade do desdobramento de seus esforços, não ficando limitados apenas às pequenas tarefas já desenvolvidas. Sentaram-se.

Lucindo guardava singular encantamento com aquele mundo diferente e luminoso, no qual se deixava embevecer pela grandeza de Deus e pelo amor do Divino Mestre.

Não tardou para que Asclépio, o iluminado mentor responsável pela palestra da noite, subisse à tribuna e, depois de singela e sentida oração, começasse a sua prédica.

Asseverando sobre a importância da vida individual como produtora de luzes nos caminhos da humanidade, pediu vénia para contar uma história:

“Certa ocasião, atendendo à solicitação do Augusto Governante, elevado espírito de sua corte celeste veio ao mundo para ver quais os mais urgentes problemas e as mais prioritárias necessidades dos homens.

Transitando das altas esferas até a superfície terrena, o iluminado anjo observou o vasto corpo ciclópico envolto em pesadas sombras. Apenas fugazes luzinhas brilhavam em sua superfície, pobres lâmpadas de azeite que iluminavam modestamente, aqui e ali, a superfície do globo, ao preço da fuligem e da precariedade, o que demonstrava a imensa necessidade daqueles homens por uma fonte de luz que os tirasse da treva.

Compadecendo-se dos habitantes que tropeçavam na escuridão, amparados apenas por pequeninas lamparinas de óleo, o anjo regressou ao Senhor e lhe comunicou:

- Querido Mestre, no percurso que realizei vi muitas coisas tristes e muitas necessidades perturbando as pessoas. Há violência, há medo, há angústia, há confusão, há crime. No entanto, tudo isto é fruto do ambiente escuro em que todos estão vivendo. Com luz abundante, a violência diminuirá, o medo será combatido pela claridade, a angústia encontrará fonte luminosa para tratar-se e o crime não costuma apresentar-se perante a luz. Assim, meu Senhor, creio que uma usina será a solução de todos os problemas.

- Se esta é a sua conclusão, providencie a edificação de uma potente fábrica de energia para que a luz possa iluminar a Terra inteira e, depois de edificada, acompanhe os efeitos benéficos dessa obra.

Felicitado pela acolhida de sua sugestão, o elevado ser se moveu para que a poderosa usina fosse erguida, o que demandou certo tempo e esforço de muitos trabalhadores. Projetaram todo o sistema, desviaram o rio caudaloso, ergueram a barragem, construíram a casa das máquinas, instalaram os potentes dínamos geradores até que, por fim, deram por encerrado o hercúleo trabalho.

A usina estava pronta.

Felicidade no coração do anjo que, rápido, buscou o Senhor para comunicar-lhe a ocorrência.

- Divino Mestre, conforme sua autorização, a usina está pronta e funcionando. Agora, os problemas a que me referi poderão ser combatidos e solucionados.

- Graças ao Pai devemos dar por todas as realizações das quais somos apenas singelos operários felizes pela conclusão favorável dos nossos projetos. Não se olvide, entretanto, de avaliar os resultados. Voltaremos lá daqui a um ano para ver se tudo está melhor.

E assim foi feito. Um ano depois, o anjo regressou à Terra, desta vez acompanhado pelo Senhor em pessoa.

No mesmo trajeto, uma surpresa desagradável começou a se delinear. A Terra continuava

escura e apenas pequeninas luzinhas à óleo permaneciam acesas no caminho dos homens.

Sem entender o que se passava, o anjo foi ficando inquieto, preocupado, pois não imaginava o que estava faltando para que a Terra se tornasse luminosa.

Teria a usina se avariado?

Chegaram até a obra portentosa e Jesus exclamou toda a sua admiração pelo projeto e pela execução, enaltecendo o esforço de seu colaborador.

No entanto, mais confundido, o anjo manifestou seu espanto ao Divino Senhor, pelo fato de a escuridão persistir.

Jesus, com sua bondade e sabedoria, afagou- lhe os cabelos cacheados e lhe disse:

- Não se culpe, meu filho. Você fez tudo certo. Aplainou o terreno, afastou o rio, ergueu a barragem sólida, instalou os geradores poderosos, edificou as linhas de transmissão principais nas grandes torres para levar a energia a todos os lugares.

- Mas por que o mundo segue escuro, meu Senhor? Aumentou a violência, o medo campeia brutal, a angústia faz as pessoas ficarem presas em casa, o crime se multiplicou! Por quê?

- Observe bem, filho amado. Tudo o que nos cabia fazer foi feito. No entanto, os homens não se dispuseram a realizar a instalação elétrica de suas casas e ligá-las na rede generosa. Estão acomodados com suas lamparinas. Não querem gastar dinheiro nem ter trabalho na instalação de pobres fios de energia que lhes faltam para acenderem as luzes elétricas. Sentirão saudades do odor de azeite queimado, da fuligem e da claridade diminuta. Preferem ficar como estão, mesmo quando reclamam da escuridão. Como você pôde ver, o problema não era a falta da usina. Era a falta de vontade e dos pequenos gestos que pudessem tornar efetivamente útil a sua destinação de iluminar.

Dito isto, voltaram para o Divino Gabinete celestial, esperando outra oportunidade para regressarem ao mundo e verem se os homens já tinham feito a parte que lhes cabia.

Concluindo a palestra que encantava a todos os que ali estavam, incluindo o próprio Lucindo, Asclépio rematou:

- Filhos, na Terra o Senhor já providenciou a edificação da Usina Poderosa, capaz de iluminar a todos os que desejarem, através do Seu exemplo pessoal que é manancial puro do Cristianismo verdadeiro.

As linhas de transmissão estão montadas e instaladas na forma da rede que a Doutrina Espírita facultou através das verdades sublimes da imortalidade e dos espíritos amigos que, generosos, não se cansam de fazer a energia fluir para todos os lados. No entanto, o mundo continua escuro porque os humanos não estão empenhados em trabalhar para espalhar a luz que está disponível, em se tornarem modestos fios condutores que retiram a energia das grandes redes e a transformam em vida, em iluminação pública, em calor, em serviço que erga a si mesmos e aos demais. Atualmente, a escuridão e o aumento dos problemas na Terra são consequências diretas da inércia dos que reclamam da escuridão, por não se transformarem em fios, lâmpadas humildes, conectores com as forças elevadas, convertendo a usina em claridade. Todos vocês devem se transformar, através do trabalho. Não tenham medo da escuridão. Iluminem à sua volta, ligando-se à verdadeira fonte. A usina está ligada e produzindo.

Os espíritos estão ativos e operantes. Jesus supervisiona toda a obra. Estão faltando os que, encarnados, acreditem nas energias espirituais e, deixando de lado os seus interesses e o seu apego ao azeite e à lamparina insignificante, se disponham a transformarem-se em filamentos

que incandesçam ou em fios modestos através dos quais a luz do bem, do trabalho que ilumina a esperança dos que sofrem, a compreensão que eleva e clareia a alma oprimida possam agir e espantar, para sempre, a violência, o medo, a angústia e o crime da face da Terra. Tudo está pronto. Só faltam vocês.

A exortação de Asclépio caíra-lhe como uma bomba no coração agoniado. A história era para ele, Lucindo. Entendera a profundidade da mensagem, na condição de espírito temporariamente afastado do corpo. Chegara o momento de regressar. Ademar o conduzia carinhoso até o ambiente onde o corpo físico repousava e, sem proferir qualquer palavra de reprimenda, colocou-o em contato com a matéria densa, aplicando-lhe passes magnéticos para que Lucindo, quando acordasse, pudesse reter o maior número de informações possível, lembrando-se da mensagem do iluminado instrutor.

Suavemente, Lucindo acordou no corpo físico, tentando manter a consciência das experiências da noite.

Assim que voltou ao corpo, lhe parecia clara a noção da mensagem.

- Sim, havia sonhado - confirmava ele para si próprio. - Estivera em lugar elevado, ouvindo alguém contar a história de uma construção. Relembra vagamente a epopeia de uma grande obra, uma represa, um vasto rio, gente trabalhando, energia elétrica. Sim, energia elétrica, rede de transmissão, cabos pesados por todos os lados correndo sobre a noite escura.

No entanto, por causa de sua habitual maneira de interpretar as coisas, sempre distorcidamente, Lucindo passou a perguntar a si mesmo:

- Mas o que o irmão Ademar quis me dizer com isso? Havia muita gente comigo, e todos estávamos escutando o espírito falar de trabalho, fios, conexões, transmissão... e que isso iria resolver o problema do medo, da violência, do crime, da angústia... tudo o que eu tenho dentro de mim.

E sem querer entender o que era óbvio para o mais simples entendedor, Lucindo preferiu divagar por outras trilhas:

- Acho que o irmão Ademar quis me dizer isso tudo porque eu fiquei falando que estava me sentindo com medo de cair na escuridão, de que algo poderia ocorrer comigo e me levar às trevas, perder o meu dinheiro no investimento que fiz. Mas isso foi maneira de dizer... Eu não expliquei bem meu problema pessoal porque não queria revelá-lo aos outros. Será que os espíritos interpretam tudo ao pé da letra? Queria uma resposta sobre o meu problema pessoal, não sobre essas generalidades espirituais. Oras bolas, uma noite perdida. Tudo porque eu quis falar por parábolas e o espírito acabou levando o negócio para o lado do medo da escuridão, me fazendo sonhar com um monte de fio, com necessidade de fazer instalação elétrica, de acender lâmpada. Que massacre!

E enquanto ia dando voltas e nós em sua cabeça para não acatar a essência do ensinamento, como lhe era de costume, Lucindo ia se trocando, escovando os dentes, sempre com a presença de Ademar ao seu lado que, decepcionado, acompanhava a esteira de mentiras e ilusões com que Lucindo estava acostumado a cobrir-se, deixando de fazer o que devia para resolver suas angústias.

À mesa do café, falava consigo mesmo.

- É, seu Lucindo tonto, vê se na semana que vem você fala as coisas de maneira mais clara porque, afinal, os espíritos nem sempre sabem tudo. Vai que o irmão Ademar é desses espíritos fraquinhos que não conseguem captar pensamento.

E enquanto passava a manteiga no pão, o irmão espiritual “fraquinho” que o acompanhava

acercou-se dele e o intuiu no sentido de que aquele sonho tinha algum fundo de verdade e que ele não podia achar que se tratasse de um engano do mundo espiritual. Envolveu seu pensamento, infundiu-lhe intuições, transferiu magnetismo precioso para que o pensamento de Lucindo fosse clarificado pelas suas advertências espirituais.

Tocado nas suas mais profundas fibras mentais, Lucindo considerou para si mesmo:

- Bem, por outro lado, não posso trabalhar apenas com a hipótese do equívoco do mundo espiritual. E se não for um erro do Ademar? E se, realmente, o sonho quis me dizer alguma coisa?

Com esses pensamentos, o irmão Ademar se tranquilizou pois, afinal, a noite e o esforço não haviam sido perdidos.

- Ufa! - pensou a entidade amiga, aliviada. - Até que enfim, Lucindo está reagindo de acordo com a importância da mensagem espiritual e de sua responsabilidade perante o mundo.

Mas mal tinha acabado de pensar isso, ouviu Lucindo gritar para a mulher, que ainda estava esticada na cama, preguiçosa:

- Querida, você sabe onde está o telefone do Juvêncio?

- Está na agenda, meu bem, porquê?

- Ah! Ontem à noite, na reunião, eu me queixei de alguns problemas pedindo ajuda e o irmão Ademar me disse que eu teria um sonho que me auxiliaria. E, realmente, sonhei muitas coisas ligadas à energia elétrica, fios, lâmpadas, etc. Isso pode ser um aviso. Um curto circuito pode nos causar muito prejuízo. Então, por via das dúvidas, vou pedir ao Juvêncio para que venha fazer uma revisão na instalação elétrica aqui de casa. Afinal, os avisos do mundo espiritual a gente tem sempre que levar em conta, não é mesmo?

- Isso é verdade, querido.

E, falando consigo mesmo em voz alta, prosseguiu:

- Que Deus o abençoe, irmão Ademar. Eu não sei o que seria de nós sem você... - comentou Lucindo, terminando de engolir a torrada e seguindo para o telefone.

No entanto, tão logo percebeu que Juvêncio era o eletricitista, Ademar saiu dali para não perder a paciência com Lucindo, pensando seriamente em tirar umas férias da tarefa de espírito com responsabilidade de tutelar os homens.

O Evangelho segundo o Espiritismo - Cap. VII - Mistérios Ocultos aos Sábios e aos Prudentes.

11 A responsabilidade do afeto

PÚBLIO

No império da felicidade, cujo território é o coração da criatura e suas fronteiras os corações alheios, o sentimento representa a maneira mais direta de nos identificarmos com o Criador.

O pensamento busca conhecê-Lo através de análises frias e formais, sempre pouco profundas para penetrá-Lo. No entanto, este mesmo pensamento tem levado o Homem a afastar-se da realidade Divina, empobrecendo-se ao contato com a sua selvagem personalidade, recém-egressa da floresta agreste onde o instinto dominava seus impulsos.

O sentimento é a página luminosa que o espírito humano pode eleger como a senda que o conduz à realidade mais profunda, que, em algumas vezes, chega a confundir e até a contrariar

as conclusões do pensamento.

Sentir é a poderosa alavanca da elevação da alma. Naturalmente que, se iluminada pela capacidade de discernir que a razão possui e pode desenvolver, tanto melhor. No entanto, quão difícil se torna ao que pensa demais não corromper o próprio sentimento.

Jesus advertia os seus seguidores sobre isso, lembrando a todos da necessidade da simplicidade de alma para compreender as coisas de Deus.

O afeto, no entanto, não deve ser conspurcado pela conduta leviana que confunde e ilude, por não considerar a responsabilidade necessária nas expressões da verdade íntima de cada um que o experimenta.

Nos momentos modernos, quando o verdadeiro sentimento é rebaixado à condição miserável de mera sensação, notadamente a sensação carnal de prazer ou satisfação dos sentidos animais, a ausência de responsabilidade nas relações afetivas, no desrespeito pelas fronteiras desse império da emoção, tem propiciado os mais tristes dramas da infelicidade, da solidão e do desespero, para os quais, os remédios químicos não fornecem alívio.

E se a irreflexão e a desconsideração podem parecer permitir a alguém a ilusão de prazer sem compromisso, não tardarão os anos a encaminhar os indiferentes à retificação de seus juízos equivocados ou iníquos, valendo lembrar que os levianos no afeto são excelentes fábricas de enfermidades para si próprios. Tumores, lesões na alma que migram para os tecidos carnis, inquietações emocionais, problemas crônicos que lotam consultórios e postos de saúde, são a triste herança das condutas indignas no território do coração, a se refletir nas fronteiras alheias, produzindo contendas morais e dissabores de longo curso que, só ao preço de alguns séculos poderão ser reparados.

A irresponsabilidade afetiva, no exercício dos caprichos pessoais em termos de emoção e prazer, tem sido a responsável por um contingente incalculável de lágrimas, como o preço mais elevado para o pouco contingente de satisfação transitória que uma aventura possa produzir.

Tomar a convivência como um exercício onde os mais crueis devem esgrimir seus atributos a ver quem é o mais grotesco contendor, iludindo corações e tirando proveito das emoções alheias, sem lhes contar as lágrimas produzidas, é demonstrar a pouca capacidade de entender as responsabilidades da vida, na alta envergadura que significa viver na trajetória luminosa da elevação. Se, como nos ensinam as lições superiores, só os que Amam governam a Vida, os que se perdem nas estradas tortuosas da exploração da emoção estão fadados a ser governados pela dor moral e material.

Não é punição divina ou vingança da bondade. É efeito da nossa própria ignorância e irresponsabilidade.

Ao contrário, no exercício salutar da emoção que respeita as fronteiras alheias sem invadi-las e sem surrupiar-lhes a paz, o ser humano - homem ou mulher - encontrará a maneira mais segura de entender a sua destinação gloriosa para a construção de uma relação com base na sinceridade e na perpetuidade.

Melhorar a atmosfera dos nossos sentimentos significa nos acercarmos da grandeza Divina que tudo permeia e a todos abraça como essência de pureza que foi colocada em cada criatura.

Lembrar-se de respeitar a afetividade e elevar os próprios sentimentos significará dizer que nos estamos acercando da realidade Divina que tudo dirige e ampara.

Entender que a vida não é uma batalha constante onde os espertalhões levarão mais vantagens, abatendo vítimas como se estivesse num certame de fabricar cadáveres da emoção

para consumo próprio, permitirá que adotemos uma conduta renovada diante das pessoas com quem tenhamos relacionamento direto, respeitando-lhe as opções e tratando os eventuais afastamentos não como tragédias tenebrosas, mas como novas oportunidades que se abrem para aquele que parte, no sentido de tentar ser mais feliz do que era ao nosso lado.

À medida que passemos a agir com mais responsabilidade na expressão de nossa afetividade, diminuirão as relações fortuitas, embasadas no simples contato carnal de superfície, na simples empolgação leviana, na primitiva troca de hormônios sexuais, em prejuízo da permuta das importantes unidades-força da emoção elevada.

Quando tornamos nossas escolhas opções que mereçam a mais plena capacidade de avaliação e de autenticidade, passamos a agir com mais prudência, seja para trocarmos de parceiros, seja para nos aventurarmos em novas e irresponsáveis conquistas baseadas apenas no exercício da vaidade e do interesse estético superficial.

Quando abrimos os olhos do espírito, passamos a entender melhor as importantes fronteiras da afetividade e as respeitamos, sem desejar tomar o território alheio que, depois, não saberemos administrar a contento.

A compreensão da importância do sentimento ajudará cada um a adotar uma postura mais responsável ante os afetos alheios que desperte ou estimule.

A eterna responsabilidade por aquilo que se cativa é a mais perfeita expressão da importância que o sentimento exerce nas vidas de cada pessoa na Terra, já que se trata da elevada expressão de Deus dentro de nós.

Saber sentir e saber respeitar o sentimento alheio sem os recursos dos jogos mesquinhos que enganam a todos com falsas aparências ou perspectivas mentirosas, demonstrará em nós o amadurecimento necessário para que o Senhor da Vida nos desloque para outros ambientes, onde o Amor e o sentimento sincero sejam os ingredientes principais para a conquista da felicidade duradoura.

Enquanto só sabemos destruir, merecemos continuar vivendo em casebres, materiais ou emocionais.

Quando nos civilizarmos na essência, poderemos almejar o ingresso em novas moradias as quais respeitaremos por valorizá-las como merecem.

Quando entendermos a importância do sentimento, acima mesmo da importância do raciocínio, compreenderemos com agir no caminho reto. Por enquanto, seguimos como os doutos e sábios que, cheios de si mesmos, iludidos pelas vãs ilusões deste mundo, eram honrados pelos seus dotes culturais, mas tinham de encobrir as lágrimas amargas das frustrações do sentimento insatisfeito e da solidão nunca solucionada. Por isso Jesus tratou de adverti-los quanto às suas falsas possibilidades de iluminação apenas pelo intelecto, ao ensinar:

“Eu vos rendo graças, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por haverdes ocultado essas coisas aos sábios e aos prudentes, e por as haver revelado aos simples e aos pequenos.” (São Mateus, capítulo XI, v. 25)

12 A moda do ficar... vai ficando

Os pais dele não se cansavam de lhe dar bons ensinamentos. Quantas vezes gastaram todo o bom latim que possuíam tentando levar o filho adolescente à modificação de suas condutas

irrefletidas.

Frederico Bello, em seus dezessete anos, a caminho dos dezoito, se achava o máximo em tipo físico e em estilo, procurando acompanhar todas as tendências e modismos que se apresentavam na roda que costumava frequentar, na qual todos os jovens se caracterizavam pelo mesmo comportamento: vazios símios a imitarem-se uns aos outros, achando tudo “o máximo”.

Não importava se fossem garotos ou garotas. Todos se tratavam pelo primitivo “cara”.

- E aí, cara, tudo dez? - perguntava a menina para a amiga, querendo dizer, no dialeto tribal, traduzido para o português informal se a outra estava bem.

Frederico se valia de sua aparência e do dinheiro de seus pais para impressionar “as minas” que, longe de serem aberturas subterrâneas onde se buscavam minérios preciosos, eram substantivos definidores das jovens do sexo feminino, dentre outros qualificativos menos publicáveis.

E havia sempre “minas” dispostas a serem garimpadas pelos garotos enturmados.

As reuniões sociais, tornadas caretas pelo suceder das décadas; os bailinhos inocentes das casas familiares, ultrapassados pelo fato de estarem sempre submetidos aos olhares vigilantes dos adultos; as reuniões festivas regadas a refrigerante, suco e salgadinho tinham feito a sua época e o seu reinado havia sido superado pelos invasores bárbaros: o álcool, a música pesada e desarmônica, a droga, a promiscuidade. Tudo isso era considerado aceitável pela maioria como “avanços” do tempo do computador. Voltar atrás seria retroceder e involuir.

Frederico Bello era desses jovens nos limites dos conceitos que o levariam ao patamar dos transviados. Gostava de seus pais, mas, na onda de seus falsos amigos, todos embalados uns nos outros e, guiado pela insensatez de uma “maioria” que boa parte da mídia procurava sempre estimular para manter a sua indústria de bebidas, cigarros e vícios, o jovem não dava ouvidos às advertências dos mais velhos. Ouvia-as por educação, mas sem disfarçar a sua impaciência.

- Isso foi no seu tempo, mãe. Hoje é assim que as coisas são. Festa é para aproveitar. As minas estão aí prá isso mesmo. Se a gente não faz o que elas querem, outros fazem e a gente passa por... - bem, você sabe.

- Mas Fred - dizia a mãe, paciente - esse negócio de ficar é muito perigoso. Cada uma que você encontra no escuro, depois dos primeiros beijos, vai e fica com outro. E logo vem uma terceira. Isso não te faz bem, meu filho.

- Que nada mãe, são só uns beijinhos e uns amassos. No dia seguinte, a gente fica normal e ninguém deve nada prá ninguém. E uma curtição do momento, mãe.

Frederico não gostava de escutar.

Suas festas, quando se reunia o grupo de jovens, eram regadas a cervejas, whiskies, alguns entorpecentes - que Fred ainda não havia provado, apesar dos oferecimentos constantes - e de carências emocionais e curiosidades físicas que a escuridão ou a penumbra ajudavam a desmistificar. Assim era comum que, numa mesma festa, cada jovem, todos na mesma faixa etária, se determinasse a ficar com o maior número de jovens do sexo oposto, numa exibição de poder sedutor que podia fazer a fama de qualquer um deles. Em realidade, não passava de uma exibição de tolices juvenis, no exercício natural dos hormônios em profusão, através dos corpos guiados por jovens em desequilíbrio e euforia, próprios da imaturidade.

E como era de boa aparência, Frederico era sempre o que as “minas” cobiçavam e se

permitiam todos os tipos de experiência. Para não perder o seu posto na conceituação do grupo, Fred não recusava oferta e, mesmo depois de muitas “ficadas”, era capaz de procurar aquelas ainda invictas, para provar o gosto de seus humores bucais.

Naturalmente, afestinha era uma verdadeira falta de senso, repleta de garotos e garotas que se achavam maduros para tudo e que, no fundo, não passavam de infatíloides a caminho da vida adulta pelas piores trilhas.

Todos os jovens tinham os seus macetes. Balinhas, bebidas, estilos de beijar, chicletes, sprays bucais, esse era o cortejo de preocupações dessa tribo estranha.

Desejando inovar ou ser diferente, a maioria dos jovens usava o uniforme padrão que os igualava, na falta de originalidade típica dos rebeldes sem inteligência, não faltando o bloco dos tatuados, dos pintados, dos perfurados, dos de roupa rasgada, dos drogados, dos sujos, quase que numa cômica alusão ao mundo dos clones: todos diferentes e todos iguais.

Frederico, tido por si mesmo como um dos ídolos da moçada, não tinha o menor desejo de perder esse picadeiro.

A música corria alucinada, ferindo os ouvidos sem que ninguém se importasse em avaliar-lhe o grau de beleza. Era apenas a batida surda e barulhenta que, voltando ao tempo das selvagens congregações antropóides, era usada para indicar sinais à distância.

Antes da festa, em casa, o pai advertia, amigo:

- Filho, esse negócio de ficar é algo que não é bom. Afinal de contas, a cada hora você beija uma que vai beijar o outro e que já foi beijada por um terceiro. No fim das contas, não se sabe nem quem foi beijada e quem valeu a pena conhecer. Não há muita profundidade nisso, Fred.

- Ora, pai, quem é que está querendo profundidade? É isso mesmo que a moçada quer. Prazer e emoção sem compromisso. Além do mais, todo mundo ali é de boa família, tudo filho de gente boa, de boa grana. Assim, não tem problema.

- Mas Frederico, sua idade já deveria te permitir um pensamento mais elevado a respeito de como são as coisas do coração. Ninguém que fica com uma a cada cinco minutos pode saber o que quer, se será capaz de encontrar alguém que ame, nem o que espera dessa pessoa. Quando você desejar achar uma namorada, não vai saber diferenciar amor de atração, sentimento de sensação física.

- Ah! Pai, quando eu ficar mais velho vou pensar nisso. Além do mais, você já teve minha idade, também...

- Sim, meu filho - respondia o pai, paciente e compreensivo - mas nossos bailinhos eram bem diferentes. Dançávamos, conversávamos, ouvíamos música. Pegar na mão era sinal de compromisso sério. Beijar, então, só bem depois.

- Que desperdício de tempo, pai. Veja lá se esse negócio de esperar tudo isto para beijar a "mina" podia levar a algum lugar. A gente já vai pros finalmente e descobre logo se a coisa é boa ou se não vai rolar...

Não havia argumento que resolvesse. Frederico já se pensava dono de seu nariz e, apesar de seus pais tentarem adverti-lo da impropriedade desse tipo de relacionamento que colocava o ficar acima de qualquer outra coisa, Frederico não levava isso em consideração, procurando sempre manter a sua marca, a cada festa.

No mínimo cinco.

Menos que isso era correr o risco de ficar atrás de algum amigo que, por isso, o destronaria

e sua fama poderia ficar prejudicada no conceito feminino.

Afinal, entre elas, a avaliação da virilidade do candidato também era notícia boca-a-boca. Quem beijava bem, quem beijava mal, quem não valia a pena, quem era quente, etc., tudo isto levava mais e mais "minas" a se fazerem fáceis para os que eram qualificados como "top" de linha.

As festas e as ficadas se mantinham e Frederico seguia orgulhoso de si mesmo.

- Bello e sempre o melhor - era o seu lema e o seu conceito entre seus amigos. Sempre bonito, sempre procurado e sempre mantendo sua marca de cinco ficadas, pelo menos.

Os outros, coitados, não passavam de duas, quando muito três, na maioria.

Festa de arromba marcada, ninguém perderia a oportunidade de encontrar o par de meia-hora com o qual testaria suas habilidades osculares.

Todos preparados para a grande noitada na qual não faltariam todos os blocos, as músicas, as tribos, os ingredientes e os participantes.

Lá estavam todos os amigos que se apoiavam em suas tolices coletivas, mas falta o mais invejado pelas ficadas: Frederico não apareceu.

Prontos para competirem entre si, faltava o recordista para tornar mais emocionante as estatísticas.

A noite correu melhor para todos, pois na falta do maior "ficador", sobraram mais oportunidades para os que lá estiveram que, pelo menos naquela noite, puderam ampliar os seus recordes.

Mas onde andaria Frederico? Como foi perder uma festa dessas?

No dia seguinte, seu amigo mais chegado resolveu ligar para sua casa.

- Dona Márcia, o Fred está aí?

- Sim, está. Quem quer falar com ele?

- Ah! Diz aí que é o brother Lau...

- Tudo bem, "brother Lau" - repetiu, sarcástica, a mãe de Fred, levando o telefone para o filho, no quarto.

- Fred, o "brother Lau" quer falar com você.

Vendo o sorriso irônico estampado no rosto, Frederico fez uma careta e atendeu ao telefone:

- E aí, cara, como é que foi ontem? E as "mina"? - havia começado o diálogo no dialeto específico.

- Cara, meu, aquilo é que foi festa. Cara, você não devia ter perdido, quanta mina, cara. Foi demais. Eu mesmo descontei todo o atraso. Fiquei com quatro. Até aquelas que se fazem de difíceis quando estão ficando com você, resolveram experimentar a ficada que ofereci. Que arraso.

- Ah, cara, nem me conta essas coisas.

- Mas e aí, cara, prá gente foi bom você não "pintar" lá, pois aí a concorrência ficou menor. Mas sentimos sua falta. Aposto que você não foi porque encontrou outra melhor para ficar, não foi? "Mina" nova no pedaço, cara? Ficou com ela?

E, matando a curiosidade de Lau, na linguagem que lhes era peculiar e tão significativa, Fred confessou:

- É, cara, fiquei. Fiquei ... doente. Estou com os beiços do tamanho de uma taturana. Parece que andei beijando porco espinho. Todo inchado, com febre, vermelho e com bolha

d'água. Tive de ir para o hospital e, lá, o médico falou, cara, que era herpes da grossa.

- Herpes, cara, que negócio é esse?

- E, Lau, o roupa branca (referindo-se ao médico) falou que esse negócio a gente pega quando mistura as secreções do corpo, bebe em copo que os outros usaram, coisas desse tipo. Perguntou se eu tinha tido muita namorada, pois através do beijo, as pessoas trocam bactérias e infecções.

- E aí, cara, o que você respondeu?

- Ora, cara, falei que eu não sou desses que quer coisa séria com ninguém. Que meu negócio é só ir ficando.

- E o que ele respondeu? - perguntou Lau, preocupado e começando a apalpar os próprios lábios.

- Bem, o figurinha falou que essa doença não tem cura, que eu vou contaminar todo mundo que eu beijar enquanto ela estiver na fase ativa da propagação e que, daqui a alguns dias, ela vai secar e eu voltarei a poder levar vida normal.

- E você não perguntou se podia continuar ficando depois que sarasse?

- Claro que perguntei.

- E ele, o que respondeu?

- Falou que, enquanto eu ficar, o herpes também vai ficando... comigo... e ficando com os outros, pois foi nesse embalo que ele acha que eu peguei a doença. E eu acho que foi com aquela lambisgoia da Liza...

- Num brinca, cara-falou Lau, desesperado.

E vendo a aflição do amigo, Fred continuou:

- Tenho certeza que foi aquela boca de caçapa que me passou essa desgraça. Afinal, a “mina” fica com qualquer um, cara.

- ...silêncio...

- Alô, cara, alô Lau, tá me ouvindo, cara? - gritava Fred

Do outro lado da linha, o “adulto e dono de si” Lau havia largado o telefone sobre a mesa e saído correndo para pedir a ajuda do pai, a fim de ser levado ao médico com urgência, antes que ficasse com as taturanas de Fred no próprio beijo, como as marcas de seu novo recorde de ficadas. Havia herdado as “mina”do Bello na festa da noite anterior.

-Aquela boca de caçapa da Liza me paga... - falava Lau para si mesmo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. XVII - O Homem no Mundo

13 Depende do ponto de vista

PÚBLIO

Olhando para os outros, idealizamos:

Uma casa semelhante à que foi construída perto da nossa velha moradia;

Um carro da mesma marca daquele que nosso vizinho adquiriu;

Uma viagem ao mesmo lugar paradisíaco para onde nosso parente viajou e nos trouxe o álbum de fotografias;

Uma família equilibrada e feliz como é a do nosso companheiro de trabalho;

Um emprego onde fazemos pouco e ganhamos muito, como é o caso do nosso chefe;

Uma mulher mais jovem ou mais escultural, como é a esposa de nosso conhecido;

Um marido mais rico ou mais importante, como é o da nossa companheira de caminhadas

matinais;

Filhos mais inteligentes, mais devotados aos estudos e que consigam mais elogios dos professores, como se pôde constatar na reunião dos pais, junto aos mestres, que falaram muito bem de certos alunos e se esqueceram dos nossos;

Quando olhamos para os outros, achamos tudo o que nos falta porque vemos que eles o possuem.

Para nós, é a coisa mais fácil ser o que eles são, admirar os outros e imaginar como deve ser boa a vida que levam, ao mesmo tempo em que a nossa parece sertão monótona, insossa, sem emoções.

Somos infelizes ou protestamos porque os outros nos parecem mais felizes e melhor instalados no conforto do que nós.

No entanto, importa a cada um avaliar o seu estado, independentemente de comparações.

Se, para imaginar o que falta, somos rápidos na observação dos outros aparentemente mais felizes do que nós, para imaginar o que não nos falta, olhem para os que aparecem no mundo, entre a dor e a desdita, batendo à nossa porta.

Fruto do egoísmo que não sai à procura dos que necessitam, sofremos das frustrações que se instalam em nós porque nos relacionamos apenas com aqueles que conseguimos monitorar da estreiteza de nossas janelas.

O vizinho de frente, o dos lados, o companheiro de escritório ou de trabalho, o parente que nos visita ou que nos telefona, as companhias que se exercitam ao nosso lado ou os amigos que se veem com mais frequência.

Sem saber ou aceitar quem somos, somos sempre impulsionados a sermos, no mínimo, o mesmo que eles e, se possível, um pouco mais.

No entanto, se aprendermos a sair dos limites estreitos do patamar da nossa janela, dos quarteirões do nosso bairro, das paredes de nossa repartição, das fronteiras do nosso egoísmo, encontraremos outros parâmetros para medir os outros, em comparação a nós mesmos.

Olhar com atenção a miséria dos famintos; a falta de recursos de um modesto barraco; as necessidades de banho e a falta de água; as angústias de uma vida sem esgoto encanado; a falta do menor conforto dentro de um ambiente coberto por telhado de zinco, sem nenhuma ventilação; as crianças corroídas por vermes renitentes; as moscas que voam em nuvens ruidosas; o colchão coletivo que abriga três ou quatro a cada noite; a falta de sabonete e xampu; até mesmo a falta de chuveiro para o mais singelo banho; as dores sem remédio; os doentes sem médico; os médicos grosseiros que atendem longas filas, impacientes e arrogantes; o ônibus lotado onde o respeito não existe; a panela vazia no fogão e os filhos de barriga vazia pelo chão; o frio penetrando pelas vidraças sem vidro, pelo teto furado, pelas frestas do papelão das paredes; o marido que bebe e que se embriaga, vivendo sem trabalho; a mulher que não cuida dos filhos nem de si mesma; ambos que se promiscuem em aventuras com vizinhos ou pessoas sem escrúpulos...

Olhar para outro lado da vida produz uma reação diferente no íntimo daquele que o faz com sinceridade e autenticidade.

Levados a ver o mundo real, no qual a maioria está na luta pela simplicíssima sobrevivência, passamos a pensar:

Como é bom morar em uma casa de tijolos;

Obrigado, Senhor, por termos comida todos os dias, ainda que não comamos apenas o que

gostamos de ingerir;

Como é maravilhoso ter água encanada e tomar um banho com sabonete e usar desodorante;

Que seria de nós se não tivéssemos esgoto que leva para longe nossos detritos?

Como Deus é bom por nos deixar viver neste bairro urbanizado, com asfalto na porta, sem os problemas da lama e da enxurrada violenta depois de cada chuva;

Como meu marido é um bom pai e luta para nos manter o conforto que já conquistamos; como minha esposa cuida bem dos filhos, se esforça em uma outra jornada de trabalho e administra com zelo as contas da família;

Que bom, Senhor, termos o nosso carro que nos leva para cima e para baixo;

A bênção de um telefone; de uma consulta médica com um especialista, a cama quente, a mesa farta, a panela cheia, os vidros na janela, o telhado robusto que não teme a ventania;

Como a gente é feliz e nem sabia...

Julgar os outros é muito fácil:

Eles parecem sempre mais felizes porque nos parecem possuir mais que nós.

E se isso pode servir de consolo, lembre-se de uma coisa:

Na janela alheia, a vida que você leva também é invejada por algum dos seus vizinhos, que pensa que ele seria mais feliz se vivesse como você, no conforto que ele imagina que você possui.

Estenda seu olhar para outras fontes de comparação que estão plasmadas pelas verdades da miséria. Na miséria alheia você encontrará tudo aquilo que pensa que está faltando em sua vida.

São as diferentes formas de ver a realidade.

“Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-os na sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos. Maria agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços. Então se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importas de que minha irmã tivesse deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me.

Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo só uma cousa. Maria, pois, escolheu a boa parte e esta não lhe será tirada. ” (Lucas, cap. 10, v. 38 a 42)

Marta olhava e via o serviço de dar de comer a pessoas com fome;

Maria olhava e via Jesus a dar de comer a toda a Humanidade faminta.14

14 Diferença entre viver e protestar

A passeata corria as ruas principais do grande centro populoso, levantando bandeiras, gritando palavras de ordem e estabelecendo cortejo que interrompia ruas e avenidas, levando o tumulto e chamando a atenção. Os diversos tipos de manifestação costumavam chamar a atenção para sua causa específica, fazendo com que os grandes veículos de comunicação se movimentassem para cobrir o fato e transformá-lo em notícia.

A velocidade dos satélites se incumbiria de levar a marcha pelas ondas na velocidade da luz, espalhando-a pelo mundo em questão de segundos.

A proteção à fauna e à flora, a luta contra a fome, a marcha contra a violência, os protestos

das vítimas contra a morosidade da Justiça, os insatisfeitos contribuintes que pediam reformas econômicas, os aposentados sem voz nem vez, os motoristas de peruas ou lotações protestando contra as limitações ao seu trabalho de transporte de passageiros, os ambulantes fazendo passeatas para defender o direito ao trabalho digno.

Entre elas estava a passeata protestando contra os atos de violência.

A miséria social aconselhando os mais fracos a lutarem e tomarem à força aquilo que se lhes nega; o estímulo ao exercício do poder econômico ou à sua conquista insaciável; as exhibições de grandeza e luxo nos aparelhos de televisão localizados desde os ambientes mais ricos até os mais infelizes, tudo isto era fator motivador para acender o estopim do descontentamento.

Somado a isso, a fraqueza do ser humano perante o vício, a instalação da indústria da sedução e das aparências, o tráfico de drogas, o estímulo às bebidas, ao jogo, todos os prazeres cantados e decantados gerando expectativas, ansiedades, desejos, serviam de combustível à alma despreparada para que se deixasse iludir por caminhos tortuosos e, por isso, a violência estava na ordem do dia, nos assuntos mais corriqueiros, nas manchetes de todos os jornais.

A passeata seguia, barulhenta e cheia de pessoas idealistas, gritando palavras de ordem contra as guerras, em todo o mundo, a opressão dos poderosos, a necessidade de defesa dos mais fracos, a percorrer as ruas, lentamente.

Juliana Bonaparte estava engajada nessa luta, nos seus dezenove anos de militante idealista pelos direitos humanos, indignada com as violências cometidas desde a guerra da Bósnia, passando pelas campanhas militares de todos os tipos, levantando a bandeira do pacifismo mundial na luta que agregava muitas outras pessoas que, deixando suas vidas, se entregavam ao protesto contra os atos de crueldade que os outros cometiam, a partir de seus gabinetes.

Juliana era uma bela rebelde, de corpo bem modelado e com o rosto de menina que se tornava mulher. Era o que se podia chamar de bom partido.

Naturalmente, era muito solicitada pelos candidatos masculinos com quem convivia, fosse na escola, fosse nas reuniões sociais que frequentava.

Vivia com os pais que, igualmente engajados nas lutas por maior justiça entre os homens, plasmaram no espírito de Juliana esse ânimo para demonstrar a insatisfação contra a opressão e o protesto contra todos os atos que envolvessem violência.

No entanto, apesar de ser sempre muito requisitada, Juliana nunca se deixava encantar apenas por uma carinha bonita do pretendente.

Observava o seu estilo de vida, procurava ver se se tratava de um burguês - qualificativo pejorativo que se coloca nos outros, sem se preocupar com a essência do ser humano - e, se o candidato possuía as marcas exteriores de uma vida folgada, logo fechava as portas do coração, impedindo qualquer acesso.

Não namoraria nenhum rapaz que não fosse idealista como ela.

Ainda que não fosse o mais bonito exemplar masculino, importava que tivesse o ideário idêntico ao dela, na luta contra as diferenças, a serviço do pacifismo mundial, lutando contra os poderosos.

Naquele dia, sozinha como sempre, Juliana seguia carregando uma extremidade de uma faixa que pedia o fim da violência.

Faixa de longa extensão, tomava toda a frente da passeata e, para ela, era a vanguarda da longa linha humana que se estendia por detrás dela, no simbolismo que lhe agradava de ser a primeira

da fila, nessa luta.

Naturalmente, por ser estruturada em tecido leve, o grande pedaço de pano deveria ser sustentado, ao longo de sua extensão, por outros manifestantes que a mantinham ereta para que fosse lida por todos os curiosos.

Logo no primeiro sarrafo que servia de estrutura para a faixa de protesto, a uns quatro metros de distância, estava Vinicius, rapaz de vinte e dois anos, também adepto das manifestações por carregar no coração a mesma preocupação de Juliana.

Não era o perfeito exemplar da raça humana no seu aspecto masculino. Outros existiam que, à singela comparação estética, o venceriam facilmente, nos desejos e sonhos femininos.

Mas Vinicius tinha o vozeirão que parecia jamais se gastar. Gritava com força e altura, sem interromper a demonstração de indignação. Enquanto os outros iam se enfraquecendo e cansando, Vinicius seguia, altivo, mantendo a frente da linha de protesto digna de admiração.

As palavras de ordem se repetiam e, ainda que tentasse manter a sua voz pequena unida à do coro, Juliana não demorou a ficar rouca. Passou então a ficar calada e a escutar a gritaria dos outros, quando percebeu a presença de Vinicius que, até então, não tinha notado, pelo grande número de manifestantes que se interpunham entre ambos, na frente da passeata.

Desviando a cabeça dos obstáculos, pôde vislumbrar o aspecto geral de Vinicius, garoto de porte alto, ainda que não muito bonito.

Interessou-se por ele. Parecia aguerrido e corajoso, digno de sua atenção.

Arquitetou aproximar-se do centro de suas atenções.

Deixou a ponta da faixa nas mãos de outros manifestantes, alegando necessidade de tomar um pouco de água para refrescar a garganta depois de tantos berros e, pelo meio da turba que caminhava lentamente, foi dando a volta como quem desejava chegar mais perto, vindo da retaguarda.

Não foi difícil conseguir passagem até postar-se bem ao lado de Vinicius.

Ali, reuniu as forças que lhe restavam e, apesar de rouca, passou a gritar novamente para que o jovem pudesse escutá-la e notar-lhe a presença.

Não foi muito difícil que isso acontecesse.

A beleza da jovem era um ótimo cartão de visitas.

Logo Vinicius puxou assunto.

- Escuta! - falou ele, no meio da balbúrdia - não grite mais, pois você vai ficar sem voz-tentando ser simpático e demonstrar preocupação.

- Ah! Eu quero dar alguma coisa de mim nesta luta contra a violência, contra a agressão multinacional, contra a morte de inocentes - respondeu, idealista, encantando mais ainda o jovem manifestante.

A partir dali, a passeata já não era mais a mesma para os dois. Ficaram juntos até que terminasse o trajeto e, quando todos se dispersaram, ficaram conversando longamente, conhecendo-se um pouco mais.

Trocaram telefones e saíram no final de semana.

Ambos se haviam descoberto.

Ele encontrara a sua deusa rebelde e bela, cansado de tentar encontrar mulheres que compreendessem seus ideais e lutas.

Ela conhecera um rapaz que era diferente de todos os outros bobos que babavam pela sua beleza. Um rapaz inteligente, com “cabeça feita”, com coragem para lutar pelos mesmos

objetivos. Contra a violência, contra o crime, contra as injustiças.

Suas conversas se alongaram por horas, dias, semanas e, ao final de um mês de convivência, estavam namorando como apaixonados militantes das mesmas causas coletivas.

Juliana apresentou Vinícius aos seus pais que, sabendo de seu modo de ser, igualmente aprovaram o namoro, não sem antes recomendar a ambos a seriedade do compromisso e os cuidados com as ocorrências imprevistas, já que primavam pelos conceitos morais, nos quais Juliana tinha sido criada e defendia com ardor.

Empenhando sua palavra, na promessa de respeito e obediência aos limites impostos pela criação da moça, limites estes que a jovem sempre respeitara, Vinícius obtivera a permissão de namorar Juliana regularmente.

Juliana se apaixonara pelas lutas do namorado e, vendo-o como o protótipo masculino com que sempre sonhara, deixou aberta a via do coração para que a paixão avassaladora a dominasse.

Não importava contra o que eles protestavam. Se Vinícius fosse, ela iria, pois estava empenhada em seguir o rapaz até o fim.

Os meses se passaram e os afagos se tornaram mais calorosos.

À distância dos pais, ambos passaram da cuidadosa distância inicial à mais quente intimidade.

E com as justificativas dos protestos, ora aqui, ora ali, Juliana e Vinícius passaram a se ausentar cada vez mais, ficando sempre mais próximos e mais tempo sozinhos.

A proximidade facilitou as coisas e a atração terminou levando-os ao exercício do sexo apaixonado, típico do jovem que descobre as coisas, sentindo o prazer que estava represado desde longa data.

Até mesmo por questões ideológicas típicas, ambos haviam se resguardado sexualmente para que essa parte tão importante de suas vidas fosse oferecida a alguém que se harmonizasse com seus objetivos. E quando se encontraram, os fluidos combustíveis se acenderam e o incêndio foi forte.

Aos três meses de namoro, Vinícius ganhara a intimidade da família de Juliana, que lhe depositava toda a confiança, fazendo-o sentir-se como responsável pela integridade da namorada. O rapaz se orgulhava desse sentimento, já que nunca havia sido tratado com tal respeito por pessoas mais velhas.

Juliana se orgulhava do namorado cada vez mais e já sonhava com o local onde poderiam viver como um casal.

Aos seis meses, quando tudo estava mais e mais consolidado, a surpresa:

Juliana não fora visitada pelo ciclo menstrual.

- Algum atraso normal. Pode ser fruto das preocupações ou do estresse diário-falava consigo mesma.

Nada comunicou a Vinícius, que notou a diferença no comportamento preocupado de Juliana, mas não obteve qualquer pista do que se tratava.

Três semanas de atraso e o exame constatou, sem dúvidas. Juliana estava grávida.

No primeiro momento o segredo difícil que afez gelar por dentro.

Logo a seguir, a visão dos pais, a perda da confiança, a decepção que nunca havia produzido em seus corações.

Os olhares das amigas, a reação de Vinícius, tudo isto gerou uma forte reação de desespero

no coração de Juliana.

O encontro com Vinícius seria indispensável.

- Sabe, Ju, meu amor, no final de semana temos a passeata contra a guerra do Iraque e contra a violência na África, onde crianças estão sendo mutiladas pelos guerreiros das facções inimigas.

Sem prestar atenção aos problemas do mundo, absorta que estava pelos seus próprios problemas, Juliana respondeu ríspida:

- Ora, Vinícius, você não sabe falar de outra coisa?

- Como assim, Ju? Nós sempre conversamos disso todos os dias. Até já havíamos combinado de ir com a moçada participar dela! O que está havendo com você? Nunca falou comigo deste jeito!

Vendo que estava desequilibrada, Juliana respondeu:

- É verdade, Vi, mas eu estou preocupada demais para ficar pensando em outra coisa.

- Fala comigo, então, sua boba, que estou do teu lado prá dividir com você.

E sem pensar muito no modo de falar, vomitou a frase seca:

- Você vai ser pai!

- O QUÊÊÊÊÊ! - exclamou surpreso Vinícius.

- É isso mesmo que você ouviu. Estou grávida.

- Não pode ser, Juliana. Nós tomamos todos os cuidados, você mesma sabe disso. É algum engano seu.

- Exame não se engana, Vinícius.

Ficando mais pálido do que a namorada, Vinícius procurou sentar-se e começou a enxugar o suor gelado do rosto.

- Mas não é possível. Você guardava os preservativos na bolsa, e fizemos tudo certinho. Nunca desejamos romper o compromisso que assumimos com seus pais...

- Eu sei, mas o fato é o fato e nós estamos diante dele. O que vamos fazer?

- Sei lá! - respondeu meio desesperado e sem pensar muito no que estava falando.

- Como assim, "sei lá" - respondeu Juliana, indignada.

- Ora bolas, sei lá é sei lá.

- Estou morrendo de medo, Vi - falou Juliana vencida pelo desespero, só em pensar em seus pais.

- Eu não quero nem pensar nisso - respondeu Vinícius. - Não tenho cara de dizer isso para eles.

Aliás, nunca nem pensei em ter filhos. Sempre quis seguir na minha luta como vinha fazendo e como vou continuar a fazer.

Aquela frase final preocupara Juliana, que estava apaixonada por Vinicius e não desejava perdê-lo.

Será que ele a iria abandonar?

Havia falado que nunca pensara em ter filhos...

A confissão de Juliana ao namorado apenas piorara a sua situação. Agora se via na perspectiva de perder Vinicius, de perder a confiança dos pais e a ganhar um filho de presente no fim dessa história trágica. Ficaria sem tudo o que amava e ganharia um desconhecidozinho que lhe impediria de fazer tudo o que sempre gostara.

Nada mais de luta pelos ideais, nada mais de passeatas.

Estava se vendo envolta numa pilha de fraldas sujas, papinhas espirradas pela pia, mamadeiras numerosas na geladeira, sem ter com quem deixar a criança para que pudesse trabalhar e ganhar algum dinheiro.

Quem lhe daria um emprego naquelas condições?

Nem tinha uma profissão definida. Nunca trabalhara em nada, pois levava a vida folgada nos estudos que os pais financiavam.

Repentinamente, seu mundo desabou em poucos minutos e Juliana foi acometida por uma crise de choro convulsivo, desesperador.

Vinicius, de cabeça mais fria e mais velho, na condição de homem, passou a analisar as coisas por outro prisma.

Quem seria aquela Juliana, na verdade. Será que aquilo não havia sido um golpe dela para forçá-lo a ficar com ela? Não chegava ao extremo de duvidar de sua honestidade supondo que o filho fosse de outro, mas, num momento de medo, qualquer mulher sabe o que fazer para colocar um homem numa condição destas.

As lágrimas de Juliana não tinham o condão de sensibilizá-lo muito, já que seu pensamento analítico lhe dizia que podiam fazer parte da encenação para convencê-lo.

A sua frieza piorava a condição emocional de Juliana e a condição de desequilíbrio da namorada fazia com que se convencesse ainda mais da armação de que havia sido vítima.

A fim de ver os objetivos verdadeiros da jovem e poder avaliar melhor se aquilo havia sido algo pensado e arquitetado, Vinicius arriscou a frase triste, mas muito comum nos jovens indiferentes:

- Agente não precisa ter...

Com isso, Vinicius desejava ver qual seria a reação de Juliana. Se ela concordasse facilmente, isso poderia indicar que ela estava inocente na história e, assim, aceitava resolver a questão, preservando o namorado da situação difícil onde se meteram.

Mas se ela protestasse e se negasse, isso seria a prova de que a menina, de santa não tinha nada e fizera tudo de caso pensado mesmo. Naturalmente não iria aceitar abdicar daquilo que seria a única coisa que, poderia pensar ela, o prenderia ao seu lado: o filho.

E se o negócio foi feito assim, isso indicava falta de sinceridade de Juliana e, por isso, ele não aceitaria ficar com uma mulher astuta e diabólica como ela ao seu lado.

Juliana ouviu aquela frase fria, partida do interior de alguém que não compartilhava da sua condição de mulher e, por isso, resolvia estas questões levando em consideração outras premissas que não as dela.

Aquilo foi uma punhalada em seu peito.

Sentiu-se enganada por aquele falso idealista que, agora, queria se livrar dela e não deixar vestígios. Quem garantiria que, depois de abortar, Vinicius seguiria sendo seu namorado e aceitaria, um dia, casar-se com ela? Que prova de amor era esta, quando ela nada fizera para que aquilo acontecesse? Não tinha nenhuma culpa de o preservativo não ter sido eficaz como prometiam as propagandas a respeito.

Estava sendo convidada a agir de maneira a solucionar o problema de Vinicius. Isso era coisa de homem machista.

Juliana, contudo, não parava de chorar.

Pensava em ficar sozinha, sem o companheiro que amava, um amor que jamais havia sentido antes por ninguém. Pensava em seus pais, acusando-os de traidores, de enganadores de

sua boa fé e confiança. Tudo isto confundia a sua cabeça e, sem ter o que dizer a Vinicius, procurou apenas responder:

- Ah! Vi, estou muito confusa para pensar nisso tudo agora. Preciso respirar.

Vendo a atitude fria do namorado, que pouco fizera para consolá-la, já que a estava considerando uma megera manipuladora, Juliana acrescentou:

- Eu juro prá você que não tive culpa nenhuma nisso. Eu te amo e quero que você me ame. Não quero te amarrar no meu pé por causa de filho. Quero que você fique comigo por minha causa. Me ajude.

Sentindo melhor a sinceridade da jovem, Vinicius a abraçou e começaram a caminhar em silêncio pelas mesmas ruas nas quais costumavam levar as faixas de protesto e gritar os slogans rebeldes.

Caminharam várias horas, indo de um lugar ao outro, sem conseguirem chegar a um ponto comum.

Falaram em contar aos pais, mas isso iria gerar muitas dores para todos, além do fato de que, se acontecesse de a gravidez gerar, todo sofrimento teria sido em vão. Não fazer nada e esconder ficaria difícil, pois as reações orgânicas da gravidez não tardariam a chegar, denunciando o fato aos olhos atentos dos seus pais.

Assumir o filho não era a melhor saída, porque teriam todos os problemas morais com os pais dela e os pais dele, sem terem condições de viverem de algum trabalho nem de propiciar boa estrutura para o filho.

Ao fim de tanto tempo dando voltas à mente, a saída mais fácil para todo o problema que enfrentavam era a do aborto.

Com ele, Juliana preservaria todas as suas posições, manteria o afeto e a consideração de todos, ficaria com Vinicius, e levaria uma vida normal, nas suas lutas tradicionais.

- Você promete que fica comigo, Vi, mesmo depois que eu fizer o aborto? - falava, insegura, a jovem e iludida menina que, nesse momento não honrava o sobrenome heroico que possuía.

- Claro, Ju. Onde já se viu eu te largar, ainda mais depois dessa prova de amor que você estará dando por mim - respondia Vinicius, satisfeito por não ter que enfrentar a vida pelo lado mais difícil, assumindo suas responsabilidades.

Arrumaram as coisas. No dia marcado, compareceram juntos à clínica onde se cometiam as atrocidades contra os que precisavam retornar à vida física.

O procedimento foi rápido e indolor.

Uma hora depois, Juliana estava liberta do ser que trazia no ventre e presa da consciência de culpa.

Chorava como uma criança. Era a crise natural depois do aborto, como explicara o médico, atento aos detalhes sombrios dos efeitos psicológicos comuns nestes casos.

Os dias seguintes se encarregariam de resolver essa questão.

Juliana e Vinicius haviam disfarçado a ausência de casa, contando que se afastariam para participar de uma convenção ecológica em outra cidade e ficariam distantes por mais de uma semana.

Ficaram na casa de amigos por todo este tempo. Vinicius se mantinha carinhoso com Juliana, a quem desculpara qualquer tipo de trama urdida contra ele, graças ao sacrifício da maternidade frustrada pelo ato doloroso do aborto.

Isso limpava as suspeitas. O carinho de Vinicius na hora difícil atenuava a dor de ter rompido seus compromissos com a vida e com os ideais maternos.

Agora, o tempo teria de apagar as feridas.

E, realmente, ambos continuaram respeitados pelos pais, pelos amigos, pelas contingências sociais que desconheciam o crime no qual tinham se acumpliciado por medo ou fraqueza moral. Só eles é que sabiam o que tinham feito. Tinham perdido o respeito por si mesmos.

Por isso, depois de recuperada e refeita, Juliana nunca mais foi vista carregando a faixa que pedia pelas vítimas, protestando contra a violência e condenando os abusos contra os inocentes. Seguiu pelo meio da multidão, anonimamente e, ao seu lado, Vinicius seguia também, sempre calado, sem colocar o seu vozeirão a serviço da causa que nenhum dos dois havia sido capaz de defender quando chegou a vez deles de, pessoalmente, darem o testemunho de seus ideais de não violência e de defesa dos indefesos da Terra. Estavam infelizes e já não tinham o mesmo arrebatamento, um pelo outro.

Haviam descoberto, amargamente, que viver era mais difícil que protestar.

O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap.XVII - O Homem de Bem

15 Sede de perfeitos

PÚBLIO

Ao longo de sua trajetória, o Cristo de Deus pautara seus ensinamentos pela doçura, pela verdade circunloquial, para não ferir os noveis aprendizes, imaturos para enfrentar as asperezas da própria realidade.

Jamais Jesus agride para ensinar e ordena onde pode pedir.

Sua linguagem é, ao mesmo tempo, austera e delicada e, para fazer certas afirmativas, usava da parábola que colocava as coisas em seus devidos lugares, sem apontar o dedo para nenhuma falha pessoal.

Quando não tinha outra opção, calava-se a fim de que o interlocutor que o testava tivesse tempo de pensar melhor. Somente quando obrigado a manifestar-se, levantava a voz para *ensinar aos tolos*, o tamanho de suas tolices fantasiadas de sabedoria.

Lá está o “atire a primeira pedra quem estiver sem pecado...”, no que foi obrigado a advertir, ainda assim, sem impor ou humilhar.

Aqui, no entanto, Jesus se vale do imperativo, ordenando:

SEDE PERFEITOS.

Impõe para que entendamos que a busca da perfeição é uma ordem, um ordenamento inadiável, uma meta insubstituível para todos.

Dela não há como fugir.

Recurso incisivo da verdade, a ordem de Jesus não nos fará perfeitos pela força de suas palavras. No entanto, atesta a importância que a busca da perfeição possui na vida que levamos.

Preocupados em ser perfeitos profissionais, perfeitos ganhadores de dinheiro, perfeitos mecânicos, médicos, dentistas, costureiros, perfeitos manequins, perfeitos repositórios de cultura, perfeitos cozinheiros, perfeitos motoristas, perfeitos julgadores, não temos passado de péssimos aprendizes, de aventos, máquinas avariadas, enfermos, banguelas morais, esfarrapados da emoção, bonecos da aparência, inteligentes preconceituosos, esfomeados, condutores sem habilitação, juízes réus.

Na longa luta da vida, importa que entendamos a ordem dada pelo Cristo a toda a

posteridade. A perfeição é a meta, mas aquela que, efetivamente, seja a que transforme a essência, não se limitando às formalidades sociais.

O amor sincero que possa transitar dos afetos mais profundos, aos inimigos mais encarniçados; o gesto de benevolência humilde aos que nos querem bem como àqueles que nos desejam o mal. A saudação indiscriminada e sem preconceitos aos que partilham dos nossos pontos de vista e aos que discordam de nossas opiniões.

Exercitai o que existe de melhor dentro de vós - afirma Jesus quando ordena a todos que sejamos perfeitos.

Oriundos do foco da perfeição, não nos aceitemos como um rascunho do caos, como uma forma monstruosa que combina a origem divina com a perversão da ignorância. Não aceitemos para nossa vida a conduta indigna que é tolerada com naturalidade pelo grande cortejo das pessoas medíocres que vivem na mesmice apoiadas umas na fraqueza das outras, como uma grande coluna de cupins que tudo corroem até derrubarem a árvore de que se alimentaram e que, agora, deixará de existir e matará toda a colônia de fome.

Desculparmo-nos com a célebre afirmativa de que: todo mundo faz, todo mundo se comporta assim, todo mundo anda desse jeito... é continuar corroendo o ambiente que ruirá e levará todos os que lhe sejam participantes para o abismo.

A perfeição é um convite ao esforço diário, à dedicação que pede trabalho, ao caminho que nos espera o sacrifício de caprichos, de desejos, de nossa imperfeição.

A existência dos genes divinos em nosso espírito nos impõe o dever de fazê-los ativos em nós, sob pena de aniquilarmos, com nossos desejos torpes, as gloriosas destinações que poderiam nos fazer espíritos a caminho do Pai, espelhando-lhe as virtudes excelsas.

E só os tornamos verdadeiramente positivados em nós através do exercício constante e diário, vencendo o entulho inferior dos nossos modos de ser, das formas mesquinhas de nos relacionarmos com os outros, dos padrões da maioria, acostumada sempre ao caminho mais fácil da descida.

O caminho para o fundo do abismo pede apenas falta de freio.

Subir exige suor, coragem e determinação.

Já não são bastantes e suficientes os recursos ao rito, à formalidade, à cerimônia, aos procedimentos litúrgicos. Indispensável a essencialidade do sentimento, a profundidade dos intentos, a isenção das frivolidades que entontecem a alma e a afastam daquilo que a pode elevar. Crença sem ilusões, reverência a Deus sem a necessidade da teatralidade.

Por isso a ordem do Cristo para que não nos fiquem dúvidas acerca da imperiosidade que significa sermos filhos de Deus, herdeiros de suas virtudes e convidados ao banquete da Vida, para o qual, no entanto, não podemos seguir de maneira irresponsável ou de qualquer jeito. É preciso estar trajado com a veste nupcial. Formalidades cerimoniais não a substituirão.

Revestir-se com a túnica gloriosa da limpeza íntima, da beleza essencial, da pureza moral, da vontade sóbria que dirige ao invés de ser dirigida, significa estar adequadamente trajado para compartilhar à mesa do Senhor da Vida.

A ordem do Cristo é, ao mesmo tempo, estímulo e advertência:

Estimula-nos sobre nossas possibilidades de melhoria, na condição de filhos da perfeição e nos adverte de que se não nos preocuparmos em suar, necessariamente teremos que chorar. Lágrima ou suor serão as gotas santas que nos aproximarão da perfeição.

“Amai os vossos inimigos; fazei o bem àqueles que vos odeiam e orai por aqueles que vos

perseguem e que vos caluniam; porque se não amais senão aqueles que vos amam, que recompensa com isso tereis? Os publicanos não o fazem também? E se vós não saudardes senão vossos irmãos, que fazeis nisso mais que os outros? Os pagãos não o fazem também? Sede, pois, vós outros, perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito.” (São Mateus, cap. 5, v. 44,46,47 e 48)

16 Com cerimônias e sem cerimônias

Clemência Boafé era fervorosa simpatizante do Espiritismo cristão, desde os dias mais verdes de sua juventude.

De família católica, aprendera os primeiros cânticos ao pé dos altares, mas ao longo do tempo, deixou-se interessar pelas coisas espíritas, o que a levou a assumir para si mesma a nova fé, tão logo libertou-se da tutela paterna.

Espiritismo que, na sua visão, era a luminosa porta para o mundo da verdade, sempre tão sacrificada em outros caminhos religiosos que não dispunham de explicações lógicas e coerentes para os fenômenos da vida depois da morte.

Muitas vezes, depois de ter se casado, via-se dona Clemência Boafé conversando com suas amigas no salão de beleza, atalhando algum assunto mais delicado com os conceitos espíritas, revelados entre uma e outra conversa sobre os problemas da vida, cada uma das freguesas tentando fazer ver à outra o seu ponto de vista.

Dona Clemência defendia a doutrina de Allan Kardec sempre que a mesma era qualificada como coisa de macumbeiro, assunto de feitiçaria. Sabendo que não se tratava de nada disso, não faltava à dona Clemência a vigorosa defesa da verdade, sempre lembrando às pessoas que não adiantava ter uma opinião superficial sem conhecer a fundo e ver o que se tratava. Comportamentos apriorísticos beiravam o preconceito. Opiniões sem fundamento demonstravam leviandade.

Clemência, que frequentava a casa espírita com a qual se afinizava, gostava de assistir reuniões mediúnicas, ouvir os espíritos falar, pedir conselho, escutar o comentário do Evangelho, tomar passes magnéticos.

Na verdade, era espírita porque ia ao centro e se sentia bem com aquelas noções. Não gostava, todavia, de leitura nenhuma.

Achava que estudar era coisa para quem queria diplomar-se ou assumir cargo de direção no movimento, coisa que ela não almejava.

Depois de casada com um homem de bom coração, mas que não possuía nenhuma inclinação religiosa, nem achava que isso fosse necessário para a sua vida pessoal, Clemência deu à luz a uma filha forte e muito bonita.

Seus compromissos se tornaram muito grandes, mas, apesar deles, dona Clemência seguia com sua fé nas coisas do espírito, feita com fundamento na prática, mais do que na essência.

Tão logo nasceu a filha, começaram as cobranças.

- Quem vai ser o padrinho? Quem vai ser a madrinha? - perguntavam os amigos mais chegados.

- Não pensei nisso ainda - respondia Clemência, contrariada por não desejar dizer aos amigos e parentes, todos católicos, que ela não iria batizar sua filha.

- Oras bolas, - pensava ela - falei com o Sr. Lopes, lá do centro, que eu queria batizar minha filha como espírita e ele disse que o Espiritismo não batizava ninguém. Mas que coisa mais desagradável. Minha filha sem ser batizada... Todo mundo é batizado e minha filha não vai ser. E quando ela crescer, o que vai pensar de mim?

Todos estes eram pensamentos oriundos de sua antiga crença, arraigados no seu superficial de entender as coisas e tornar práticas todas as soluções.

Arriscou falar com seus parentes mais íntimos que pensava em não batizar sua filha, segundo a antiga tradição.

- O quê? - perguntou espantada a avó materna, sua mãe Judineia. - Sem batismo é o inferno, minha filha. Você não vai querer que a minha primeira neta seja marcada pelo resto de sua vida com esse sinal. Que você goste “dessas coisas” eu não tenho como impedir. Mas fazer isso prá esta inocentezinha, você vai ser responsável por toda a sua desgraça até o fim da vida. O que é isso? Aliás, já comprei até o vestidinho do batizado, todo branquinho, com as fitas de cetim para amarrar na cabeça. Já falei com o padre Lauro e ele está só esperando você aparecer por lá para marcar a data. Eu me incumbo das despesas do batizado.

Depois de todo este bombardeio, Clemência não viu outra alternativa senão a de entregar a filha ao ritual católico com o qual não tinha nenhuma identificação, mas que não via por que privar os parentes da satisfação de assistir ao batizado da menina.

Assim foi feito.

- Também, eu bem que tentei fazer isso lá no centro espírita, mas o Seu Lopes não quis. Acho que ele não gosta muito de mim e não facilitou as coisas. Custava jogar uma aguinha na cabeça de minha filha e passar um pouco de óleo de cozinha na sua cabeça? Que é que custava? Azar deles. Vou fazer isso na igreja. Depois continuo indo lá no centro e ninguém vai ficar sabendo. Afinal, ninguém tem nada a ver com minha vida.

A filha foi batizada como o ritual pedia e Clemência se esqueceu do incidente.

Continuou a sua rotina de ser espírita a seu modo. Gostava dos passes, recomendava o espiritismo para todos os seus conhecidos, defendia a doutrina cristã, ajudava na caridade, trabalhava sem oposição do marido, que via nisso mais que um passatempo da mulher e não lhe causava prazer.

O tempo passou.

Quase quinze anos e chegou a época da famosa primeira comunhão.

Novamente, as amiguinhas de escola de Letícia, sua filha, se preparando para a primeira comunhão. Roupas brancas, padrinhos e madrinhas, cerimônia prevista.

Letícia comparecia com a mãe na evangelização do centro espírita e estudava a doutrina que esclarecia sobre a desnecessidade dos rituais.

No colégio, no entanto, a pressão seguia firme.

- Como é, Letícia, não vai na primeira comunhão?

- Não sei, minha mãe é que decide-respondia a menina.

A mãe, sempre do mesmo jeito, gostava do centro espírita, mas adorava uma cerimônia, herança dos tempos de criação que sempre lhe marcaram a retina.

A avó, novamente atenta às tradições formais, regressa ao assunto.

- Como é, Clemência, já marcou a comunhão de Letícia?

- Ainda não, mãe. Acho que não vou fazer isso.

- Como não? - falou a avó escandalizada. - Todas as amigas da menina vão fazer e ela será

a única que não vai? Vai ficar frustrada. Isso será um trauma para ela. Além do mais, já comprei o presente que quero lhe dar depois que se entregar ao Cristo, naquela roupinha de anjo. Você se lembra da sua?

- Claro, mãe. Ficou uma graça. Mas....
- Mas coisa nenhuma. Já está decidido.

Clemência, com receio de contrariar a mãe, avó de Letícia, católica tradicionalista, conversou com a filha e lhe falou pa-ra que aceitasse a primeira comunhão, já que o Seu Lopes falou que no centro espírita eles não faziam essas coisas.

Segundo o orientador da casa espírita, todos os dias são dias de nos entregarmos com sinceridade a Jesus e que, por isso, no Espiritismo, não se fazia nenhuma cerimônia, muito menos só para se tirar fotografia.

Clemência ouvia as advertências de Lopes sempre com desagrado, pois pensava que o Espiritismo devia ter alguma coisa para agradar aqueles que vinham de religiões tradicionais onde tais rituais eram comuns.

Que toda a negativa do companheiro era alguma demonstração de despreço.

Lá se foram todas para o padre Lauro realizar a cerimônia de primeira comunhão.

Parentes bem vestidos, dinheiro gasto sem economia em roupas, flores, presentes e fotos afim de contentar a tradição sempre atenta às tolices ritualísticas, sem entender o seu significado essencial.

O tempo passou.

Clemência continuou a frequentar o centro espírita e participar de suas atividades normais, sempre sem entender a verdadeira base da transformação pessoal.

Pensava sempre que o espiritismo era uma forma parecida com o catolicismo, só que com nomes diferentes.

Os católicos tinham a missa. O espiritismo tinha a reunião mediúnica. Aqueles tinham a água benta. Os espíritas tinham a água magnetizada. Os católicos falavam no inferno. O Espiritismo falava no umbral. Os católicos tinham o padre e os espíritas tinham o dirigente espírita. Os católicos tinham o diabo, os espíritas tinham os espíritos obsessores. Com essas comparações, Clemência tentava acreditar que a antiga crença e a nova realidade de sua fé eram a mesma coisa com outra maquiagem. Não lhe ocorria perceber as fundamentais diferenças existentes entre as duas maneiras de ver a vida e a realidade do espírito imortal.

Não importava. Sempre que as coisas iam normais, Clemência vivia no centro espírita. No entanto, sempre que as datas se aproximavam, festeiras, novamente corria para a igreja a fim de conseguir viver equilibrada nas duas canoas que pensava serem muito parecidas.

Letícia cresceu com os conhecimentos do Espiritismo, mas com a falta de convicção de sua mãe, influenciada sempre pelos modos antigos de sua avó materna, fervorosa devota católica, da paróquia do padre Lauro.

Enamorou-se de um jovem e promissor candidato a médico e, na sua mente cheia de sonhos, passou a anelar o consórcio matrimonial, depois de alguns anos de convivência e intimidade.

A paixão foi num crescendo e os desejos feminis de fundar uma família se tornaram patentes nos dois jovens.

Lá se foi Clemência até seu Lopes.

- Senhor Lopes, preciso de sua ajuda mais uma vez. Espero que desta vez o senhor não nos

deixe na mão como nas outras, hein?

- Pode falar, dona Clemência - respondeu o paciente orientador mais antigo da casa.

- Sabe o que é? - começou ela cheia de dengos. - Letícia vai casar com o rapaz que ela está namorando e está apaixonada por ele. Vivem juntos como carne e unha e os dois querem construir um lar.

- Ah! Muito bem, que boa notícia, dona Clemência.

- Sim, é maravilhoso. Por isso é que estou aqui.

- Certo, a senhora quer me convidar para o casamento! É isso?

- Ora, Senhor Lopes, é claro que vou convidá-lo, mas não é só isso! - falou Clemência, demonstrando certa contrariedade com o interlocutor.

- Então diga tudo, minha irmã.

- Bem, o senhor sabe que Letícia vem neste centro desde pequenininha e o seu sonho é casar de noiva e entrar por esta porta vestida de branco, com um vestido lindo, com uma longa cauda para que o senhor possa fazer o casamento dela.

Lá se foi o senhor Lopes coçar a cabeça e explicar, com todo o jeito do mundo, que o centro espírita não fazia casamento, que as pessoas espíritas se uniam no cartório e, depois, podiam fazer uma reunião íntima, onde se realizava uma oração, um pedido a Deus para que protegesse aquele novo casal e sem a necessidade de qualquer roupa específica ou diferente.

- O que é que o senhor está me dizendo? Depois de todos estes anos o senhor vai me negar esta alegria, depois que trabalhei aqui como uma camela, fazendo bazar, ajudando na sopa, limpando banco e lavando prato? Será que o senhor é mais ingrato do que eu pensava?

- Não é isso, dona Clemência. É que na Doutrina Espírita não existem rituais, não há nenhum tipo de cerimônia e nós estamos aqui para servir Jesus e não para satisfazer nossos desejos. Por isso, não estou dizendo isso para contrariá-la, mas para informá-la de que nós não podemos casar ninguém aqui dentro, já que isso não existe no caminho espírita. Seria uma encenação teatral sem maior fundamento.

Dona Clemência não entendia o que o Sr. Lopes tentava lhe explicar, pois a negativa já lhe havia subido à cabeça e a falta de apoio dos espíritas era um descaso para com os anos de serviço que havia prestado ao centro.

- Gente ingrata, esses espíritas. Quando precisam da gente, tocam a pedir ajuda. Quando queremos honrá-los com o casamento da criatura que a gente mais ama, olha que eles fecham a porta na nossa cara.

Seu pensamento preconceituoso e sua falta de aprofundamento doutrinário faziam-na acreditar que não era necessário viver de acordo com o que se aprendia. Bastava dar-se um jeito para que as coisas funcionassem como lhes parecessem mais agradáveis.

- E, imagine — pensava ela consigo mesma. Uma filha que se casa é o momento mais importante da vida da mãe e dela mesma. Vai se casar, assim, de qualquer jeito, que nem “esses espíritas” explicam, em uma reuniãozinha de meia dúzia de pessoas, sem o ritual lindo da entrada na igreja, as trompas tocando, os tambores rufando, o noivo esperando, o padre lá no alto, os bancos lotados com as pessoas bem vestidas, tudo isso pronto para ficar para a história? Não quero nem saber. Letícia vai ter o casamento que eu tive. Os espíritas estão muito errados com esse negócio de não fazer ritual. Quer coisa mais linda do que um casamento?

Decepcionada com o espiritismo que não havia aceitado lhe atender os caprichos, nunca mais voltou ao centro, decidindo-se ficar um tempo afastada da religião para que acabassem

sentindo a falta que ela fazia.

Lá se foi dona Clemência levar a filha para se casar na igreja, com a pressão da avó e a atenção do padre Lauro que, na cerimônia de casamento fez questão de relembrar que aquela “tradicional família católica” era um exemplo para a comunidade, pois desde o casamento de D. Clemência eles eram fieis frequentadores da paróquia que ele dirigia. Havia feito o batizado de Letícia, a crisma, a primeira comunhão e agora, o casamento.

Que coisa mais linda a ser seguida por todos.

A comunidade, silenciosa, nos bancos da igreja, olhava para eles com certo ar de ironia, já que quase todos sabiam que eles viviam dentro do centro espírita, como muitos dos que ali estavam também.

No entanto, a maioria estava acostumada a ser daquele jeito. Todos diziam que gostavam da pureza e simplicidade do Cristianismo, mas, no fundo, adoravam o velho e surrado ritual.

Cerimônia emocionante, promessas de fidelidade e de mútua assistência, na saúde, na doença, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza. Olho no olho, mãos elevadas dos padrinhos abençoando, o “senta e levanta” reverenciai, as mulheres casadoiras sonhando com o seu dia de entrada triunfal, para que o padre Lauro viesse aabençoá-las com suas belas palavras no ritual tradicional.

Mal sabiam todos eles que o noivo já possuía outra mulher, amante de longa data, com quem tinha uma filha e que morava em outra cidade. Afinal, como bom partido que era, dona Clemência não fazia muita questão de aprofundar-se no conhecimento dos detalhes da vida do futuro marido de sua filha. Afinal, conseguir um médico, nos dias atuais era uma proeza daquelas - pensavam ela e a avó.

Letícia se deixou levar pelo coração e tudo relevava do namorado, tomando suas ausências como coisa de plantão, de residência, de compromisso profissional de quem está se enfrontando na profissão.

A viagem de núpcias foi bem emocionante, mas tão logo chegaram ao novo lar, a vida de ambos se transformou da venturosa relação de enamorados para a monótona convivência sem mais profundidade.

Letícia sonhava com o marido para ela e o rapaz desejava uma mulher mais fogosa do que a esposa.

Não queria, por isso, romper o relacionamento com a amante, a quem mantinha com dotações mensais.

Com o passar dos meses, a pouca consideração do marido deixou fácil a Letícia a constatação do caso antigo.

A decepção foi cruel. Os sonhos desfeitos, a maneira pouco profunda de entender os problemas naquelas que sempre desejaram resolver as coisas do modo mais prático segundo as antigas tradições acabou levando Letícia, no gesto de desespero, a ingerir o cáustico venenoso como quem pensava em fugir da vergonha, da dor imensa do coração ferido e, ao mesmo tempo, punir o marido mentiroso e infiel, deixando-lhe a consciência ferida.

Para tanto, escreveu bilhetes para o esposo, culpando-o de toda a sua tragédia além de uma longa carta que enviou pelo correio para seus pais, os pais do marido e alguns amigos comuns, denunciando o comportamento adúltero do esposo e os verdadeiros motivos do recurso que usara como última instância.

Letícia temia que, por ser médico, o marido pudesse criar alguma situação que fizesse

parecer acidente o envenenamento da mulher, o que não seria desmentido por ela, já do outro lado da vida.

Tragédia na cidade. Trauma nos corações de todos.

O corpo jovem e frio de Letícia encontrado pelo marido. A carta acusadora, as provas jogadas na sua face. A notícia para a família, as cartas mandadas pelo correio, a verdadeira versão espalhada pela cidade toda.

Letícia tirara a própria vida.

A dor de Clemência era enorme. A avó, católica fervorosa, não sabia o que fazer, diante da tragédia. O delegado foi acionado, o marido tornou-se um fugitivo para não ser assassinado pelos parentes que lhe haviam servido de padrinhos na cerimônia de casamento.

O corpo frio e os esgares de dor dos últimos momentos pediam um consolo espiritual. Os parentes pediam um amparo de mais alto e tanto a avó quanto D. Clemência precisavam de forças espirituais para enfrentarem uma hora tão amarga.

Lá se foram até a paróquia falar com o padre Lauro.

O velho sacerdote estava abatido com a notícia da morte de Letícia, triste com a tragédia familiar.

Recebeu a avó e a mãe com sincera comoção e delas escutou a necessidade de se realizar uma missa pela alma de Letícia, aquela garota que ele havia visto crescer.

E sem dar uma resposta direta de imediato, o padre Lauro, confiado no grau de intimidade que sempre existiu entre ele e a família, perguntou:

- A tragédia parece que se patenteou por causa do marido traidor! É verdade isso?

- Sim,... sim, ... padre - respondeu a avó, chorosa.

- Mas ele acabou por tirar-lhe a vida? Eu ouvi que o delegado o está procurando? - voltou o padre a perguntar para chegar até onde desejava.

- Não, padre Lauro, ele não a matou diretamente. É um culpado sim, porque traiu minha neta e já tinha até outra mulher quando se casou aqui na igreja. Mas quando soube de tudo isso Letícia não aguentou e tomou veneno, padre.

A voz da avó mal saía da boca de tão dolorosa que sua alma se encontrava.

Padre Lauro abaixou a cabeça e não proferiu mais nenhuma palavra.

O silêncio se tornou longo e a avó dirigiu-se a ele para dizer qual o motivo da visita.

- Pois então, padre Lauro, precisamos que o senhor reze uma missa de corpo presente, lá no velório, em favor da alma de Letícia. Afinal ela sempre contou com o senhor nas cerimônias mais importantes de sua vida, não foi?

Pigarreando sem jeito, o padre Lauro não sabia como dizer-lhes mas, contrafeito, afirmou:

- Bem, irmãs, tenho orado muito por Letícia em minhas orações pessoais...

Vendo-lhe o silêncio demorado, a avó continuou:

- Mas para nós da família, seria muito importante a cerimônia lá na capela do velório para que todos fôssemos consolados e Letícia encontrasse um pouco de paz para sua alma.

Sentindo a insistência da velha beata Judineia, o padre procurou ser mais firme, dizendo, do alto de seus escrúpulos tradicionalistas, de acordo com os antigos cânones católicos:

- Apesar da tristeza da situação, a irmã há de convir que a Igreja Católica condena o suicídio...

Sem conseguir entender o que padre Lauro queria dizer, a velhinha retomou a conversa:

- Mas é minha neta, aquela menina que o senhor viu crescer, padre. Ela precisa de Deus

nesta hora e nós também...

- E, minha filha! Todos precisamos de Deus, mas com esse ato, Letícia apartou-se dele e a Igreja Católica não me permite que façamos ofícios cerimoniais para os que se matam. Sinto muito.

Sem acreditar no que estava ouvindo, D. Clemência, que estava contando com a cerimônia da igreja, se levantou trêmula:

- O senhor está querendo dizer que a minha filha é a vítima de uma tragédia e a igreja não vai estender a sua mão para atendê-la nesta hora de desgraça familiar?

Na sua expressão tradicionalista de cumpridor das ordenações dos antigos cânones, o padre Lauro não deixou de explicar:

- Bem, a minha irmã sabe que as cerimônias devem obedecer às regras da Igreja e, por isso, não posso infringi-las e não posso rezar a missa por sua alma. Ela cometeu um crime contra Deus, contra o mandamento que proíbe matar e isso é condenado pela Igreja, Infelizmente...

- Vamos embora desta casa do diabo, mãezinha. Nunca mais voltaremos aqui - falou Clemência, no que foi seguida por D. Judineia, a devota de tantos anos.

Sem rumo certo, saíram da igreja e não sabiam o que fazer depois que as portas lhe foram fechadas em hora tão desesperadora.

- Será que algum espírita reza no velório?... pensava Dona Clemência insegura, depois de vários meses afastada do centro pela decepção sofrida com a impossibilidade do casamento religioso espírita.

O enterro estava marcado para o final da tarde e, ao lado dos parentes e amigos que, sem acreditarem no que havia se passado com Letícia, no cemitério, estavam feridos pela emoção da tragédia, ouviu-se uma voz suave que, a pedido de Clemência, lá comparecera pessoalmente para confortar os aflitos de ambos os lados da vida.

- Irmãos queridos, vamos estender nossas mãos espirituais para nossa querida Letícia, com o amor mais puro de nossos corações. Afinal, Jesus veio para aqueles que estavam enfermos, não para os que estavam sadios. Veio para os puros de coração e para os aflitos da Terra e disse: Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados que Eu vos aliviarei.

Lá estava o senhor Lopes, o único religioso da cidade que aceitara o convite para a oração simples e espontânea junto ao caixão de Letícia.

O centro espírita não possuía nenhum ritual específico nem fazia cerimônia fúnebre. No entanto, levava a palavra amorosa aos que tinham partido e aos que tinham ficado pela Terra, tudo tentando fazer para que avaliassem o tamanho de suas próprias ilusões e fantasias, substituindo a cerimônia vazia pela essência vivenciada, enquanto ainda era tempo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo - capítulo VIII - Verdadeira Pureza, Mãos Não Lavadas.

17 A quem amar mais

PÚBLIO

Jesus desafia a capacidade de amar a verdade, na maneira em que se consegue vivenciar o amor nos dias atuais.

Amar o pai e a mãe mais do que a Ele torna o indivíduo indigno Dele. Afirmção polêmica em uma época como a de hoje, na qual tudo se está tentando relativizar pelos padrões inferiores dos interesses mesquinhos de corporações, clãs e grupos consanguíneos.

Disputas pessoais ou coletivas embasadas nas disposições de partidos e interesses compartilhados. Todas as forças sociais e econômicas estabelecendo critérios de retenção, limitação e segregacionismo no sentido de afastar da fartura o maior número de indivíduos, sem que, para isso, se evitem as tragédias sociais, os descalabros econômicos. Entre os indivíduos, a necessária solidariedade partidarista, isolando-se os grupos que se veem como adversários ou inimigos; os parentes, privilegiando-se os mais chegados em detrimento dos mais distantes, a produzir o abismo e os conflitos entre os muitos insatisfeitos e os poucos bem aquinhoados tem sido o resumo das relações sociais, a se estabelecerem assim desde os moradores de modesta ruela da periferia até as manifestações nacionais.

A relação de sucessão nas vantagens materiais tem endereçado o sentimento de solidariedade nos dias de uma humanidade onde o possuir é o fator dominante do espírito individual.

Quando se deixa que o domínio do palpável estabeleça a sua autoridade nos corações, a indiferença encontra justificativa lógica para implantar-se.

Desprezar o faminto caído na calçada, o velho inútil e improdutivo, a criança alheia sem roupa e escola são escolhas aparentemente lógicas, opções normais daqueles que pautam seus passos pela exclusiva preocupação partidarista, da necessidade de encaminhar apenas os seus, de lutar para que os bens não se dissipem, que não se espalhem por pessoas que estejam cogitando açambarcá-los indevidamente. Pensar no amor somente aos que possuem o mesmo sobrenome ou o mesmo sangue significa desprezar a necessidade de Amar a Jesus e a tudo o que ele exemplificou e representa mais do que qualquer interesse pessoal. Não significa deixar, naturalmente, de amparar aqueles cuja existência esteja sob nossa responsabilidade direta. No entanto, toda a humanidade, em última análise, está sob a nossa responsabilidade. Daí por que o dever de assistência coletiva impor-se sobre todos aqueles que compreendem que viver na Terra, pelos elevados padrões que uma vida representa para toda a humanidade, significa Amar a Jesus mais do que a todos e mais do que a si mesmo.

Vencendo as estreitas barreiras do individualismo que nos aproxima dos períodos selvagens onde as alcateias se reuniam e se guardavam, elevando-nos da condição lupina, nos endereçamos à condição Angélica, depois de termos assumido melhor a nossa indisfarçável condição humana, por onde temos de transitar para aprendermos a ser pessoas antes de sermos espíritos superiores.

Desse modo, continuemos a nos preocupar com nossos herdeiros, mas ampliemos o feixe de luminosas preocupações e realizações, inserindo em sua atmosfera outros seres que, em última análise, guardam conosco a identidade dos genes divinos que lhe emolduram o espírito, na mais ampla e nobre fraternidade legítima.

Todos irmãos, filhos do mesmo Pai e condenados à felicidade.

Por isso é tão importante compreender o que Jesus afirmara, quando determinara a necessidade de esquecermo-nos de coisas particulares que nos têm tomado o tempo e a preocupação com exclusividade, a fim de que sejamos aqueles que nos lembremos de reverenciar a fraternidade Universal, ensinando esses conceitos para aqueles que nos compete educar e orientar na longa caminhada evolutiva.

Se nos olharmos apenas como herdeiros de coisas putrescíveis, seremos tão somente carregadores de detritos, legando-os de geração a geração.

Se nos observarmos como herdeiros de elevados ideais espirituais, nos tornaremos solidários realizadores da obra amorosa, dentro da Obra de Deus, espalhadores de sementes de

esperança e cooperadores para a implantação da paz entre os homens.

Assim, é preciso aprender a renunciar a nossos padrões partidaristas, aos interesses de grupos, de clãs, como se ainda estivéssemos vivendo no tempo ancestral, abrigados em cavernas.

Jesus representa um novo horizonte, muito mais belo e amplo do que a visão estrábica que a boca da caverna podia permitir. Seu império não depende de quaisquer partidos ou identificações excludentes, já que, como caminho que é, está aberto a todos os que tenham o desejo sincero de trilhar-lhe o roteiro.

E para podermos andar por essa estrada, é preciso nos desfazer das diversas bagagens inúteis que costumamos levar, sejam aquelas representadas por coisas materiais, sejam as outras, catalogadas por conceitos e preconceitos tão humanos, considerações exclusivistas, protecionismo injusto.

Quando as coisas tiverem que ser decididas pelos arcanos superiores da vida espiritual, ninguém conseguirá levar consigo o filho amado, a esposa idolatrada, o marido trabalhador se cada um deles, por si mesmo, não estiver em condições de trilhar a mesma estrada. Cada um poderá carregar apenas aquilo que, efetivamente, é. E com base nessa bagagem de verdade é que seremos todos avaliados. Sabendo dessa realidade insofismável para todos nós, Jesus a ministrou como lição de coragem e de determinação pessoal, no rumo da edificação das condições essenciais para que nosso trajeto não se perdesse no meio do cipal tolo de preocupações inúteis. E por realçar que nada era mais importante do que aquilo que Ele tinha para nos entregar, como supremo presente do Criador a todos nós, por intermédio de suas mãos augustas e luminosas, deixou o ensinamento forte e surpreendente, para que, longe de significar indiferença para com os que amamos por serem próximos de nós, significasse a importância que devemos atribuir ao que é Absoluto, ao Amor mais intenso e mais Verdadeiro que existe, capaz de vencer todas as barreiras e de doar-se por igual a todos os filhos de Deus. É o elevado apelo para que todos nós fôssemos menos individualistas e defendêssemos menos os interesses de nossos afins, como maneira de estendermos o amparo a muitos outros que se enquadram na condição de irmãos verdadeiros, por escolha da vida, não por imposição uterina.

Quem ama mais aos seus parentes permitindo- se desprezar os seus outros irmãos de humanidade por causa desse amor egoísta, não é digno do Amor do Pai.

Assim, escutamos Jesus advertir:

“Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim.” (*São Mateus*, cap. **10**, v. **37**)

18 Quem salva quem

Tomaz Felizardo era viciado em loteria e, a cada oportunidade de realizar a sua aposta, lembrava-se de Deus e levava uma oração ao seu santo padroeiro, não regateando promessas e pedidos.

Desejava poder contar com a ajuda celestial para ganhar os recursos que julgava indispensáveis para ser feliz, segundo os conceitos imediatistas que contamina as pessoas.

Seu dia-a-dia era uma constante correria de um lado para outro. Não tinha tempo para mais nada que não fosse conseguir equilibrar-se no pequeno orçamento de que dispunha, na modesta

função de ascensorista que exercia em prédio de escritórios.

Acostumado ao sobe e desce, muitas vezes se mostrava contrafeito ao identificar que, na sua trajetória pessoal, seu elevador só possuía o desce. Nunca o sobe.

Raras vezes lhe sobrara algum recurso para fazer algum gosto pessoal. A família dobrava o dever ante a criação dos filhos, as despesas da modesta casinha alugada, os problemas de saúde, as necessidades emergenciais, o transporte, etc.

Sua vida era de casa para o trabalho e deste para aquela.

Muitas vezes imaginara-se invertendo-se os papéis, na condição de alguns dos doutores que ele tinha que, diariamente, levar até seus andares onde seus escritórios os esperavam.

Os ternos bem cortados, as roupas de centenas de reais, as pastas executivo, as joias e colares ostentadores que as "madames" usavam na maneira egoísta de humilhar os pobres sem precisar usar palavras *para isso*, tudo era observado por ele que, invejando o luxo e as aparências, sonhava em deixar a posição humilde a que era obrigado para se levantar perante os poderosos como um igual.

Sua mulher sempre lhe falara para tirar essa mania de grandeza da cabeça. Frequentadora de um centro espírita nas cercanias da casinha modesta, Celeste trazia até Tomaz as notícias e os conselhos do mundo espiritual. O marido, que não deixava de se interessar por qualquer coisa que o ajudasse a sair daquele buraco, não a censurava nas práticas religiosas e, sem duvidar da fé no plano espiritual, estava sempre disposto a ouvir suas palavras e ensinamentos, na esperança de que, um dia, aquele caminho o ajudasse a sair da desgraça.

Estavam casados já há muito tempo e entre eles havia sincero devotamento e respeito mútuo. Celeste se dedicava ao lar e trabalhava como lavadeira no interior da moradia, como forma de ajudar o marido na manutenção da família.

Tomaz, no entanto, sempre esperava que Celeste lhe trouxesse alguma boa notícia.

- Mulher, será que se você falar lá pros espíritos, eles não dão um jeito na nossa vida, e melhoram nossa situação? - queixava-se o marido.

- Ora, Tomaz, já te expliquei que os espíritos cuidam de coisas elevadas e que nos colocam sempre no caminho das coisas boas, quando nós entendemos o porquê dos problemas e tentamos fazer a nossa parte com paciência e tolerância.

- Mas esse negócio de paciência é o que eu mais tenho, querida. Estou subindo e descendo naquele buraco já há mais de dez anos... - queixava-se insatisfeito, Tomaz.

- Graças a Deus, meu marido. Imagine se você perdesse o emprego...

- Lá vem você com esse Graças a Deus... que poderia ser pior. Sempre essa interpretação miserável, agourenta, feliz por não ficarem mais difíceis as coisas. Quando é que você vai me dar razão? Não aguento mais esse negócio de sobe- desce no elevador e somente desce-desce na minha vida.

- Não seja ingrato, Tomaz. Temos saúde, nossos filhos estão bem, estudando, começando a trabalhar, nossas contas estão pagas.

- É, mas moramos neste buraco quente, com tiros por todos os lados, nossos vizinhos são uns problemas sem fim, não temos carro, não podemos passear, a televisão está estragada, tudo está meio caindo aos pedaços.

- Já te falei, querido, que tudo isso é uma maneira de nós sermos ensinados pela vida para que nos fortaleçamos no bem e evitemos os desvios da tentação.

- Lá vem você com esse negócio de paciência de novo. Vê se esses seus amigos invisíveis

não podem me ajudar a resolver de uma vez por todas a situação. Afinal, tenho sido honesto todos estes anos, não tenho roubado ninguém, nem feito nada que me possa prejudicar, prejudicando os outros.

- Ora, Tomaz, isso não é mais do que nossa obrigação. Ninguém deverá esperar homenagens por cumprir o seu dever.

- É... mas o mundo está cheio de bandidos que estão se dando bem por aí, fazendo o que não devem e obtendo vantagens, como se Deus os estivesse protegendo. Isso é difícil de entender, Celeste.

E a conversa caminhava sempre para a insatisfação de Tomaz, desejoso de encontrar ajuda do mundo invisível para seus problemas.

Celeste, ao contrário, procurava acalmá-lo, sempre convidando-o a que fossem juntos ao centro espírita para escutarem as lições do evangelho. Tomaz era avesso à rezas. Não gostava de se ver num lugar tendo que se disciplinar pelas regras que nos pedem paciência, resignação, confiança em Deus e em nós mesmos, esforço pessoal para solucionar nossas diferenças, esforço para fazer o bem ao próximo, ajudar os que sofrem mais.

Tomaz não conseguia aceitar ter que sair de dentro de si próprio para olhar os que estavam em piores situações do que a dele.

Não rezava nem no centro, nem em nenhuma outra igreja e nem em casa.

O único lugar onde rezava era na lotérica.

Toda a semana lá comparecia para fazer a sua “fezinha”. Erguia o pensamento na sua maneira tosca e insatisfeita e se dirigia a Deus, sempre nos mesmos termos.

- Meu Pai, o Senhor está acostumado a ficar aí no alto, no andar mais alto do prédio, e não sabe o que é ganhar a vida subindo e descendo. Cada viagem que eu faço naquele elevador, carrego uma quantidade de riquezas nas roupas, nas bolsas, nas joias, que nem que eu trabalhe toda a vida e não gaste nada, nunca conseguirei juntar.

Não quero ficar para sempre nessa condição. Ajude-me a sair disso. Inspira meus pensamentos para que eu saiba escolher os números milagrosos com os quais ganharei.

Prometo que, se eu ganhar, muitas pessoas vão sair ganhando, pois eu saberei ser agradecido. Não vou ficar com tudo só para mim. Dividirei e farei o bem que eu puder. Mas não posso fazer nada sem ter algo para empregar nas boas obras. Ajude-me.

Lá ia ele toda a semana em sua igreja particular- a lotérica do bairro - onde se esquecia de sua incredulidade e se punha a rezar, comprometendo-se com Deus para que Deus se comprometesse com ele.

Celeste sempre lhe dizia que isso não era boa coisa.

- Os espíritos já me disseram que a nossa felicidade está no trabalho digno, no esforço de todos os dias. Falaram que temos compromissos com os erros do passado, nas muitas oportunidades que desperdiçamos por causa da grande riqueza que tivemos.

- Conversa, Celeste. Isso é conversa deles para nos tirar do rumo do sucesso. Não vou parar de jogar nunca, até ganhar. Nossa felicidade estará na conta gorda do banco, nas viagens, nas férias, nos prazeres que nunca pudemos ter.

- Ora, homem, pare com isso. Se nós juntássemos tudo o que você já jogou em tudo quanto é tipo de jogo e guardássemos na poupança, já poderíamos ter tirado umas férias com as crianças e viajado um pouco, nem que fosse de ônibus.

- Confie em mim, Celeste. Nós vamos conseguir.

Não importava o que a esposa amiga lhe falasse. Tomaz nunca a escutava. Sempre desejava exercitar a fé na deusa loteria. Sempre perdia.

Cada semana, uma derrota e uma frustração. Nada de aprofundar-se na fé, na compreensão dos problemas de vidas passadas que dirigem as experiências em nossa vida presente.

Tomaz Felizardo só queria saber de tentar a boa sorte.

Algum tempo depois, a crise piorou. Celeste chegou em casa abatida porque o centro espírita não tinha conseguido dinheiro para colocar em dia os alugueres atrasados, e estava sendo processado pelo proprietário para deixar o local. Não havia muito a ser feito. Todos eram muito pobres para que pudessem se cotizar e conseguir o dinheiro para as despesas. Como ninguém se dispunha a atender às solicitações de ajuda que os responsáveis faziam constantemente, a instituição se equilibrava precariamente, na tentativa de cumprir seus deveres comerciais com aqueles que eram seus credores, no caso, o proprietário.

Abatida, Celeste não sabia como ajudar. Naquele dia haviam recebido a intimação da ação de despejo que um famoso advogado tinha ajuizado contra a instituição.

Contou o caso para Tomaz e, logo que terminou, ouviu a sua opinião:

- Ora, bem feito. Por que é que eles não tentam a sorte? Por que não vão até a lotérica e fazem uma aposta? Garanto que, pelo bem que fazem, serão capazes de conseguir a ajuda espiritual para acertarem pelo menos uma quinazinha e pagarem as contas.

- Mas Tomaz, você nunca vai mudar esse modo de pensar? Você não via Jesus sempre tão pobre?

- Vai ver que era porque, no seu tempo, não havia mega-sena. Quem sabe ele não teria feito um joguinho também?... -falava irônico.

Naquele dia, sabendo da necessidade do centro espírita que a mulher frequentava, Tomaz incorporou aos seus pedidos e às suas promessas o argumento que julgava ser de peso para os seus propósitos.

Pediria ajuda para poder ajudar o centro espírita.

Querida fazer o bem, mas a sua obrigação de ascensorista não lhe dava recursos.

- Ajuda-me, Senhor, pois quero ajudar o Senhor também. Sabe como são as coisas: uma mão lava a outra... Se eu ganhar, prometo que ajudarei a construir um outro centro. Modificarei as coisas e tudo se resolverá. Quero subir na vida, me ajude. Deixa eu ganhar a sena desta vez...

Lá iam as suas lamúrias naquela igreja improvisada no meio dos volantes de apostas, resultados lotéricos e de outros clientes igualmente fieis ao santo dos apostadores inveterados.

Celeste, ao contrário, procurara o seu Marcondes para ver se podia ajudar de alguma forma mais eficaz, pois sentia que aquele problema era dela também.

Ficou sabendo dos detalhes do processo, da Vara onde estava tramitando, do nome do advogado que estava fazendo o despejo, do endereço do escritório. Levou tudo para casa, tentando dividir com o presidente da devotada agremiação algumas das tarefas na tentativa de solucionar o problema.

No dia seguinte, rotina renovada, Tomaz no elevador e Celeste no tanque. Ele pensando na aposta que fizera, com a desculpa de ajudar a causa de Deus e ela queimando os miolos para tentar fazer alguma coisa para ajudar a casa de Deus.

Olhando os papéis que lhe haviam sido fornecidos por Marcondes, Celeste observou que o endereço do escritório do advogado do processo era o mesmo onde o seu marido trabalhava.

Feliz ideia lhe ocorreu naquele momento. Quem sabe Tomaz não conhecesse o homem

importante e pudesse arrumar uma maneira de conversar com ele, explicando o problema do centro espírita, pedindo uma ajuda, adiando a cobrança, quem sabe qualquer coisa? ... - pensava, inspirada por algum amigo invisível, que se aproveitava de seu desejo de fazer o bem de algum modo.

Tomada pela esperança, deixou o tanque, trocou de roupa e foi para o ponto de ônibus.

Lá na cidade, Tomaz aproveitava a hora de folga para ir conferir o resultado de sua jogatina, agora com os pedidos embasados na necessidade do centro espírita.

E, finalmente, surpresa!

A nova argumentação proposta durante a oração para a aposta do dia anterior surtira o efeito. Conseguira ser contemplado com a quina naquele certame, cujo valor maior seria destinado a quem acertasse a sena, ou seja, os seis números sorteados. Conseguindo cravar os cinco, receberia significativo prêmio que deveria compartilhar com outros numerosos ganhadores, mas que lhe conferia, como felizardo, ao redor de cem vezes o seu salário de ascensorista.

Não era uma fortuna para os doutores que subiam e desciam. Mas para Tomaz era uma soma que nunca conseguiria ganhar em sua vida.

- Aleluia, aleluia-chegou o meu dia! Mais de cinquenta mil, mais de cinquenta mil... isso vai ser a maior felicidade da minha vida...

A sua euforia era bela de se ver.

Voltou para o seu trabalho quase sem conseguir esconder a emoção.

Nada falou para ninguém, pois não queria que comesçassem a surgir os oportunistas a pedir emprestado.

O dinheiro era dele e só dele.

Qual não foi a sua surpresa quando viu Celeste entrando pelo corredor dos elevadores.

- Mulher, o que é que você está fazendo aqui? Algum dos meninos está doente?

- Não, Tomaz. Eu vim aqui para falar com você.

- Ah! Que bom. Também preciso falar consigo. Vem até aqui.

Pedindo para que um amigo o substituísse por alguns minutos, Tomaz se afastou com Celeste para se ocultar próximo à escada de incêndio e ali, eufórico, nem deixou a mulher falar. Foi logo dizendo:

- Deus ouviu as minhas preces, Celeste.

- Preces? Tomaz, você reza, por acaso? - perguntou ela meio surpresa.

- Claro que rezo, mulher. Lá na lotérica sempre rezo e ontem, rezei falando lá dos problemas do centro espírita.

- E como é que Ele te escutou?

- Ora, eu ganhei a quina, Celeste. Mais de cinquenta mil... mais de cem vezes o meu salário...

Sentindo a alegria infantil do marido, Celeste abraçou-o também feliz e disse:

- Que maravilha! Como Deus é bom...

- Isso mesmo. Como Deus é bom - confirmou Tomaz.

Vendo-lhe a mulher em silêncio, o marido animou-se a lhe perguntar o motivo da visita:

- Ora, Tomaz, eu vim aqui pensando em fazer uma coisa, mas Deus já estava fazendo outra bem mais perfeita.

- Como assim? - perguntou curioso o esposo.

- Sim, Tomaz. Eu descobri que o advogado que está despejando o centro espírita tem escritório neste prédio e eu acho que, como você conhece todo mundo, você pudesse conseguir uma conversa com ele para que eu pedisse um adiamento até conseguirmos o dinheiro. No entanto, vejo que isso não será mais necessário...

- Como assim, mulher, por que não será mais necessário?

- Ora, Tomaz, você acabou de dizer que ganhou mais de cinquenta mil depois que rezou e pediu a ajuda de Deus... Não vai recusar ajudar a pagar o atrasado lá do centro. Afinal, há tantas crianças que recebem sopa todos os dias, velhos que recebem cobertor, pessoas desesperadas que são ajudadas...

E escutando as palavras da mulher, Tomaz foi ficando vermelho, vermelho, até ficar quase roxo.

Sem conseguir se conter mais, esbravejou com ela:

- Você está doida de vez, mulher? - disse áspero, quase gritando.

Espantada com a reação do marido, Celeste respondeu:

- Como assim, Tomaz. Eu não estou doida. Só estou dizendo que, agora, poderemos ajudar a pagar a conta do centro, que não chega nem a dez mil, impedindo, assim, que toda aquela gente pobre fique ainda mais desamparada.

- Mas nem se eu estivesse canceroso eu iria dar dez mil para pagar conta dos outros. Fiquei mais de dez anos esperando por esse dia e não vou deixar que esse dinheiro seja doado para os inúteis, os desempregados, os velhos preguiçosos. Nunca. Esse dinheiro é meu e vou ficar com ele. Que negócio é esse de você querer ajudar os outros e não pensar em nós primeiro? Estou te estranhando, Celeste. Esse negócio de religião está mexendo com a sua cabeça.

Não ocorrera a Tomaz, naquele momento, que ela sempre pensara nele e nos filhos, se desdobrando para cuidar da casa e de todos e, ainda por cima, lavando roupa para fora, nos horários de seu descanso para ajudar na manutenção da casa.

Naquela hora, era ela apenas aquela que queria acabar com o seu dinheiro.

- Mas você não disse que rezou a Deus e pediu ajuda? Você acha que Ele não te ajudou a ganhar?

- Não sei. Mas se me ajudou a ganhar -e olha que eu ganhei só. a quina, tão miserável, perto do prêmio principal - poderá ajudar o tal de Seu Marcondes a ganhar a sena e ajeitar as contas do centro espírita. Eu não sei nem onde esse tal de centro fica. Não tenho nada a ver com isso.

E repetia, obsedado pela ideia do ganho:

- Esse dinheiro é meu, só meu. Quando ganhar mais - e o meu pedido foi que eu ganhasse a sena- aí eu ajudo o centro.

Celeste não desejava fustigar o marido com advertências negativas e censuras à sua conduta egoísta.

Vendo-lhe o estado de quase alucinado, deixou-o sozinho e foi até o elevador em busca do tal advogado.

A casa de Deus ainda esperava por alguém que a defendesse, já que, aquele que se dizia defensor da causa de Deus, tão logo se viu aquinhoado com a possibilidade, resolveu tornar-se ateu.

Não demorou muito tempo para Tomaz, decepcionado com as preocupações de Celeste e

iludido com as facilidades do dinheiro, engraçar-se com uma colega de trabalho, mais jovem e insinuante, que, ao saber da boa sorte do amigo, se fez mais carinhosa e sedutora. Ela também havia pedido a Deus que lhe enviasse alguém para ajudá-la a pagar as contas atrasadas que os seus caprichos femininos haviam acumulado. Tomaz deveria ser a resposta às suas orações equivocadas. E o tolo homem abandonou o matrimônio para se envolver nos caprichosos meandros de um caso amoroso que lhe corroeu, em pouco tempo, entre roupas, pinturas de cabelo, maquiagens e caprichos, os recursos que ele não desejara entregar para salvar a causa dos necessitados.

Dona Celeste, apesar dos seus sofrimentos aumentados com a fuga do marido, enganado por si próprio e por suas fraquezas, avistara-se com o advogado que, informado dos inúmeros trabalhos realizados por aquela instituição benemerente, cujo processo de despejo, em verdade, estava sendo promovido por um de seus assistentes, quase que sem o seu conhecimento direto, viu-se na contingência de intervir para que a causa se resolvesse de outra maneira.

Com as idas e vindas da negociação, Celeste conseguiu que o próprio advogado, sensibilizado pela obra do bem, se dispusesse a arrecadar entre seus amigos os recursos necessários para o pagamento, além de iniciar um movimento de ajuda àquela instituição, cujos trabalhos assistenciais contavam apenas com a boa vontade de alguns idealistas e a falta de recursos tão comum em casos desse tipo, já que os “Tomazes Felizardos” da vida, quando conseguem o que desejam, se deixam levar por suas fraquezas e se esquecem das orações realizadas na igreja lotérica onde exercitam a sua “fezinha”.

A Casa do Bem estava salva pelo esforço da lavadeira humilde e devotada, enquanto que o ascensorista egoísta, continuava exercitando o seu talento para o
... desce-desce.

O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XIX - Parábola da Figueira Seca

19 Uma nova chance

PÚBLIO

Na trajetória do crescimento, as falhas são naturais ocorrências que demonstram o desajuste do espírito necessitado de oportunidades para afinar o instrumento do sentimento e da inteligência.

As quedas, produzindo dores físicas ou morais, estabelecem o padrão normal do processo de elevação, o que motiva o indivíduo a imaginar que, tendo cometido o erro, mesmo quando detinha cabedais necessários para não errar do ponto de vista lógico, a sua necessidade de uma nova experiência na segunda chance lhe possibilitaria melhor resultado.

A segunda chance é buscada por companheiros e companheiras que falham ante as tentações físicas, nas traições de todos os tipos; pelos que fraquejam diante da cobiça do que não lhes pertença; por aqueles que se iludem com o ganho fácil através do delito violento; pelos desejosos de realizar grandes feitos sem respeitar os limites e saber esperar a sua vez; pelos apressados, pelos arrojados, pelos ensandecidos, pelos viciosos, pelos que buscam prazeres, pelos que abusam de todos os tipos de substâncias ou alimentos, quando todos se apercebem que a remuneração decorrente desse tipo de investimento é a lágrima, a dor moral, a enfermidade e a frustração.

Levados ao fundo dos abismos, na vida física ou, principalmente depois dela, onde pensam ser a última morada para a esperança, os homens e mulheres muitas vezes se permitem arrastar

para a autoflagelação íntima, clamando por punição para si mesmos, esperando ser fustigados por verdugos crueis, por entidades demoníacas, por fantasmas acusadores.

Mas quando percebem que, apesar de todas estas construções grotescas da ignorância, seus espíritos se defrontarão inexoravelmente com o juiz austero e imparcial da própria consciência profunda, sabem que não conseguirão enganá-lo.

Daí, mesmo depois que os verdugos e vítimas se tenham perdoado, aos primeiros resta a necessidade de se perdoarem a si mesmos.

Levados ao mais difícil estado de inferioridade por suas próprias escolhas, sabem que não conseguirão tal alforria íntima senão depois de enfrentarem os mesmos caminhos espinhosos e se demonstrarem corajosos, firmes nas disposições, destemidos nos ideais.

Como conseguir tudo isso novamente depois que se perdeu o corpo?

Obter o perdão dos que ferimos é algo que não depende de nós e sim da bondade e compreensão que já exista neles.

Obter a desculpa de nós mesmos, é algo que só depende de nosso autojulgamento, sem argumentações esfarrapadas, sem justificativas.

Não há esforço nosso quando somos perdoados e, assim, nenhuma melhora nossa, em tese.

Quando nos dispomos a refazer os passos errados, seguimos o curso do autoperdão, ante aquele juiz imparcial e inflexível que existe em nossa consciência.

Afundados no lodaçal do erro, entendemos então que dali não sairemos enquanto não refizermos a nossa trajetória.

Como fazê-lo se só existisse o inferno por destino aos que falharam? Viver a eternidade sem o nosso próprio perdão, isso seria o inferno dentro do inferno.

Como conseguir se só houvesse o adormecimento até o dia do juízo? Ficaríamos inertes sem nada conseguir consertar até que acordássemos no Tribunal que não nos aceitaria qualquer modificação dos atos cometidos? Então, para que dormir tanto tempo se a condenação já era patente?

Então, entendemos a grandeza da Justiça do Universo que a Doutrina Espírita nos revela: Não uma chance, nem duas. Não uma única vida e depois o inferno ou o albergue invisível.

Muitas vidas. Muitas oportunidades. Muitas mãos estendidas.

Esta é a única solução compatível com o Muito Amor de Deus e o seu imenso respeito pela liberdade que concedeu àqueles que criou.

Assim, longe de ser punição, a reencarnação é o presente sublime para o recomeço. A segunda chance que se obtém para a busca do autoperdão, sem o qual não conseguiremos subir aos patamares da vida superior.

Sem consertar os estragos que fizemos, seremos apenas meliantes tentando furtar o céu ou o paraíso, como quem deseja invadir a moradia confortável, pulando-lhe os muros, tomando-a de assalto na calada da noite.

O céu não se conquista por meio do roubo.

Jesus se referia a isso, ensinando a necessidade de se nascer novamente para que se corrigissem os defeitos que impediam a entrada nos reinos espirituais mais elevados, Falando à mente do povo de sua época, que considerava as verdades bíblicas como reveladoras da origem das coisas, usa a figura da água que era considerada a origem do elemento material, o elemento gerador absoluto como afirmara a Gênese Bíblica. Já a natureza inteligente era representada pela expressão Espírito. Daí as expressões usadas por Jesus ao falar da necessidade do

renascimento dos dois elementos: o espírito e o corpo físico no ambiente terreno como condição para ver o reino de Deus

Atinge-se-o por meio do trabalho que a reencarnação possibilita ao que estiver verdadeiramente arrependido pelos erros cometidos.

A este, por pior que tenha sido o seu erro, está sempre aberta a outra chance.

“Havia, entre os fariseus, um homem, chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. A isto, Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?

Respondeu Jesus: em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito. Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo.” (São João, cap. 3, v. 1 a 7)

20 Entre o dormir e o renascer

HUMBERTO DE CAMPOS

Ioshi Senju Iso era um indivíduo muito estranho.

Sempre desconfiado de tudo, sempre achava motivos para levar as coisas para o lado negativo. Segundo suas noções pessoais, as pessoas que o rodeavam tinham sempre motivos para ocultar-lhe coisas.

Se chegava em um lugar e os outros parassem de falar, já pensava que estavam querendo esconder-lhe alguma coisa.

Sua vida pessoal era muito difícil já que nem mesmo no interior do lar, no aconchego da família, Ioshi conseguia relaxar.

Sua esposa tentava sempre fazer tudo para evitar que o marido se indispusse e se tornasse irritado, coisa que era muito comum, apesar de todos os esforços que fazia.

O único filho do casal, ainda pequeno, era tratado com carinho por ambos os pais sendo certo, no entanto, que Ioshi estava sempre procurando observar bem a criança para descobrir traços, gestos, indícios que revelassem ser ou não, o pequeno Kashiko, seu filho legítimo.

Isso porque as preocupações de Ioshi não se restringiam aos planos gerais do dia-a-dia. Levado pelo pensamento sem o freio da razão, flutuava por todos os terrenos, sobretudo pela área da desconfiança afetiva.

E, ainda que não tivesse qualquer motivo para desconfiar da fidelidade da esposa, o seu interior estava sempre disposto a ver o que não existia nas menores coisas e, juntando os pedaços, tirar conclusões desastrosas, que o levavam quase que ao desequilíbrio e ao apavoramento. Sobretudo depois que a gravidez da mulher lhe fora anunciada após ter chegado ao Japão, onde permaneceria por seis meses, a serviço. Longe de casa já há dois meses, surpreendeu-se ao ser informado de que sua esposa estaria grávida. Seria ele o pai?

A esposa já lhe havia sugerido uma terapia.

Com tal modo de ser, Ioshi sofria e fazia sofrer.

Brigas constantes, acusações levianas somente para ver a reação da mulher, milimetrando o tom das palavras, o sentido oculto dos comentários, a maneira pela qual ela gesticulara.

Apegado aos imperativos mentais de suas criações, não lhe foi difícil atrelar-se a uma religião pentecostal para a qual o que estava escrito na palavra de Deus era lei a ser obedecida sem questionamento.

Como passara a ser fiel observador dos ditames formais, levava a sua personalidade intolerante ao extremo, sempre em detrimento da paz da família e do interesse da harmonia do lar.

Cada conduta diferente da mulher era interpretada como influência do demônio que estava espreitando o lar, porque ele, loshi, se havia convertido ao cristianismo evangélico, para o qual toda contrariedade era atribuída às forças satânicas.

E para combater o diabo e suas artimanhas, mais e mais loshi se valia da desconfiança, para se tornar um hábil detetive particular, muitas vezes levando ao líder de sua igreja as notícias sobre os fatos que conseguira apurar, envolvendo outros fieis do mesmo culto, com a finalidade de instruir o pastor sobre os interesses do maligno, na utilização do rebanho cristão nas edificações do mal sobre a Terra.

Em todas as cerimônias, loshi sempre se mantinha atento aos ensinamentos que realçavam a ação de Satanás, sutil e malicioso, lembrando-lhe a necessidade de estar mais e mais atento às suas artimanhas.

Chegando em casa, se algo estava fora de lugar, logo atribuía esse desarranjo à ação matreira do maligno para irritá-lo, por intermédio da conduta distraída da mulher, já que todos sabiam que loshi era um maníaco por arrumação e ordem.

A esposa paciente era levada ao extremo da tolerância, sempre testada pelo marido que pretendia apanhá-la em alguma falta para acusá-la de qualquer coisa.

Nunca lhe descera com tranquilidade a ideia de Kashiko, o filho, ter sido concebido naquele período de viagens, sem ter a certeza de que, efetivamente, houvera sido ele o genitor. Inseguro na emoção, loshi estava sempre dando voltas nos miolos para procurar explicações e observar indícios.

- loshi, você se preocupa tanto com o demônio que vai acabar sendo vítima dele - falava Hatsumi, a esposa sacrificada.

- Quem dorme com os dois olhos fechados, mulher, acorda morto no outro dia - respondia o marido na sua estranha lógica insensata.

Naturalmente porque estava sempre procurando coisas erradas, loshi estava sempre aberto para ver o que queria nas situações mais prosaicas da vida.

Se a mulher pedisse uma pizza em alguma pizzeria que tivesse serviço de entrega, o marido estava sempre atento para ver se não era o mesmo entregador que vinha sempre a sua casa. Se o mesmo trouxesse a encomenda, isso já era indício mais que significativo para que ele se preocupasse.

Se Hatsumi passasse sempre pelo mesmo caixa do supermercado ou costumasse passar sempre pelo mesmo trajeto quando voltava para casa, loshi a observava para ver quem é que era o caixa ou quem é que morava por aquele caminho.

As visões demoníacas de coisas erradas em todos os indivíduos e em todas as coisas recebiam a aprovação do pastor, que via em loshi um ótimo colaborador, arrecadando sempre mais dinheiro de sua credulidade.

Não era difícil que loshi fosse convencido a comprar espadinhas de plástico para proteger-se contra as armadilhas do diabo, que gastasse seu dinheiro comprando sabonetes ou

óleos abençoados para proteger-se contra as influências dos encostos

- como eram chamados os espíritos malignos nos cultos evangélicos - nem lhe pareciam abusivas as cobranças constantes do dízimo. Os que protestavam, ainda que veladamente, ou que diziam não ter dinheiro, logo estavam apartados do grupo, considerados indignos e perturbados pelas hostes satânicas.

Ioshi procurava sempre levar a sua contribuição ao seu líder religioso.

- Depois da morte, o repouso até o dia do Juízo

- aprendera o crente fiel, esperando que a morte lhe concedesse, um dia, o descanso eterno.

Mas a vida lhe estava causando os estragos no equilíbrio pelo seu modo intransigente e cego de ser e pensar.

Perturbado por suas estranhas concepções, não lhe foi difícil conectar fatos que foram acontecendo aleatoriamente.

A mulher recusava-se a acompanhá-lo nos cultos de sua religião, pouco animada a seguir os passos do marido por causa do péssimo exemplo que ele dava dentro de casa.

Agressivo, desconfiado, seco e vendo o demônio por toda a parte, Hatsumi não desejava compartilhar da crença do marido, essa maneira estranha de acreditar em um Deus cujo principal aliado no convencimento dos fieis era o próprio Satanás.

Se o Bem não tinha poder suficiente para convencer e precisava do poder do Mal para intimidar, era porque aquele tipo de Bem não era suficientemente Bom.

Mas para Ioshi, Hatsumi não ia porque o maligno havia se apossado de sua vontade, procurando atormentar a vida da família, no que era apoiado pelo pastor, na visão vesga da necessidade de submissão cega.

O filho do casal, também vendo o pai sempre carrancudo e briguento, afeiçoara-se ao carinho da mãe, recusando-se a aproximar-se do genitor de maneira mais espontânea.

Isso fazia o pai duvidar ainda mais da fidelidade da mulher, acreditando que o filho não deveria ser dele, efetivamente.

Essa certeza cresceu em sua mente.

Fustigado pela dúvida cruel, passou a perseguir a mulher, saindo do trabalho em horas pouco prováveis e chegando de surpresa em casa.

Hatsumi via a sua conduta e procurava alertá-lo de que aquilo era coisa de criança e que ele devia estar doente das ideias.

Ioshi sorria irônico e pensava que Satanás sabia como argumentar contra ele, usando a mulher.

Tornou-se um indivíduo perturbado ao extremo e, em certa ocasião, passando à porta de casa, numa dessas fugidas, viu um carro parado à frente e um homem saindo da moradia, sorridente, e se despedindo de alguém que ficara lá no interior.

Aquilo era a fagulha que lhe faltava.

Seguiu o veículo e viu que se tratava do dono da padaria.

O que estaria aquele homem fazendo em sua casa, naquela hora do dia?

Aquilo martelava em sua cabeça, sem descanso.

Chegou em casa ao final do trabalho daquele dia e, procurando disfarçar seus temores, foi assistir televisão, sem falar nada com a mulher. Depois do jornal, a novela.

Nada lhe penetrava o espírito, ferido pela imagem do dono da padaria saindo de sua casa. Era sexta-feira. A novela apresentava as cenas das tragédias emocionais que têm sido repetidas

para o entorpecimento dos nobres sentimentos. Homens que traem suas mulheres, mulheres que se entregam a aventuras conjugais com jovens fogosos e musculosos, frustrações pessoais suportadas na revolta pronta para o revide, projetadas na tela da televisão num chamamento à uma solução idêntica na vida real.

Naquela noite, exibiam a cena do marido ciumento que, sentindo-se traído, arquitetou a vingança cruel contra a esposa e a prole para que não restasse qualquer indício da família. Ninguém seria feliz se ele não o fosse. Não suportaria ver-se como um idiota, zombado pelos amigos, vendo a esposa nos braços de outro e os filhos desfrutando da boa situação financeira do concorrente. Esse era o teor do capítulo daquela novela, naquela noite.

Ioshi não via mais a estória de ficção. Via a si mesmo naquele capítulo.

- É o meu caso, pensava ele com os miolos aquecidos. Minha vida tem sido esse martírio e eu não vou deixar que essas coisas se passem comigo também. O marido tem razão. Não deve deixar que sejam felizes às suas custas. É isso que eu farei também.

Os funestos pensamentos lhe correram pelo cérebro como fogo sobre a pólvora que ali estava acumulada, esperando pela centelha quente que a televisão se incumbira de acender em seu espírito. Num relance planejou tudo.

Levantou-se e convidou a mulher para dar uma volta de carro com o filho.

Já fazia tempo que não saíam de casa, pois cada vez que isso acontecia, Ioshi arrumava encrenca com alguém que acusava de estar olhando para sua mulher ou, o que era pior, acusando-a de estar olhando para alguém.

No entanto, Ioshi Senju Iso parecia estranhamente pacífico ao realizar aquele convite.

Hatsumi, feliz, arrumou-se e preparou o filho, sem imaginar que o marido estava pretendendo levar a família para o fundo do precipício.

Sem desconfiar de nada, entraram no carro enquanto a mente perturbada de Ioshi fazia mentalmente o trajeto mais adequado para levar o carro ao acidente onde pretendia tirar a vida de todos.

A cidade onde viviam, em zona montanhosa, era farta em caminhos íngremes e escarpados, nos quais as ruelas serpenteavam preguiçosas, tentando vencer os aclives e declives e facilitar o trajeto dos veículos.

Era noite e a garoa fina do inverno tornava as ruas mais escorregadias. Não haveria dificuldade em fazer o carro rodopiar e projetar-se no abismo, fazendo parecer acidente aquilo que era frio homicídio.

Tomando o rumo que desejava, Ioshi empreendeu velocidade exagerada ao veículo para que não houvesse como controlá-lo de última hora.

E quando o carro, já desgovernado, tomava o rumo da curva que se via ao longe, Ioshi falou à esposa, com uma calma sinistra:

- Hoje, meu bem, eu vi o seu amante saindo lá de casa...

- O que é isso, Ioshi, você está louco? - respondeu Hatsumi já entrevendo o desequilíbrio do marido.

O carro corria em direção à curva perigosa.

- Não adianta negar, eu sei quem ele é, pois segui até o seu destino e vi que o verdadeiro pai de meu filho é o dono da padaria. Por isso é que ele sempre me dava algum desconto quando eu ia até lá comprar os pãezinhos para o café do domingo...

- Você não perde essa mania, Ioshi. Você enlouqueceu? Vá mais devagar que nós vamos

tombar nesta velocidade... - falava a voz desesperada da mulher.

- Nós vamos sim, Hatsumi. Vamos morrer para que ninguém seja feliz às custas de minha desgraça. Além do mais, a morte nos levará ao repouso e vamos dormir até o dia do julgamento, quando você será condenada pela traição.

- Kashiko, Kashiko jogue-se no chão - gritava a mãe desesperada, tentando salvar o filho das loucuras do marido. Pare com isso, Ioshi. Eu nunca te traí. O padeiro foi até lá para receber o pagamento do bolo de aniversário surpresa que eu encomendei para você pelo dia de amanhã....

Ao escutar a afirmativa da esposa Ioshi se lembrou de seu aniversário no dia seguinte.

Desesperou-se. Tentou parar o carro, desviar o veículo, mas já não era mais possível.

Nesta altura, a curva chegou e o carro, desgovernado, projetou-se ribanceira abaixo.

No choque, Ioshi perdeu a vida junto com Hatsumi. O pequeno Kashiko, no entanto, protegido pelos alertas maternos, acabou gravemente ferido, mas sobreviveu.

Bombeiros acorreram, voluntários se desdobraram e, depois de algumas horas de resgate, retiraram o casal, sem vida, do interior do veículo destruído.

O filhinho, de quatro anos, foi levado ao hospital para os socorros da emergência.

Do outro lado da vida, no entanto, estavam os dois pais.

Ioshi, esperando o momento do repouso eterno, cientificado momentos antes de que o padeiro havia ido receber o pagamento do bolo que sua esposa havia encomendado para a comemoração de seu aniversário do dia seguinte.

Havia se esquecido, realmente, que no dia imediato completava mais um ano de vida. Seu coração perturbado se tornou ainda mais angustiado depois que percebeu que o filhinho não estava entre os mortos.

Hatsumi havia saído em desespero, buscando o filho no hospital, como espírito aflito que se apegava ao centro do seu afeto.

A sua preocupação com o pequenino inocente a impedia de vislumbrar o marido homicida e suicida.

Ioshi, crente fervoroso, agora tinha dificuldades de esperar a chegada do sono repousante.

Via-se enganado por si próprio e, para identificar a verdade que não soube ver nem buscar, foi levado por espíritos socorristas ao centro cirúrgico do hospital onde o filho estava recebendo os cuidados emergenciais, quando ouviu os médicos dizerem que o menino tivera esmagada a medula e, por isso, ficaria tetraplégico.

Falaram com a enfermagem para que procurassem parentes próximos a fim de poderem assumir a responsabilidade pelo menino.

Eles não foram encontrados.

Ioshi não tinha parentes próximos naquela cidade nem naquele estado do Brasil.

Os que moravam aqui jamais haviam sido procurados por Ioshi, que não queria aproximação com eles para não ter que ajudá-los em alguma coisa de que necessitassem.

Lembraram-se de que Ioshi era frequentador da referida igreja e, quem sabe, lá encontrariam alguém que se dispusesse a ajudar a criança.

O pastor não assumiu qualquer responsabilidade, alegando que não poderia carregar a cruz dos outros e que a cada um cumpria carregar a sua, inclusive ao menino tetraplégico. Estava nas escrituras, no capítulo tal, versículo qual...

Kashiko estava vivo, mas deveria passar o resto da vida em um leito.

Seu caso comoveu os enfermeiros do hospital e os próprios médicos que desconheciam o drama da família.

Hatsumi, desesperada, como mãe inocente, pedia a Deus que ajudasse seu filhinho e, em tal estado de agonia, foi afastada da companhia do filho para que não piorasse o estado debilitado da criança com os seus fluidos desequilibrados.

Ioshi, no entanto, ali permaneceu num tormento dantesco, vendo o filho gemendo de dor, chamando pela mãe ou pelo seu nome, na inconsciência infantil que não entendia ser o próprio pai o causador do acidente deliberado.

Ioshi queria enlouquecer de desespero.

Era o culpado por tudo aquilo, exclusivamente.

Aquilo deveria ser o inferno de verdade.

- Depois da Morte vem o repouso até o dia do Juízo - escutava ele a voz íntima, seguida de uma gargalhada sarcástica.

Não sabia de onde vinha aquilo. Se de dentro dele ou se de fora. Só sabia que não poderia dormir nunca, naquele estado de dor e arrependimento.

Queria se aproximar do filho, sua vítima, e afagar-lhe o rostinho ensanguentado, mas as entidades que o guiavam até ali não permitiam.

O que seria dele?

- Repouso eterno, repouso eterno - e mais gargalhadas sinistras lhe estouravam os ouvidos.

- Meu filho tetraplégico e ninguém para cuidar dele pelo resto da vida? - pensava consigo mesmo.

Que descanso eterno maldito há de ser esse?

Confundido pela realidade colocada diante de suas crenças ingênuas, Ioshi ficou sabendo que uma mulher da cidade, condoída da condição daquela criança, aceitara ser-lhe o anjo bom. Era uma jovem recém-casada que, sem condições de ter filho por causa de um problema biológico que acompanhava-a em decorrência de muitos abortos cometidos em outras existências anteriores, houvera renascido com a tarefa de resgatar seu amor pela maternidade indireta, aceitando os filhos alheios como seus próprios.

E, tão devotada à promessa que fizera antes de nascer ela estava que, ao saber do acidente, das condições do filho sobrevivente, da ausência de parentes ou voluntários para assumir-lhe a guarda, a jovem idealista viu ali o momento marcante de sua vida, a fim de ser digna da maternidade com que tanto sonhara desde que renasceria naquela nova encarnação.

Dirigindo-se ao homicida suicida, a voz da entidade espiritual que o mantinha sob rigorosa direção, qual um encarcerado no próprio mal que fizera, lhe comunicou a notícia:

- Seu filho encontrou um anjo de amor que o acolherá pelo tempo necessário.

- Quem é essa criatura celestial que vai ser mãe de meu desventurado Kashiko? - perguntou Ioshi, em lágrimas.

- É uma jovem que praticou muitos abortos em outras vidas e que renasceu para elevar-se no sentimento maternal e que não pode conceber por causa dos muitos crimes que cometeu no passado. Aceitou, tocada pela tragédia de seu filho, ser fecundada não no útero mas, sim, no coração. Seu marido, o antigo comparsa dos crimes sexuais igualmente aceitou receber o pequenino, como o gesto de amor com o qual pretendem honrar-se perante Deus.

- E o repouso eterno? Para eles também não existe?

- O repouso único que pode existir para todos os filhos de Deus é o da consciência reta e o do dever cumprido.

Os que erraram ontem são chamados a se dignificarem consertando os próprios erros no serviço de Amor ao semelhante.

E assim aconteceu realmente. O casal conseguiu a nomeação legal para acolher o pequeno Kashiko em seu lar e o receberam como quem recebe precioso tesouro do Céu.

Mantiveram-se no anonimato para que o seu gesto não fosse interpretado como desejo de realce social.

O filho que eles não podiam conceber normalmente lhes chegava através da tragédia de outros que desprezaram a paternidade responsável.

Ioshi estava arrasado.

Agora, diante da verdade, suas crenças antigas estavam totalmente distorcidas pelos fatos, muito mais candentes do que as interpretações rigoristas. Não encontrara Satanás. Encontrara a si mesmo fazendo o mal que tanto enxergava nos outros.

Tempos depois, levado pelo espírito amigo que o mantinha sob controle direto visando educar sua natureza rebelde, visitando o filho no quarto modesto e acolhedor, da casa daquele casal abnegado, Ioshi se envergonhou de si próprio.

Pediu clemência. Não desejava dormir até a eternidade carregando aquela culpa e escutando, em forma de pesadelo, o seu filho chorar e chamar o seu nome.

Repentinamente, um raio de luz lhe permeou o pensamento, graças ao exemplo do casal que adotara o filho desventurado.

- Quer dizer, anjo bom, que se dois criminosos de ontem, podem ser os anjos fraternos de hoje, isso também pode ocorrer comigo?

- Claro, Ioshi. A lei de Deus é de Amor e trabalho, não de vingança e descanso na maldade.

- Será então que eu poderia pedir alguma coisa a Deus nesse sentido?

- Ora, meu filho, sua situação é muito trágica, mas Deus é Amor sempre. Vá em frente. Peça!

E colocando as mãos unidas em forma de respeito, cheio de lágrimas que lavavam a sua face ante a tragédia de sua alma, Ioshi pediu:

- Pai querido, você sabe o que significa ver um filho no estado de Kashiko e, ainda mais, por culpa daquele que deveria protegê-lo. Ante os dois anjos bons que o acolheram e que serão seus pais adotivos eu rogo à vossa generosidade que, no tempo que for possível, eu venha a nascer neste lar para que eu possa, amando meu irmãozinho paraplégico, cuidar dele depois que os pais adotivos envelhecerem. Eu preciso renascer para corrigir meus erros e perdoar a mim mesmo de minhas atitudes erradas.

Deixe que eu seja o presente que eles sempre quiseram ter, o filho natural de seu amor, para me transformar naquele que, como eles estão fazendo, corrige o crime que cometeu. É isso que eu lhe peço, humildemente.

Sem conseguir falar mais nada, Ioshi escondeu o rosto entre as mãos e prorrrompeu no choro desesperado dos arrependidos que se culpam e que são educados pelo Amor verdadeiro.

A partir daquele dia, todos os dias de sua existência espiritual Ioshi orava pedindo a Deus que abençoasse aqueles pais adotivos e *para que lhes* concedesse a realização do sonho que tinham, o de conceberem um filho, única maneira de ele voltar ao ambiente daquele lar para

acolher e cuidar do filho que ele próprio ferira com a sua ignorância.

E a alma generosa e firme que o mantinha sob o controle direto afastou-o daquele ambiente, pensando consigo mesma, onde é que, no Universo, deveria estar aquele grande hotel de inutilidade onde os criminosos de todos os tempos dormiam esperando o dia do Juízo.

Se houvesse de existir, deveria estar vazio por falta de hóspedes, todos eles esperando na fila a oportunidade de renascer e corrigir-se.

O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. IV - Necessidade da Encarnação

21 A virtude não está toda só em ti

Reflexo do egoísmo milenar, as criaturas estão sempre desejosas de ser a reserva virtuosa no meio em que vivem.

Homens que se consideram o máximo em correção, julgando as falhas alheias como se jamais errassem.

Mulheres, que se pensam o exemplo de integridade e que, do alto de seu egoísmo disfarçado de virtude e de seu orgulho fantasiado de humildade, tratam com desdém ou indiferença fria os que falharam ou caíram nas armadilhas do caminho.

Em se tratando de pessoas que se refugiam em religiões, isso se torna ainda mais grave, desde que nelas escutam e conhecem as lições da tolerância, da fraternidade, da consideração e do Amor

Em face de frequentarem instituições religiosas, sem exceção, deveriam sentir a riqueza da mensagem do amor para que melhorassem o mundo a partir de si mesmos.

No entanto, quando deveriam ser aquelas que se esquecem para servir os que precisam sem desejarem reconhecimento, é aí, no interior dos templos de todas as crenças que mais se avoluma o desejo de ser a palmatória do mundo, a intenção pretensiosa de ditar conselhos, de apontar falhas, de censurar os que caem.

Muito diferente de dirigir-se para servir de exemplo de decência, a grande maioria quer ser dirigente para dirigir os outros e lhes fiscalizar a decência.

Quando isso ocorre, está sendo implantado o processo de fascinação que leva tais pessoas, cada vez mais, ao abismo da solidão.

E falando em verdades religiosas, detemo-nos na questão da verdade que o Consolador Prometido trouxe ao mundo.

Frequentadores espíritas penetram em centros nos quais, ao longo dos anos, criam raízes e, alimentados pela seiva generosa dos conselhos do mundo espiritual, se transformam em espinheiros.

Desejando seguir o Evangelho para serem reconhecidos como os que mais se esforçam, os que mais trabalham, os que mais devem ser admirados, muitos deles, demonstrando os defeitos de alma de que são portadores, pensam em transformar a casa de Deus no “covil dos ladrões” a que se referia Jesus, furtando as esperanças alheias com palavras torpes, negociando com a sua vaidade a admiração dos que lá se reúnem, desejando trocar favores para se manterem nos postos humanos de realce.

Imaginam que onde estão se encontra toda a virtude.

Não auxiliam os irmãos de jornada que se estabeleceram em outros sítios da mesma doutrina, nem se dispõem a reconhecer o trabalho alheio como digno de enaltecimento, o que o poderia eclipsar-lhes o brilho pessoal.

Imaginam que o mundo espiritual, aquele que, em verdade, dirige todo o trabalho terreno,

seja uma representação grotesca do jogo de interesses e de disputas vaidosas a que se acostumaram os homens. Não pensam que, na grande fraternidade existente na verdadeira vida, espíritos se aproximam, se compreendem, se ajudam independentemente dos nomes das instituições religiosas a que servem, alheios aos louros humanos tão miseráveis quanto as homenagens do pó.

Espíritas, detentores dos mais belos exemplos de humildade e renúncia, escutem o que suas bocas falam todos os dias. Tais ensinamentos são dirigidos, primeiramente, a cada um e a todos vocês.

Não é de competições e mesquinhas que é feito o Reino de Deus.

Não é de disputas miseráveis que se compõe o brilho da Bondade.

Se os que estão fora de seus círculos exclusivos não se conduzem pelos padrões que imaginam ser o mais puro e o melhor, imaginem que é a Deus que compete ensiná-los pela censura ou pela consequência dolorosa de seus atos.

A cada um de vocês compete, apenas, fazer-lhes todo o bem que seja possível, falar do bem, agir no bem.

Ajudar sempre como se, realmente, existisse dentro de si uma tal grandiosa virtude que ultrapassasse as paredes de seu centro, que extravasasse seu coração e chegasse a todos os lugares.

Entreguem a Deus a palmatória da crítica, do menosprezo, da ironia, do julgamento pífio que a sua falsa e mentirosa superioridade moral tem usado para censurar os companheiros.

O Evangelho não tem espaço para estes falsos religiosos, os falsos cristãos e os falsos espíritas que fazem do centro espírita, não a fonte generosa de onde mina a linfa pura e, sim, a cova miseranda dos mais vis sentimentos de inveja, de disputa, de vaidade orgulhosa que os faz se considerarem os oráculos infalíveis quando não passam de médiuns das trevas que trazem em si mesmos, ou instrumentos de espíritos maliciosos..

Do lado de cá, os umbrais mais escuros os esperam com os seus milhares de oráculos da “luz” os que, agora, em desespero de vergonha depois que aportam no reino espiritual disputam entre si um pedaço de lodo na escuridão aonde se projetaram.

Fora de cada um de vocês existe um pouco de virtude que precisa de seu incentivo para tornar-se melhor. E que maior e mais maravilhosa vivência do Evangelho existe do que aquela que os transforme em formadores de homens melhores que você mesmo, à sombra dos quais você permaneça como alicerce que lhes embasa a elevação?

Jesus afirmara que, justamente aquela pedra rejeitada foi a que se usou como a mais importante de toda a construção: A Pedra Angular.

Os que são incapazes de reconhecer, estimular e promover o valor de seus irmãos de jornada cristã, pertençam ou não ao mesmo feudo, com medo que isso os venha a diminuir ou a lhes fazer sombra, ainda não são dignos da Verdade.

Os que se têm em alta conta de virtudes e valores, observem em si próprios quantas vezes procuram enaltecer o valor e as virtudes de seus semelhantes, quanto criticam seus erros, quantas vezes elogiam algum ato singelo, no anonimato do reconhecimento do Bem.

Muitos se mantêm nessa postura mesquinha sob a alegação aparentemente correta de que não elogiam ninguém para não induzi-los à queda da vaidade.

Desculpa bem cortada, na exata medida do interesse do egoísta que não suporta que ninguém possa chamar mais a atenção do que ele próprio. E, para surpresa dos que o conhecem, esse

mesmo avarento, sempre econômico para com os elogios que oferece, está sempre esperando que alguém lhe enalteça as condutas, que o elogie pelo discurso, que o cumprimente pela realização de qualquer coisa no Bem.

Jesus já enfrentava essa mesquinhez dos seus mais próximos seguidores:

“Então se aproximaram dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhes: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir. E Ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça? Responderam-lhe: Permite-nos que na tua glória nos assentemos um à tua direita e outro à tua esquerda. Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu bebo, ou receber o batismo com que sou batizado?

Disseram-lhe: Podemos.

Tornou-lhes Jesus: Bebereis o cálice que eu bebo e receberéis o batismo com que eu sou batizado; quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo, porque é para aqueles a quem está preparado.

Ouvindo isso, indignaram-se os dez contra Tiago e João.

Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes:

Sabeis que os que são considerados governadores dos povos, têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade.

MAS ENTRE VÓS NÃO É ASSIM.

PELO CONTRÁRIO, QUEM QUISER TORNAR- SE GRANDE ENTRE VÓS, SERÁ ESSE O QUE VOS SIRVA; E QUEM QUISER SER O PRIMEIRO ENTRE VÓS, SERÁ SERVO DE TODOS.

POIS O PRÓPRIO FILHO DO HOMEM NÃO VEIO PARA SER SERVIDO, MAS PARA SERVIR E DAR A SUA VIDA EM RESGATE POR MUITOS.” (São Marcos, cap. 10, v. 35 a 45)

Lá estavam os homens de sempre, desejando os melhores postos apenas para si, sem considerarem o mérito e o valor dos outros seus irmãos. E lá estavam também os outros homens cheios de orgulho, que se deixaram envenenar com o despeito pelo pedido de Tiago e João a Jesus. Orgulho ferido, juízo mau, reação de agressividade.

E lá está Jesus a dizer que entre os que o seguem não deve haver disputa e sim constante doação, constante entrega, serviço de amparo a todos, sem exceção.

Do mesmo modo, outra passagem do Cristo aconselha a esta gama de falsos religiosos, falsos cristãos e falsos espíritas, todos bem disfarçados com a fantasia superficial das aparências, graças às quais se desculpam ou pensam ser o que não são.

Aos que não são capazes de entender que há boas coisas em todos os lugares e em todas as criaturas, mesmo fora dos limites daquilo que pensam ser seus domínios religiosos, Jesus assevera, na passagem de- Marcos, cap. 9, v. 38 a 41:

"Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expelia demônios, o qual não nos segue. E nós lho proibimos, porque não seguia conosco. Mas Jesus respondeu: NÃO LHO PROIBAIS; PORQUE NINGUÉM HÁ QUE FAÇA MILAGRE EM MEU NOME E LOGO A SEGUIR POSSA FALAR MAL DE MIM. POIS QUEM NÃO É CONTRA NÓS É POR NÓS.

Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão. "

Cristãos, parai a disputa que mata o Cristo.

Espíritas, interrompei as vossas contendas que pisoteiam o corpo ensanguentado de Jesus

que dizeis querer proteger e servir.

Abri os vossos olhos para vossos reais defeitos pessoais: Afinal, somos todos igualmente imperfeitos, a caminho da perfeição.

Por isso, eis o primeiro mandamento:

Espíritas: amai-vos!

22 Como nos vemos, como nos veem e como somos vistos

Doutor Cristiano Sononome era cirurgião-dentista e dirigente espírita que tinha sob sua tutela uma instituição que ostentava em sua fachada inspiradora homenagem a entidades iluminadas que patrocinariam os ideais daquela agremiação.

Sob os auspícios de tais espíritos luminares, simbolizadores da harmonia, da santidade, da pureza, da sinceridade, deveria ser manancial de luzes infundáveis, amparada pelos exemplos que eles haviam deixado aos homens nas experiências que viveram.

No entanto, Cristiano havia aprendido um Espiritismo de superfície, aquele que torna pessoas burro de carga sem nunca deixarem de ser burros.

Lia as exortações doutrinárias sempre pelo lado que mais lhe parecesse interessante e, não restava dúvida de que se atirava ao trabalho como poucos. No entanto, era o trabalho braçal, o trabalho de fazer coisas, o trabalho de atender pessoas, como se pelo número de quilos carregados, de atividades desenvolvidas por ele no centro espírita ou de pessoas ou entidades atendidas ou tratadas fosse conseguir o paraíso para si mesmo.

Desse modo, Doutor Cristiano nunca se preocupava muito com os outros companheiros à sua volta, como deveria. Usava sempre um verniz delicado de fraternidade, mas não suportava ser contrariado. Sua conversa era sempre a única que valia e, ainda que alguém pudesse fazer as coisas de forma melhor, a maneira intimidadora de Cristiano sempre bloqueava as iniciativas.

A si mesmo, o dirigente se via como o mais adequado expoente doutrinário para orientar aqueles que chegavam ao centro.

Nunca percebia que era rude com os demais. Sempre falava que os outros eram muito sensíveis e se melindravam facilmente.

Mesmo quando encenava frases de humildade, como gostava de fazer, colocando-se como o último dos últimos, o pior dos piores, o mais escuro dentre os escuros, isso soava como uma forma de enaltecimento de suas virtudes. Deveria ser sempre o maior mesmo entre os piores.

Até para ser humilde, era orgulhoso de si próprio. Tinha que ser o maioral até nos defeitos que propalava possuir, exercitando a sua vaidade “humilde”.

Preconceituoso ao extremo, era sempre rigoroso juiz da vida alheia e muitas vezes, com pouca sutileza, aconselhou pessoas a deixarem o trabalho do grupo que dirigia por não estarem se conduzindo moralmente, fora do centro espírita, à altura da tarefa e da seriedade.

Adorava ser tratado de doutor e tratava os doutores sempre com o título à frente do nome para que os outros se vissem obrigados a fazer o mesmo para com ele.

A si mesmo se admirava no íntimo de seus pensamentos mais secretos. Se reconhecia alguém pelos feitos que havia realizado, isso era sempre para realçar a sua própria capacidade, imaginando que não seria possível qualquer pessoa estar acima dele.

Se algum companheiro se visse envolvido em um caso amoroso colhido pelas armadilhas

da sedução que ataca os carentes ou os aflitos do sexo, tratava logo de censurá-lo, afastando-o do trabalho ou mesmo da obra. No entanto, carente como sempre fora, já estava no terceiro casamento, sempre se permitindo apaixonar-se por outra depois que a antiga companheira se tornava monótona.

Para ele mesmo, isso não era nada de mais, já que procurava revestir todas as rupturas com o manto da inocência, para que aparecesse aos olhos dos outros como o homem que foi abandonado, que não foi compreendido, que não foi correspondido.

O protótipo do infeliz servidor que, apesar de todas as suas dores, heroicamente, se mantinha à frente da tarefa.

Doutor Cristiano manipulava as pessoas através desse intercâmbio mesquinho de influências, procurando fazer o bem aqui para, mais adiante, poder contar com o apoio do beneficiado na defesa de suas ideias e na cumplicidade de seus desejos.

Faziatudo sozinho, pois se achava insubstituível. As poucas tarefas que compartilhava, fazia-o por absoluta necessidade, já que era apenas um só. No entanto, pouco espaço permitia ao valor dos outros. A sua casa espírita era a mais perfeita e a única certa. Nela não havia espaço para promover o trabalho de nenhum outro centro espírita. Nenhum aviso, nenhum cartaz, nenhuma notícia de coisas boas que viessem de fora ele permitia que fosse veiculada em sua casa, ainda que, em seus discursos, reconhecesse o imperativo da fraternidade entre todos e a necessidade da unificação entre os espíritas.

Quando via, na sua ou em outras cidades, companheiros devotados ou centros espíritas realizando trabalhos que ele achasse importantes, ao invés de lutar para ajudar aquela casa do Cristo a vencer as suas dificuldades fazendo campanhas solidárias para apoiar aquela iniciativa, voltava para o seu centro com a luminosa ideia de fazer uma obra similar no gênero, mas ainda maior do que aquela, no tamanho.

Tudo levava na contabilidade de quantos já atendeu, quantas centenas de cestas básicas doou, quantos velhos receberam roupas e se expressava sempre com números para demonstrar o tamanho da sua obra. Tinha a mania de ser maior que os outros. Não aprendera a obedecer.

Para tudo tinha a desculpa do “o mundo espiritual me mostrou”...

E lá iam os empregados do centro fazer de tudo para seguir as suas ordens, já que ele era de poucas opiniões a pedir aos outros.

Não suportava que o contrariassem, já que se achava o detentor de todas as virtudes morais e os conhecimentos da doutrina que procurava devorar como a traça que roi os papeis, sem entendê-los na essência.

Era rato de livros, mas pouco disposto a entender os seus conteúdos e a vivê-los para si mesmo. Usualmente recomendava a este ou àquele a leitura de uma ou outra obra espírita para vestir carapuças em seus companheiros. Quando falava em seus discursos, se mantinha como o empavonado palestrante que acha que está fazendo a última e mais brilhante de todas as peças de oratória e não tinha ouvidos para escutar as inúmeras tolices que costurava no meio de algumas informações verdadeiras.

Ao término das pregações, ainda que dissesse da sua ignorância, da falta de conhecimentos, da pouca erudição que possuía, estava sempre esperando, lá no seu íntimo, que o beija-mão dos ouvintes viesse dar-lhe a aprovação à vaidade.

Se os que o escutavam não o cumprimentassem, tomava aquilo como rebeldia e como sinal de que estavam contra ele.

Sim, porque para o seu pensamento, aqueles que não o apoiassem estavam obsedados, mal acompanhados, precisando de tratamento na câmara de passes.

Discordância, então, era processo de fascinação na certa.

Via descaso nos trabalhadores cansados. Enaltecia publicamente pessoas ricas e importantes em detrimento dos humildes e modestos trabalhadores que davam o seu sangue dentro da casa espírita, para ver se conseguia sensibilizar o bolso dos poderosos ou para lhes devolver, em lisonjas imerecidas, o recurso em dinheiro que ofereceram para a manutenção dos ideais vaidosos de seu objetivo pessoal.

Sempre dizia que não sabia o que estava acontecendo, pois os trabalhadores estavam rareando a cada dia. Censurava os que não se apresentavam com vontade efetiva de trabalhar. Eram uns omissos ou preguiçosos. Só ele se mantinha fiel à frente de tudo, tudo tendo que fazer sozinho ou com meia dúzia de dois ou três que não se importavam com as suas manias e seguiam tentando servir Jesus, apesar dele..

Doutor Cristiano só ressaltava alguns companheiros quando estes faziam coisas que enalteciam o centro dele, como o dono do cachorro que o exhibe, não para mostrar as virtudes do animal, mas, tão só, para que vissem quantas coisas notáveis o bichinho era capaz de fazer, a fim de que, em verdade, a competência do dono que o adestrou aparecesse. E quando algum de seus projetos benemerentes não prosperava ou dava certo, costumava dizer que isso tinha ocorrido por culpa dos outros companheiros que ainda não mereciam nem estavam à altura daquela “autorização divina” para mais trabalho. Na verdade, o projeto era só dele. Por isso, aos seus olhos, somente ele tinha o ideal. Os outros trabalhadores da casa, por não entenderem a sua sublimidade, esperavam as coisas com a sua indiferença, fazendo com que o mundo espiritual não permitisse que a obra prosseguisse.

Adorava criticar asperamente a conduta de outros companheiros de doutrina, classificando valorosos trabalhadores como criaturas indignas, vendedores da fé, traficantes dos interesses materiais, sem se aperceber de que ele próprio fazia a mesma coisa quando precisava obter recursos para os seus projetos megalomaniacos.

Era assim que o Doutor Cristiano Sonome se via a si mesmo, sempre pela janela ampla da complacência, acreditando-se modelo de perfeição a ser seguido, pérola atirada no meio do chiqueiro sem ser valorizada devidamente pelos companheiros que não o entendiam.

No entanto, na visão dos companheiros, Cristiano não era desse jeito.

Para muitos, ele estava tomando caminhos personalistas, fazendo coisas para dar vazão aos seus próprios objetivos.

De tal modo ele se punha como insubstituível, que os companheiros viam nele um ser inatingível, que não precisava de mais ninguém, já que não estava edificando a obra de Deus nem do Cristo e sim a obra do Cristiano com a ajuda, modesta é verdade, de Deus e de Jesus.

Sua vaidade feria, sobretudo quando disfarçada com posturas falsamente humildes.

Se havia bondade em seus feitos, em geral, era para demonstrar ostensivamente a condição presunçosa de pessoa generosa.

Por isso, os servidores daquela casa espírita se dividiam assim:

os cegos seguidores, aceitando a condição de burro de carga, apenas;

os admiradores agradecidos que, não tendo melhor centro para ir, lá se estabeleciam quietos como forma de retribuir a ajuda recebida de alguma maneira;

os que se consideravam incapacitados de fazer algo mais ou de se igualarem ao dirigente,

por medo dele;

os que sabiam possuir capacidade de trabalho e tudo faziam para oferecê-la, com o cuidado de não serem mal interpretados pelo dono do centro, como interessados em derrubá-lo;

os que queriam se manter bem com o dirigente e o aplaudiam em suas tolices como se fossem as coisas mais certas do mundo;

os que adoravam ser chamados de doutores na frente dos humildes e pobres, recebendo o enaltecimento do dirigente a quem tratavam, igualmente, de doutor, para ficarem no mesmo patamar superior;

os que viam as coisas erradas, mas não tinham coragem de falar-lhe pessoalmente, para não serem considerados dementados e acabarem discriminados;

os que tinham medo de falar com o tão importante e rigoroso dirigente, sempre disposto a criticar e a ser rude na frente de todos com os que se comportavam inadequadamente;

os que viam em Cristiano o desejo de fazer tudo sozinho, não deixando espaço para mais ninguém, o que fazia com que o deixassem na satisfação de se sentir exclusivo;

os que, não suportando o modo arrogante e duro, agressivo e despótico, travestido de doce e generoso, passavam a considerá-lo um embusteiro, um falso, um traidor do Cristo e se afastavam dali, para sempre, mantendo-se magoados e decepcionados com aquele que deveria lhes oferecer um outro tipo de Evangelho.

Todos os que não eram capazes de ver Jesus e os espíritos luminosos que estavam por trás daquela instituição; todos os que se espelhavam na personalidade e no personalismo daquele irmão acabavam seguindo esse caminho: Começavam encantados com a aparência, se empenhavam em ajudar, começavam a perceber as diferenças entre o discurso e a prática, esfriavam no entusiasmo, passavam a ser meros ouvintes até que, por fim, deixavam o centro, indo procurar coisa melhor, mais afetuosa, mais verdadeira.

Por faltar o Amor sincero e as virtudes evangélicas, Doutor Cristiano Sonome nunca conseguia construir uma afeição sólida entre os que frequentavam aquele centro, já que, por verem seus modos afetados, estabelecendo comparações e disputas ocultas, muitos criavam estas mesmas expectativas, a de serem mais do que o fulano, a de serem chamados para se sentarem à mesa, a de serem aceitos na sala x ou y, a de serem promovidos para lugares que pudessem significar status no meio dos miseráveis que, inocentes e famintos, iam àquela casa de oração em busca do Jesus que multiplicava o pão, mas tinham que se contentar com Cristiano e os outros que multiplicavam o bolor sobre o pão.

Ninguém, no entanto, ousava chegar ao dirigente para dizer-lhe o que pensavam. Não se apoiavam uns aos outros. Não conversavam sobre os problemas e todos temiam que o primeiro que levantasse a voz para falar fosse imediatamente abandonado pelos demais descontentes, acovardados no demonstrarem o seu descontentamento, esperando pelo galo cantar.

Todos fingiam que tudo ia bem e que a roupa do rei era linda, sem coragem para dizer que ele estava desnudo.

Por cima de todos eles, o mundo espiritual acompanhava a trajetória evolutiva dos que ali se acotovelavam.

Olhavam para a essência de cada um, a começar por Cristiano, a quem sempre tentavam ajudar quando ele dava espaço para ser ajudado.

E em suas conversas íntimas, sempre consideravam, revelando como ele era visto pelo mundo invisível:

- Cristiano tem bom coração - dizia um espírito amigo. Possui defeitos, é verdade, mas está melhorando um pouco a cada dia.

- Esperamos que nos próximos **15** anos consigamos torná-lo mais acessível às verdades do Evangelho Real, no próprio coração, afastando-o das perturbações espirituais que o acompanham.

- Ele é carente, necessitado de reconhecimento, trabalhando para obter uma auto-aprovação. Nele há mais ingenuidade do que maldade.

- E verdade... as entidades obsessoras sabem disso também e se apegam a esse modo invigilante - respondia a outra entidade generosa.

- E um adolescente, brincando de ser gente grande - falava outro espírito protetor do grupo.

- Vamos continuar usando-o naquilo que seja possível. No futuro, quem sabe, possamos fazer mais por Cristiano, pelo grupo e pelas entidades necessitadas que o seguem de perto.

Sim, Cristiano Sononome não sabia nem quem era, de verdade, nem o que estava fazendo, mesmo quando pensava ser o melhor dirigente espírita do mundo, fazedor de caridade sem ser caridoso, falador da Boa Nova sem se alimentar dela, esclarecedor dos outros permanecendo na própria ignorância.

Era mais um macaco bem intencionado ou um papagaio adestrado do que um sacerdote sincero.

E dentre o muito que deveria fazer com todos os recursos do tesouro do Evangelho que tinha em suas mãos, servindo ao Cristo

...limitava-se a servir, ...apenas, ... aos ideais do próprio Cristiano!

O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. VI - Advento do Espírito de Verdade